



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Dissertação apresentada ao programa de
pós-graduação em geografia da UFPE como
requisito para obtenção do grau de Mestre
em geografia

DINÂMICA DE PERIURBANIZAÇÃO NA FRANJA URBANA-RURAL DE
CAMARAGIBE: TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E CONDIÇÃO OCUPACIONAL
DOS MORADORES POBRES NUM QUADRO DE DESIGUALDADE SOCIAL

Ailson Barbosa da Silva

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS - DCG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

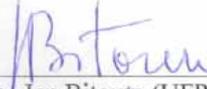
AILSON BARBOSA DA SILVA

Título: “DINÂMICA DE PERIURBANIZAÇÃO NA FRANJA RURAL-URBANA DE CAMARAGIBE: TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E CONDIÇÃO OCUPACIONAL DOS MORADORES POBRES NUM QUADRO DE DESIGUALDADE SOCIAL”

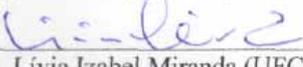
BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: _____


Prof. Dr. Jan Bitoun (UFPE)

1º. Examinador: _____


Profª. Dra. Livia Izabel Miranda (UFCG)

2º. Examinador: _____


Prof. Dr. Caio Augusto Amorim Maciel (UFPE)

APROVADA em 28 de fevereiro de 2011.

Catalogação na fonte

Bibliotecária Divonete Tenório Ferraz Gominho, CRB4-985

S586d

Silva, Ailson Barbosa da

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe : transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social / Ailson Barbosa da Silva. – Recife: O autor, 2011.

142 f. : il., 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Jan Bitoun.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Programa de Pós –Graduação em Geografia – PPGeo, 2011.

Inclui bibliografia.

1. Geografia. 2. Vida urbana – Vida rural. 3. Urbanização. 4. Desigualdade social. 5. Camaragibe(PE). I. (Orientador). Bitoun, Jan. II. Título.

910 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH.2011-17)

Às mulheres mais especiais de minha vida: minha Mãe, Maria de Lourdes e minha avó, Maria da Paixão.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo preciso agradecer a esta força divina que ganha nomes diversos a partir da fé de cada indivíduo. Esta força natural – ou sobrenatural – que me deu forças para concluir este trabalho e enfrentar os desafios colocados pela pesquisa.

Ao Professor Jan Bitoun pelas horas de reflexões e contribuições para esta pesquisa e por ter aceitado o desafio de orientar um projeto de pesquisa que se originou das impressões pessoais de um observador/pesquisador.

À Mainha (Dona Lourdes) que foi minha “matrocinadora” na graduação e que sempre esteve ao meu lado nas horas difíceis deste trabalho. Como uma ex-frequentera de Aldeia – já que trabalhou na Telebrás/Aldeia por mais de 20 anos – foi também uma fonte de informações quanto às transformações que Aldeia vem sofrendo nos últimos anos.

À minha Avó, Dona Maria da Paixão, que é um exemplo de mulher, guerreira, trabalhadora e exemplo de pessoa. Foi ela que durante muitas noites trazia café quente quando eu entrava pela noite a fora estudando ou produzindo.

Outras pessoas precisam ter seus nomes mencionados e que fazem parte, diretamente, de minha vida acadêmica. À Professora Doutora Livia Miranda que me oportunizou um primeiro estágio no Observatório Pernambuco de Políticas Públicas e ainda à Professora Doutora Maria Ângela de Almeida Souza que orientou meu primeiro projeto de iniciação científica dando uma contribuição fundamental para meus primeiros passos no universo da pesquisa.

Outros tantos colegas e companheiros precisam ser nominalmente citados: Amíria Brasil que no momento de crise da seleção para o Mestrado me incentivou com suas palavras doces a continuar e enfrentar a prova; Alyson Campos, Clara Moreira, Amanda Florêncio, Monica, Sofia, Rebeca e Ana Virgínia todos do Observatório PE. À Rede Observatório das Metrôpoles pela oportunidade de fazer parte dessa rede de pesquisas considerada uma das mais importantes do Brasil.

Ao amigo Jorge Santos pela contribuição incondicional para realização das entrevistas e por ter em várias oportunidades dirigido o carro até Aldeia, já que não existia outra forma de acesso. Não poderia deixar de agradecer ao meu eterno amigo Guilherme (*in memoriam*) pelo entusiasmo e consideração de sempre. Certamente, estaria vibrando de alegria por mais esta conquista.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

À minha amiga Luciana Silva com quem dividi a angústia de produção deste trabalho, mas com quem dividi muitas alegrias pelas conquistas alcançadas. E ao amigo Alexandre Fonseca pela correção do Abstract.

Ao companheiro Edilson Costa um dos maiores incentivadores deste trabalho ajudando sempre com suas críticas e cobranças. Valeu! Certamente és responsável por uma parte importante do que hoje se constitui esta dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco e em especial ao PPGeo.

À biblioteca do Programa de Pós-graduação em geografia da UFRJ que abriu as portas para a realização da pesquisa bibliográfica e onde foi possível levantar um número considerável de material que embasaram a parte conceitual deste trabalho. E à Prefeitura Municipal de Camaragibe pelo material disponibilizado.

Ao Fórum Sócio-ambiental de Aldeia pela contribuição impar na indicação dos moradores de condomínios e na tentativa de facilitar o acesso aos mesmos. O Fórum é uma experiência de organização política em área periurbana e que merece não só aplausos, mas uma investigação a respeito de seu poder de mobilização e organização social. E em especial aos síndicos, condôminos e administradores dos Condomínios Divinópolis, Torquato de Castro I e II, Rica Flora, Luzanópolis, Parque Cedros, Flor da Mata, Vale das Acácias, Sete Casuarinas, Clube Alvorada, Vila Bela, Rica Flora e Flor do Araçá.

Um agradecimento especial precisa ser ofertado aos trabalhadores de condomínios que são os atores principais deste trabalho e que se constitui numa trama a ser revelada nas páginas a seguir. Sem a boa vontade de passar alguns minutos revelando a história de suas vidas não teria realizado esta pesquisa.

Não posso esquecer-me de Carminha Brandão, moradora de um condomínio de Aldeia, que abriu as portas do seu condomínio facilitando, inclusive, as primeiras entrevistas, além de ter aplicado o questionário teste dessa pesquisa. Ao amigo Carlitos e aos moradores entrevistados.

Por fim, preciso agradecer à FACEPE pela oportunidade de receber uma bolsa de pesquisa sem a qual, certamente, não teria concluído o presente trabalho.

RESUMO

As franjas urbana-rural como área de crescimento das cidades precisam ser observadas de formas diferenciadas e não apenas como área de preservação ambiental ou território rural em transformação que pouco a pouco vai se urbanizando. Nestas áreas encontram-se fenômenos sociais importantes como a pobreza, a violência e os problemas tipicamente urbanos que aliados às transformações de uso da terra vão modificando a estrutura do lugar. Além disso, a exploração da terra para fins habitacionais destinados à classe média acaba por promover mudanças tanto na estrutura de uso da terra quanto nas ocupações profissionais. Em Aldeia, entre os anos 1970 e 2000, são verificadas transformações que mudaram em muito a face localidade, o modo de uso da terra e as características da população local. A fixação da classe média em Aldeia gerou uma série de demandas, tais como mão-de-obra para manutenção de seus empreendimentos, instalação de equipamentos comerciais e promoção de melhorias de infra-estrutura de serviços. Este movimento provocou a atração de uma massa de trabalhadores em busca das oportunidades que os novos empreendimentos habitacionais, comerciais e de serviços passaram a ofertar. Desta forma, cresceu a periferia pobre de Aldeia em função dos novos postos de trabalho que foram sendo oferecidos pela localidade e este crescimento foi alimentado por uma massa de trabalhadores vindo da Zona da Mata, Agreste e RMR. Este contingente de trabalhadores foi aos poucos ocupando as oportunidades de trabalho nos condomínios da localidade. Aldeia aparece, portanto, como um importante espaço de oportunidades para a RMR absorvendo não só trabalhadores locais como atraindo uma massa considerável de trabalhadores da RMR e mesmo de fora dela.

Palavras chave: Franja urbana-rural, Periurbanização, Camaragibe, Aldeia, Desigualdade.

ABSTRACT

The urban-rural fringe as an area of growth of cities must be observed in different forms and not just as an environmental preservation area or territory in rural transformation that is slowly urbanizing. These areas are important social phenomena such as poverty, violence and problems that typically urban allies to change the land use will modify the structure of the place. Moreover, the exploitation of land for housing for the middle class ends up promoting changes in both structure and land use in professional occupations. In Aldeia, between the years 1970 and 2000 are verified transformations that changed the face very location, mode of land use and characteristics of the local population. The setting of the middle class in the Aldeia began requiring a series of demands, such as manpower for the maintenance of its projects, installation of commercial equipment and services and encouraging improvements in infrastructure services. This movement caused the attraction of a mass of workers in search of opportunities that new housing developments, commercial and service have to offer. Thus grew the poor outskirts of the Aldeia in terms of new jobs that were being offered by the locality and this growth was fueled by a mass of workers coming from the Zona da Mata, Agreste and RMR (Metropolitan Region of Recife). This group of workers was gradually occupying the job opportunities in the condominiums of the town. Aldeia appears therefore as an important window of opportunity for RMR absorbing local workers and attracting a considerable mass of workers in the RMR and even outside.

Keywords: Fringe urban-rural, periurban, Camaragibe, Aldeia, Inequality.

LISTA DE SIGLAS

APA – Área de Proteção Ambiental

CIPER – Companhia Industrial Pernambucana

COMPESA – Companhia Pernambucana de Saneamento

CONDEPE/FIDEM – Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco

EIA – Escola Internacional de Aldeia

FACEPE – Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do estado de Pernambuco

FOP – Faculdade de Odontologia de Pernambuco

FSA – Fórum Socioambiental de Aldeia

FUNDARPE – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

IPTU – Imposto de Propriedade Territorial Urbana

LUOS – Lei de Uso e Ocupação do Solo

OCDE – Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico

ONU – Organização das Nações Unidas

PMCg – Prefeitura Municipal de Camaragibe

RM – Região Metropolitana

RMR – Região Metropolitana do Recife

RPA – Região Político Administrativa

SFH – Sistema de Financiamento Habitacional

SM – Salário mínimo

TELEBRÁS – Empresa de Telecomunicações Brasileiras

UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

ZEIS – Zona Especial de Interesse Social

ZEPE – Zona Especial de Preservação Ecológica

ZPP – Zona de Proteção Permanente

Lista de quadros

Quadro 01: Regiões Político-administrativas de Camaragibe – Área, população, densidade

Quadro 02: Crescimento populacional de Camaragibe 1970-2000

Quadro 03: Armazéns e imobiliárias ao longo da PE-27

Quadro 04: Percentual de renda apropriada do chefe familiar com até 1 salário mínimo por bairro – RPA 5

Lista de Figuras

Figura 01: Esquema de Bryant

Figura 02: Esquema das zonas de influência de Chabot

Figura 03: Região de Aldeia.

Figura 04: Casarão Imperial do Engenho Camaragibe

Figura 05: Ocupação em área de morro, vista da Estrada de Aldeia (km1)

Figura 06: Moradias em área de risco – à beira da Estrada de Aldeia e área de barreira

Figura 07: Vista da Estrada de Aldeia

Figura 08: Mapa de bairros do Município de Camaragibe

Figura 09: Macrozoneamento de Camaragibe MPA e MQU

Figura 10: Ortofotocarta 7250/75 – Vera Cruz/Aldeia

Figura 11: Parte da Ortofotocarta 7155/75 – Vista da entrada de Vera Cruz a partir da PE-27 (Estrada de Aldeia)

Figura 12: Ortofotocarta 7250/86 – Vera Cruz/Aldeia

Figura 13: Ortofocarta 7155/86 – Vera Cruz/Aldeia a partir da PE-27 (Estrada de Aldeia)

Figura 14: Foto aérea FX 117_008 1996. Vera Cruz.

Figura 15: Parte da Ortofocarta 7250/75 – área onde foi implantado posteriormente o Condomínio Rica Flora

Figura 16: Parte da Ortofotocarta 7250/86 – Início do loteamento de terras e implantação do Condomínio Rica Flora

Figura 17: Foto aérea FX 115_009. Condomínio Rica Flora

Figura 18: Parte da Ortofotocarta 7250/1975 – Área circundada de terras agricultáveis

Figura 19: Parte da Ortofotocarta 7250/1975 – Área circundada de terras agricultáveis

Figura 20: Foto aérea FX 114_11/1996. Localização onde se implantara posteriormente o Condomínio Torquato da Castro 2.

Figura 21: Parte da Ortofotocarta 7250/1975. Área desabitada circundada de terras agricultáveis

Figura 22: Parte da Ortofotocarta 7250/1986. Área ainda desabitada, circundada de terras agrícolas

Figura 23: Foto aérea FX116_011 1996. Localização onde foi implantado, posteriormente, o Condomínio Flor do Araçá em 2002

Figura 24: Parte da Ortofotocarta 7155/75. Área circundada de terras agricultáveis

Figura 25: Parte da Ortofocarta 7155/86

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Figura 26: Foto aérea FX18_011 1996. Localidade onde foi implantado o Condomínio Divinópolis

Figura 27: Parte da Ortofotocarta 7155/75. Em destaque localidade, aparentemente, intocada e que sofre processo de desmatamento ao longo dos anos posteriores

Figura 28: Parte da Ortofotocarta 7155/86. Em destaque localidade, aparentemente, intocada e que sofre processo de desmatamento ao longo dos anos posteriores

Figura 29: Foto aérea FX 15_26. Localidade onde foi implantado o Condomínio Vila Bela em 2004

Figura 30: Parte da Ortofotocarta 7550/86. Área onde atualmente encontra-se o Condomínio Torquato de Castro 1

Figura 31: Foto aérea FX 114_11. Primeiras construções nas terras do Loteamento Torquato de Castro 1

Figura 32: Casa de alto padrão construtivo em condomínio de Aldeia

Figura 33: Armazém Famalicão, localizado no Km – 12 da Estrada de Aldeia

Figura 34: Imobiliária Paulo Vieira Paz, Km – 09 da Estrada de Aldeia

Figura 35: Lavanderia, posto de gasolina, escritório de uma construtora e um *mini-shopping*

Figura 36: Vista da Estrada de Aldeia

Figura 37: Propaganda do Fórum Socioambiental da Aldeia

Figura 38: Vista da Zeis Asa Branca/Vera Cruz

Figura 39: Vista da comunidade do Piin

Figura 40: O padrão precário das habitações em Vera Cruz

Figura 41: Transporte complementar em Vera Cruz

Figura 42: Bicicletas e motos dos trabalhadores de condomínios em Aldeia

Figura 43: Bicicleta, carroça e carros da Estrada de Aldeia: formas de transporte

Figura 44: Moradia precária em Vera Cruz

Figura 45: Escola Municipal São José

Figura 46: Escola Estadual Torquato de Castro

Figura 47: Cisterna para acumulo de água no bairro de Vera Cruz

Figura 48: Água acumulada em bacias e baldes para banho

Figura 49: Água acumulada em baldes para o consumo doméstico diário

Figura 50: Esgoto despejado nas ruas de Vera Cruz

Figura 51: Alternativa à falta de sistema de saneamento em Aldeia - Fossa séptica numa residência popular em Asa Branca/Vera Cruz

Figura 52: Lixo nas ruas de Vera Cruz

Figura 53: Centro comercial de Vera Cruz

Figura 54: Momento de entrevista com Trabalhadores de um condomínio

Lista de gráficos

Gráfico 01: Período de transferência das famílias dos trabalhadores em condomínios em Aldeia para comunidade de Vera Cruz

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Gráfico 02: Fatores de atração da classe média para Aldeia na opinião dos trabalhadores em condomínios

Gráfico 03: Localidade de moradia dos trabalhadores em condomínios de Aldeia

Gráfico 04: Avaliação dos trabalhadores em condomínios e moradores de Vera Cruz sobre o serviço de transporte público local

Gráfico 05: Avaliação dos trabalhadores em condomínios e moradores de Vera Cruz sobre a educação pública local

Gráfico 06: Avaliação dos trabalhadores em condomínios e moradores de Vera Cruz a respeito do sistema de abastecimento de água local

Gráfico 07: Avaliação dos trabalhadores em condomínios e moradores de Vera Cruz a respeito do sistema de coleta de lixo local

Gráfico 08: Avaliação dos trabalhadores em condomínios e moradores de Vera Cruz sobre o comércio local

Gráfico 09: Motivo da migração para Aldeia segundo os trabalhadores de condomínios moradores de comunidades pobres

Gráfico 10: Setor de atividade profissional dos pais de trabalhadores em condomínios de Aldeia

Gráfico 11: Setor de atividade profissional dos pais dos trabalhadores em condomínios residentes em Aldeia

Gráfico 12: Localidade de moradia dos trabalhadores em condomínios de Aldeia

Gráfico 13: Região de origem familiar/trabalhadores em condomínios e moradores de alguma comunidade em Aldeia

Gráfico 14: Localidade de origem familiar/trabalhadores em condomínios e moradores de alguma comunidade em Aldeia

Gráfico 15: Municípios de origem dos trabalhadores em condomínios residentes fora de Aldeia

Gráfico 16: Trabalhadores que possuem parentes da agricultura

Gráfico 17: Sexo dos trabalhadores em condomínios de Aldeia

Gráfico 18: Área/atividade desempenhada pelos trabalhadores nos condomínios

Gráfico 19: Renda obtida nos condomínios como renda principal da família

Gráfico 20: Média de renda familiar dos trabalhadores em condomínios de Aldeia

Gráfico 21: Faixa de escolaridade dos trabalhadores em condomínios de Aldeia

Gráfico 22: Opção por trabalhar nos condomínios

Lista de mapas

Mapa 1: Região de Aldeia

Mapa 2: Divisão político-administrativa do município de Camaragibe

Mapa 3: Expansão Urbana de Vera Cruz 1975-2000

Mapa 4: Localização dos condomínios em Aldeia

SUMÁRIO

Introdução	13
Procedimentos da pesquisa	16
CAPÍTULO I	
1. REVELANDO OS CONCEITOS ADOTADOS	
1.1 Da urbanização à periurbanização	19
1.2 Urbano e rural	25
1.3 Franja urbana-rural	28
CAPÍTULO II	
2. CARACTERIZAÇÃO DE ALDEIA	
2.1 Localização de Aldeia na aglomeração do Recife	36
2.2 Formação da aglomeração do Recife em meados do século XX	41
2.3 Camaragibe como um subúrbio	43
CAPÍTULO III	
3. PERIURBANIZAÇÃO EM ALDEIA	
3.1 O processo de periurbanização em Aldeia e as transformações de uso de solo	49
3.1.1 As transformações de uso do solo a partir da análise das ortofotocartas (1975/1986) e fotos aéreas (1996)	49
3.1.2 As transformações em Aldeia a partir da fala dos entrevistados	72
3.2 Desigualdade e pobreza em Aldeia: o exemplo de Vera Cruz	84
3.2.1 Vera Cruz na opinião dos trabalhadores em condomínios e moradores do lugar	87
3.3 Trajetória da população local	98
3.3.1 Trabalhadores em condomínios e moradores de Aldeia	101
3.4 Aldeia: aspectos da transformação	109
3.5 As relações de trabalho dos empregados de condomínios em Aldeia	115
3.6 Considerações finais	121
Referências	125
Anexos	128

Introdução

Esta dissertação fundamenta-se numa investigação acerca da franja urbana-rural de Aldeia no município de Camaragibe e busca compreender como o avanço do urbano sobre a área vem produzindo transformações econômicas, ocupacionais e sociais, através de um recorte temporal compreendido entre os anos de 1970-2000.

O projeto de dissertação apresentado ao Programa de Pós Graduação em Geografia da UFPE surgiu da percepção de algumas transformações que vêm ocorrendo na franja urbana-rural da Região Metropolitana do Recife. A escolha de Aldeia como objeto de investigação se deu pela própria estrutura fundiária local, em que se evidencia uma transformação de uso do solo muito intrigante e perceptível nas últimas décadas. Além disso, em Aldeia é possível encontrar moradores com diferentes perfis, enredado em relações estreitas, principalmente, entre aqueles que moram nos condomínios de classe média e os seus prestadores de serviços, que em geral residem nas comunidades pobres do entorno.

Delimitaram-se como problemática principal as transformações ocorridas na franja urbana-rural de Aldeia que surgem como conseqüência de um processo que se instala naquele território a partir dos anos 1960. É para esta região que seguem volumosos investimentos imobiliários a partir de então, seguindo um modelo clássico de ocupação das bordas urbanas das grandes cidades. Evidentemente, alguns fatores foram primordiais no processo de expansão periférica e na formação da “nova” Aldeia. Tais fatores serão melhores explicados no decorrer deste trabalho.

Com a consolidação dos empreendimentos imobiliários na região de Aldeia e a chegada de uma série de serviços e equipamentos que facilitaram a fixação de residência dos novos moradores Aldeia passa a ser vista como espaço de fuga da violência e do caos urbano do Recife, além de se tratar de um território em que o contato com a natureza torna-se um atrativo fundamental.

Aldeia se consolida como um dos novos *fronts* de expansão de RMR e passa a conhecer novos usos do solo e novos habitantes com perfis profissionais diversos.

Nas últimas décadas a população pobre aumenta, bem como seus assentamentos, além dos problemas ambientais, sociais e de infra-estrutura. Esta população pobre passa então a acompanhar as transformações locais buscando oportunidades de trabalho e emprego junto aos empreendimentos que se instalam na localidade.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Diante do quadro explicitado definiu-se como objetivo geral da pesquisa a realização de uma análise da dinâmica da periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe entre os anos de 1970-2000. Buscou-se, assim, compreender as transformações ocorridas na localidade tanto do ponto de vista espacial, quanto a respeito da mão-de-obra local, suas origens e percepções a respeito do movimento de periurbanização que ocorre na região. Buscou-se também averiguar o perfil dos moradores do entorno dos condomínios de classe média, bem como o processo de subordinação desses moradores pobres em relação à classe média local e analisar como a chegada de empreendimentos imobiliários, sob a forma de condomínios, modificou as características de utilização do solo em Aldeia.

Ainda dentre os objetivos da presente pesquisa estava a realização de uma investigação das transformações ocorridas quanto à instalação de equipamentos e serviços tipicamente urbanos para atender às demandas da classe média local, assim como produzir uma caracterização das relações de trabalho entre os condôminos e os moradores de áreas pobres de seu entorno.

Já a respeito das hipóteses iniciais para este trabalho partiu-se do princípio de que entre os anos de 70 e 2000 houve um processo de profunda transformação do uso do solo na franja urbana-rural de Camaragibe, onde a chegada de empreendimentos imobiliários de classe média modificou a tipologia de exploração do solo e as relações de trabalho, transformando a estrutura das ocupações profissionais da população pobre local. Também se estabeleceu em Aldeia um processo de diferenciação residencial, fruto da produção de empreendimentos imobiliários para classe média acompanhado da expansão da periferia pobre local. No embalo do movimento de promoção de empreendimentos imobiliários para classe média efetivou-se a instalação de equipamentos e serviços tipicamente urbanos voltados a atender a demanda da classe média que se instalara no local. Desta forma, procedeu-se a um processo de transformação de antigas formas de uso do solo para dar lugar a estes novos usos e lógicas de ocupação.

Ainda dentre as hipóteses iniciais se propôs que a existência de comunidades pobres próximas aos condomínios de classe média destaca-se como reserva de mão-de-obra prestadora de serviços aos mais ricos e aos condomínios. Desta forma, a ampliação do número de oportunidades de trabalho surgidas a partir do processo de periurbanização e instalação de condomínios fez crescer o processo de

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

transferência de mão-de-obra, tanto da RMR quanto da Zona da Mata pernambucana, para ocupar estes novos postos de oportunidades que passaram a ser ofertadas a partir dos condomínios em Aldeia.

O presente trabalho está dividido em três partes. No primeiro capítulo são apresentadas algumas reflexões conceituais sobre urbanização e periurbanização, urbano e rural e sobre franja urbana-rural. No segundo capítulo é realizada uma caracterização de Aldeia, além de destacá-la no município de Camaragibe e no aglomerado urbano recifense. Na terceira parte são apresentados os resultados da pesquisa de campo que revelaram muitas das transformações espaciais e sociais que vem ocorrendo ao longo das últimas décadas em Aldeia. É ainda apresentado o resultado de uma série de entrevistas com trabalhadores formais de condomínios de Aldeia, assim como com antigos moradores da localidade que buscaram sempre desvendar a trama que consiste aquela localidade ao longo das últimas décadas e revelar as relações de trabalho, as condições de vida e transformações na trajetória familiar dos trabalhadores locais. Os procedimentos da pesquisa são apresentados na primeira parte do trabalho.

Procedimentos da pesquisa

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram adotadas algumas estratégias de análise que desembocaram nos resultados finais deste trabalho. Inicialmente, foi delimitada a área a ser pesquisada, já que o objeto inicial de estudo se revelou exageradamente extenso para uma pesquisa com pouquíssimo tempo para ser produzida. Assim, foi selecionada a parte da região de Aldeia correspondente ao território do município de Camaragibe. Com esta delimitação foi possível realizar algumas incursões à região que permitiram um melhor conhecimento do objeto a ser estudado.

Reconhecida a área de estudo foi realizado um trabalho de levantamento bibliográfico e de dados estatísticos junto a órgãos governamentais, tais como IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e PMCg (Prefeitura Municipal de Camaragibe). Com o IBGE pudemos identificar os setores censitários correspondentes e a descoberta da indisponibilidade de dados estatísticos para setores censitários correspondentes aos Censos de 1970 e 1980. Isto acabou por exigir uma redefinição de estratégias no sentido de compreender o tamanho da população local para estas décadas. Com a Prefeitura de Camaragibe foi possível levantar um diagnóstico municipal, além de mapas e outros documentos oficiais quanto ao território municipal.

Realizado esta primeira etapa da pesquisa foi necessário incorrer num levantamento bibliográfico que viesse a dar conta das questões teóricas as quais a pesquisa se propôs realizar. Assim, a identificação de livros, dissertações e teses que tratam desta temática foi parte importante desta produção. Constatou-se que ainda existe uma bibliografia reduzida sobre a temática da periurbanização no Brasil e, principalmente, nas bibliotecas da Universidade Federal de Pernambuco. Desta forma, foi necessário recorrer à biblioteca da Universidade Federal do Rio de Janeiro para levantar material bibliográfico sobre o tema. Já sobre a questão rural/urbano existe uma ampla produção nacional acessível nas bibliotecas locais.

Produzida a parte conceitual da pesquisa procedeu-se uma pesquisa de campo que foi antecipada por contatos prévios com moradores de condomínios em Aldeia por meio do Fórum Socioambiental de Aldeia.

A pesquisa de campo foi de fundamental importância para se chegar aos resultados finais deste trabalho, já que forneceu além de contato direto com o objeto de estudo,

oportunidades essenciais de contato com trabalhadores de condomínios que se constituem nos atores principais da presente pesquisa. Além disso, a dificuldade de acesso a informações na escala trabalhada levou-nos a optar pela coleta direta de informações *in locu*.

Participar das atividades do Fórum contribuiu para uma aproximação com os moradores dos condomínios, além de compreender e aproximar a pesquisa da realidade local de Aldeia.

A pesquisa de campo foi constituída de um questionário estruturado acompanhado de questões abertas que buscaram identificar a trajetória familiar dos atuais trabalhadores formais de condomínios de Aldeia. Além disso, buscou-se identificar a localização de moradia e a trajetória familiar dos trabalhadores de condomínios que não residem na localidade. Desta forma, objetivou-se sempre compreender os motivos da mobilidade de mão-de-obra para esta região.

Foram, portanto, aplicados 104 questionários que depois de analisados responderam as questões propostas para este trabalho. Os questionários foram aplicados aos trabalhadores de condomínios de Aldeia que foram abordados diretamente no ambiente de trabalho, sempre com a facilitação dos síndicos e administradores. Diante da dificuldade de informações demográficas disponíveis sobre a área de Aldeia optou-se pela realização de análise de ortofotocartas das décadas de 70 e 80 e das fotos aéreas da década de 90. As ortofotocartas foram adquiridas na Fidem (Agência Estadual de Planejamento e Pesquisa de Pernambuco) e as fotos aéreas conseguidas junto ao Observatório das Metrôpoles. Este procedimento respondeu as questões relacionadas às transformações de uso do solo e do crescimento populacional dentro do período proposto para esta investigação.

Outra etapa da pesquisa foi realizada junto a antigos moradores da região que, a partir de seus depoimentos, revelaram as principais transformações que vem ocorrendo em Aldeia nos últimos trinta anos. A pesquisa junto a estes moradores se deu por meio de entrevista aberta sempre buscando identificar as principais impressões destes moradores quanto às transformações espaciais e crescimento dos problemas urbanos da região de Aldeia. O contato com estes moradores foi realizado a partir de uma lista de contatos disponibilizada pelo Fórum Socioambiental de Aldeia.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Foi realizada, ainda, uma entrevista com o Secretário de Planejamento de Camaragibe buscando sempre entender a compreensão do poder público municipal quanto ao território de Aldeia e como as políticas de planejamento estavam tratando os desafios a serem enfrentados na relação com o território periurbano de Aldeia.

Visitas exploratórias foram realizadas em Aldeia para compreender a atual realidade do lugar, as características urbanas, os problemas e os desafios enfrentados pela população mais pobre. Assim, foram realizadas visitas à comunidade de Vera Cruz que revelou uma alarmante situação de pobreza em meio a uma Aldeia que se transforma de forma acelerada. Esta visita permitiu registrar imagens e encontrar personagens que contam parte da história do lugar.

É Válido destacar que o pouco tempo para realização da pesquisa, devido o modelo de pós-graduação existente no Brasil, levou-nos a fazer algumas opções ao longo da realização do trabalho. Dentre as opções a de focar nossas entrevistas nos funcionários formais dos condomínios de Aldeia em substituição ao universo de trabalhadores e prestadores de serviços daqueles empreendimentos.

CAPÍTULO I

1. REVELANDO OS CONCEITOS ADOTADOS

1.1 DA URBANIZAÇÃO À PERIURBANIZAÇÃO

Compreender os conceitos de urbanização e periurbanização é meio necessário para se entender a gênese deste trabalho. Em suma os conceitos evidenciam processos comuns de formação e expansão das cidades e de transformação social. Mas são as características particulares da periurbanização que a diferencia da idéia central de urbanização.

No século XIX foi a industrialização o grande motor da urbanização (GEORGE, 1983). Iniciada no velho mundo – mais precisamente na Inglaterra, com o desenvolvimento dos motores a combustão - expandiu-se para outras partes do planeta Terra numa velocidade extremamente grande. Ledrut (1971 p.7) assinala que a urbanização é uma marca característica das sociedades industriais contemporâneas, para o autor esse fenômeno pode se dar tanto pelo acréscimo da porcentagem da população citadina, pelo aumento do número de grandes cidades ou pelo aparecimento de vastas áreas urbanas.

Para George “A revolução industrial, por ter inaugurado uma economia de âmbito planetário dirigida por seus realizadores, estende-se pelo mundo todo, sendo bem poucos os conjuntos urbanos que não sofreram seus efeitos” (p.27).

O processo de industrialização provocou movimentos migratórios rumo às cidades de grandes massas de trabalhadores que buscavam ocupar as oportunidades de trabalho oferecidas pelas indústrias. Neste sentido Clark (1982, p.95) considera que o crescimento natural das cidades é reforçado pela migração, no qual é em parte uma resposta às oportunidades oferecidas em termos de emprego e padrões de vida.

O enfrentamento desses problemas se deu através da expansão do espaço urbano rumo às periferias, com a construção de conjuntos ajardinados e loteamentos periféricos que atendiam a uma demanda crescente de habitações distante do conjunto urbano edificado (GEORGE, 1983).

Segundo Egler (2001, p.3)

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

O crescimento das cidades e, principalmente, o das megacidades, representa um dos fatos relevantes da história do século XX. Há duas gerações, os habitantes do planeta eram majoritariamente rurais

Na primeira década do século XXI a sociedade mundial se constitui como predominantemente urbana e as projeções futuras são de crescimento contínuo da população urbana mundial. Para a ONU serão 55% da população mundial vivendo em cidades em 2015 e 61% em 2025.

“Em 1973, os países em desenvolvimento ultrapassaram os industrializados. Desde então, esse crescimento é contínuo em detrimento das economias industrializadas. O crescimento mais relevante é observado na África, que em 40 anos teve sua população urbana multiplicada por 12” (EGLER 2001, p.13). O Brasil, seguindo a lógica internacional, também tem recebido enormes incrementos de população urbana.

O Brasil não ficou indiferente ao processo de urbanização mundial. Egler (2001) assinala a existência de três fases de formação territorial no Brasil, que vai desde o século XVI até os dias atuais, e que se destacam pelas estreitas relações cidade-campo e que resultaram na formação urbana do país.

A primeira foi a da Formação Territorial Escravista Atlântica. Esta fase corresponde do Período Colonial (1500-1534) até o Império Nacional (1808-1822). Segundo Egler neste período

Cidade e campo eram verso e reverso do estabelecimento mercantil e, na verdade, não havia uma separação explícita de funções entre eles, desempenhando atividades complementares que operacionalizavam o funcionamento da exploração agrária ou mineradora colonial. (p.38)

Nesta etapa as cidades começam a adquirir funções urbanas, dentre as quais se destaca a capacidade de acumulação do capital mercantil.

A segunda fase foi a de Formação Territorial Agromercantil Nacional. Esta correspondeu ao período entre 1870-89 até 1930-45, "constituindo-se o campo a principal fonte de riquezas, e a cidade seu *locus* de comercialização, seja para o mercado mundial, seja para o mercado doméstico que começa a se expandir".

A terceira fase foi a da Formação Territorial Urbano-industrial Nacional. Esta fase se consolida a partir dos anos 1930, e se caracteriza pelo processo de industrialização

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

que passa a determinar a lógica de acumulação. Segundo Egler esta fase estava subdividida em três etapas:

- Industrialização Restringida: de 1930-45 a 1956-60, quando a lógica da acumulação ainda dependia visceralmente da capacidade de exportar bens agrícolas, em função de sua dependência da importação de bens de produção do mercado mundial;
- Industrialização Pesada: de 1956-60 a 1975-79. O Plano de Metas e a industrialização pesada comandada pelo Estado, que se estende até o II Plano Nacional de Desenvolvimento, foram responsáveis por uma expressiva aceleração no ritmo de crescimento do mercado doméstico, que se expressa em novas relações cidade/campo, iniciando o processo de constituição da rede urbana integrada em âmbito nacional;
- Internacionalização Financeira: de 1975-79 a 1991-95, caracterizada pela crise e esgotamento fiscal e financeiro do Estado Nacional, cuja capacidade de comandar o processo de industrialização foi seriamente comprometida pelo endividamento interno e externo. A lógica do investimento passa a ser diretamente comandada por empresas transnacionais e pela presença do capital privado a elas associado. O período caracteriza-se pela redução do ritmo de crescimento das grandes metrópoles (São Paulo e Rio de Janeiro) e pela emergência de novos centros dinâmicos fora do eixo consolidado (Fortaleza, Manaus, Brasília-Goiânia, dentre outros).

Já a partir do século XVIII a urbanização brasileira passa a se dar de forma mais evidente. Segundo Bastide (apud Santos, 1994 p.19) "a casa da cidade torna-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, que só vai à sua propriedade rural no momento do corte e da moenda da cana". Para Santos, no entanto, foi necessário mais de um século para que a urbanização brasileira atingisse sua maturidade.

Os anos que se seguiram a partir de então foram de intenso crescimento populacional urbano. Nos anos 1970, o Brasil já era um país predominantemente urbano e acompanhando este crescimento aumentaram, também, os problemas sociais. Violência, poluição, desemprego, falta de moradias dignas, saneamento básico entre outros problemas acompanharam a formação das cidades brasileiras. Tais problemas, sem políticas públicas efetivas, encharcaram as cidades e promoveram um processo de periferização dos mais pobres.

Em meio a este cenário duas soluções apareciam para população de maior poder aquisitivo: continuar nos grandes centros, enfrentando a problemática através de soluções que o dinheiro era capaz de suprir; ou migrar para outras áreas no entorno das cidades, onde a tranqüilidade, os baixos índices de violência, o contato com a natureza e qualidade de vida eram atrativos fundamentais. A segunda opção foi uma escolha realizada por parte da população abastada de outros países ao longo da

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social segunda metade do XIX, assim como por parte da classe média brasileira ao longo do século XX.

Este movimento de fuga vem produzindo alternativas habitacionais para classe média no entorno das grandes cidades. Tais alternativas tomam forma de condomínios fechados e buscam atender a uma demanda crescente dos mais ricos que buscam fugir do caos dos grandes centros. Este movimento pode ser observado em São Paulo e Rio de Janeiro, a exemplo dos Alphavilles, assim como no entorno do Grande Recife.

Nos últimos anos verifica-se um movimento de descompactação da população brasileira, sobretudo dos grandes centros urbanos. Neste sentido assinala Rocha (et al, 2005 p.5)

A tendência a partir dos anos 1960 foi no sentido de descompactar, descentralizar e desconcentrar as aglomerações: pessoas e alguns serviços denotam preferência pela localização em periferias mais extensas, em detrimento do centro congestionado.

O processo de desconcentração produz intensas transformações no entorno dos grandes centros, algumas vezes produzindo áreas de transição rural-urbana (quando a lógica urbana de uso do solo avança sobre áreas rurais).

George (1983) afirma que o movimento rumo à periferia é característico de cidades que estão envolvidas de aldeias, que posteriormente servem como espaço de expansão. Para o autor

Há formação de zona periférica cada vez que uma cidade, cercada de aldeias suscetíveis de servirem como germes da urbanização, espalha parte de suas atividades e de sua população sem tomar a iniciativa de unificação da gestão e da organização do conjunto urbano (p.77)

George ainda destaca já haver em Roma em meados do século XX um movimento de operações imobiliárias que visavam incorporar propriedades rurais ao espaço de expansão do tecido urbano. E acrescenta “os mais ricos são levados a se instalar na periferia (...) em lugares altos, arejados e ensolarados”. Esta verificação de George aponta para um movimento de transferência da população mais rica – na Europa - do centro para a periferia.

Freyre também destacou um intenso movimento migratório rumo à periferia nos Estados Unidos já nos anos 1970. Segundo o autor a população suburbanita seria, naquele período de 79,9 milhões de pessoas "com tendência a tornar-se a grande

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaraçibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social
maioria da população aparentemente ou estatisticamente urbana do país" (p.72).

Egler (2001, p.15) assinala que "o processo de expansão dos espaços periféricos começou cedo nos países anglosaxões, onde a classe média já estava migrando rumo aos primeiros *subúrbios* no início do século XX". Segundo o autor, o objetivo desse movimento rumo à periferia era procurar melhor qualidade de vida fora das grandes cidades, que apresentariam disfunções que afetariam o quotidiano da população, tais como: congestão viária, criminalidade, poluição, preço elevado dos aluguéis etc. Esta tendência parece permanecer até os dias atuais, visto que a classe média de vários países segue a mesma lógica de ocupação das áreas periféricas sob a condição de fuga do caos e dos problemas dos grandes centros urbanos.

Indiscutivelmente, o processo de periurbanização é favorecido pela promoção de melhorias em certas áreas no entorno dos grandes centros. A oferta de água, telefonia, rede elétrica e a mobilidade favorecida pela abertura de grandes vias, tornaram-se convites para a classe média que podia pagar pela "nova cidade".

O processo de periurbanização foi

Impulsionado pelo progresso nos transportes, que alimentava as novas formas de migrações pendulares, pela evolução das telecomunicações e, muitas vezes, pela intervenção direta das autoridades para facilitar o acesso à moradia individual (EGLER 2001, p.16)

Este movimento de ocupação das áreas periurbanas foi também estimulado pelo capital imobiliário diante da falta de terras nos grandes centros urbanos e pela falta de "espaços exclusivos" tal como proposto por Witacker (2006)¹ e Egler (2001), que se materializavam em condomínios residenciais fechados de classe média. Este movimento seguiu um modelo de ocupação em que a proximidade do centro urbano principal e o distanciamento dos problemas urbanos tradicionais levaram a classe média a se instalar nestas novas "ilhas de tranquilidade".

O processo de periurbanização acompanhou a evolução das técnicas, principalmente dos transportes, já que morar em áreas distantes dos grandes centros e trabalhar no centro urbano principal tornou-se possível pela mobilidade

¹ Witacker propõe a periurbanização como consequência não só da falta de espaços a ser ocupados nas grandes cidades, mas, também, pela falta de espaços exclusivos para população de maior poder aquisitivo que pode pagar pela particularidade de serviços e infra-estrutura.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaraçibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social oferecida pelas vias que ligam áreas distantes aos centros econômicos e pelos automóveis que favorecem a locomoção de trabalhadores pendulares.

Egler (2001) destaca o papel das técnicas entre os fatores que influenciaram o processo de periurbanização. Para Dupuy (apud EGLER, 2001) “a elevação do nível de vida e o acesso progressivo da classe média ao carro individual cuja generalização nos países industrializados contribuiu profundamente para as transformações sofridas pelas grandes cidades”. Na mesma direção assinala George (1983, p.42)

É bastante significativo verificar que, somente quando os meios individuais de transporte adquirem maior importância na vida cotidiana do cidadão, é que a extensão urbana se libera, em certa medida, dos quadros ficados pela divisão dos eixos de transportes pesado e coletivo, chegando aos interflúvios até aí reservados à vida rural.

Para Beaujeu Garnier (1997) os transportes exercem um papel fundamental na ocupação dos espaços mais distantes dos grandes centros. Segundo a autora

O melhoramento da rede viária ou dos meios de circulação provoca uma integração das vastas porções de território o que traduz quase que imediatamente por uma transformação nos tipos de culturas (pag.17)

Ressalta Egler, ainda, que nos países em desenvolvimento, o processo de periurbanização é mais recente e também mais incompleto. A lentidão desse movimento tem várias explicações segundo o autor: Em primeiro lugar, a classe média representa parte bem menos expressiva da população urbana. Além disso, a classe média foi uma das vítimas diretas da crise socioeconômica das décadas de 80 e 90. Para este autor “Um exemplo desse fenômeno pode ser observado nas grandes aglomerações latino-americanas (São Paulo, Rio de Janeiro, Bogotá etc.), onde se desenvolvem novas formas de pensar, organizar e viver a cidade em condomínios exclusivos e segregados”.

Encontramos em Whitacker (2006, p.148) o conceito de suburbanização, para quem é “caracterizada pelo crescimento do setor terciário e por uma tendência para o aumento da população dos subúrbios ser superior a do centro – trata-se de um fenômeno também designado de periurbanização”. Whitacker ainda propõe outro conceito que poderia ser adotado neste trabalho, o de desurbanização. Para o autor, a desurbanização se caracteriza pela “valorização da natureza por parte das populações, e uma deslocação residencial para zonas menos densamente

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaraçibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social urbanizadas, mas com acessibilidade aos grandes centros”. Tal situação pode ser verificada em Aldeia.

Segundo Ojima e Hogan (2008, p.7)

O termo periurbanização surge, principalmente no cenário internacional, para explicitar algumas mudanças estruturais nos arranjos produtivos e locacionais dentro do espaço urbano de algumas regiões do mundo

E acrescentam, a periurbanização

Se refere à expansão da mancha urbana em direção às suas periferias, mas de uma forma muito diferente do complexo conceito de periferização da população utilizado pela literatura brasileira, sobretudo, a partir da década de 1970. Um dos problemas fundamentais levantados pela discussão da periurbanização é a dificuldade cada vez maior de se identificar, a partir dos critérios tradicionais, categorias analíticas como “rural” e “urbano”.

1.2 URBANO E RURAL

Urbano e rural se constituem em conceitos carregados de significados políticos, ideológicos, econômicos, culturais e sociais, e não diferente da dicotomia cidade-campo desperta reflexões importantes para os estudos da urbanidade.

Diferentemente do que se tenta representar em alguns trabalhos, rural e urbano não são aspectos que possam ser mensurados e nem correspondem, exclusivamente, ao campo ou a cidade. Rural e urbano se constituem no vivido, nas formas de vida e vão além dos limites físicos entre cidade e campo.

Para Carlos (apud SOBARZO 2006, p.53)

O foco da discussão do que é urbano e rural desloca-se de forma para conteúdo, já que ‘urbano’ e ‘rural’ longe de serem meras palavras são conceitos que reproduzem uma realidade social concreta. (sem grifo no original)

O urbano por muito tempo foi empregado como sinônimo de cidade, e ainda continua sendo, contudo vale destacar que este não é atributo exclusivo da dela. O urbano ultrapassa os limites territoriais da cidade e pode ser encontrado no campo como manifestação do modo de vida das pessoas. “Irradia-se a partir da cidade e atinge territorialmente os limites de influência dela. Desde que o urbano extrapole a cidade, a tarefa de conceituação torna-se dupla. É preciso pensar na cidade e no urbano” (ENDLICH, 2006 p.20). A autora ainda propõe a diferenciação entre urbano e rural a partir das atividades econômicas da população. Nessa perspectiva, “o rural vincula-se às atividades primárias, principalmente agropecuárias. O urbano, em

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social
contraposição, reúne percentual significativo de população envolvida em atividades secundárias e terciárias” (2006, p.16).

Lefebvre (1991) destaca a dicotomia existente entre a noção de urbano e rural. Para ele esta divergência estava mais no campo ideológico que colocava o rural como sinônimo do atraso ou das sociedades tradicionais, enquanto o urbano estava mais associado à idéia de modernidade.

Ainda hoje a oposição rural *versus* urbano continua incorporando estas características, contudo o rural vem ganhando valor já que se processa, ao longo das últimas décadas, a redescoberta do rural como espaço de moradia para populações abastadas. Diante do quadro de crescimento demográfico dos espaços rurais poderíamos propor limites numéricos mínimos para determinação do urbano. Contudo, como afirma Silva (2006, p.77)

O urbano não pode ser definido por critérios meramente demográficos e estatísticos, já que é resultado de uma dinâmica muito mais ampla que remete às dinâmicas de modo de produção e que somente pode ser compreendido com uma análise da complexidade das divisões social e territorial do trabalho.

Beaujeu-Garnier (apud Endlich, 2006 p.19) sinaliza para a existência de uma civilização urbana, que se propaga a partir das cidades, mas não se limita a ela, já que se refere a costumes e hábitos.

Já Whitacker (2006) reflete sobre o urbano sem coincidência com a cidade e defende que urbano e rural não se definem pelo que contém, mas pelas relações estabelecidas, se constituindo na complementaridade cidade-campo. Corroborando com tal idéia Sobarzo (2006) defende que o urbano não se restringe à parcela da sociedade que mora na cidade. Assim, é possível encontrar aspectos do urbano para além do limite territorial das urbes.

O rural, por sua vez, também não pode ser compreendido como atributo exclusivo do campo. Principalmente no Brasil em que a cidade é definida por um critério administrativo, afirmar como urbana uma população que vive em determinadas cidades pode levar-nos a cometer erros. Neste sentido, Eli da Veiga (2003) afirma que o Brasil é menos urbano do que se imagina. Muitas cidades pequenas no Brasil conservam hábitos tipicamente rurais. Sem hábitos urbanos certas cidades são equivocadamente denominadas urbanas. Eli da Veiga produz uma importante crítica sobre a definição de população rural e urbana no Brasil. Segundo o autor (p.65) o

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

país "considera urbanos os moradores de qualquer sede municipal, mesmo que tais localidades pertençam a ecossistemas dos menos artificializados". E acrescenta "a distorção chega a tal ponto que mesmo populações indígenas ou guardas-florestais de áreas de preservação são considerados urbanos caso suas ocas ou palhoças estejam no interior do perímetro de alguma sede municipal".

Para Asensio (2001, p.5):

O adjetivo rural pode ter dois significados, por um lado pode ser sinônimo de agrícola e por outro num sentido mais abrangente, seria a oposição da cidade em relação ao campo. Áreas tradicionalmente rurais têm sido tratadas estritamente como meio agrícolas, com uns traços dominantes que definiu: uso do solo para a agricultura, predominância de população agrícola e uma relação direta entre o local de trabalho e residência.

Kayser (apud Asensio, 2001) faz um resumo indicando que a paisagem rural é definida por uma determinada forma de utilizar o espaço e a vida social com uma série de características principais, sendo: i) relativa baixa densidade. ii) Utilização econômica com a dominância do espaço agro-pastoril. iii) Modo de vida caracterizada por seus membros de comunidades de habitantes relativamente pequeno e associado a uma relação peculiar com seu meio natural. iv) Uma identidade específica. Desse ponto de vista Aldeia se caracteriza como uma área rural.

Para Bernardelli (2006, p.49)

O entendimento do rural e do urbano não deve se valer de uma definição no sentido estrito, mas se apoiar num conjunto de elementos que possa permitir a leitura de um espaço num determinado tempo, pois sendo a realidade sujeita a constantes transformações é preciso sempre redimensionar os conceitos que permitem sua compreensão

Alguns autores apelam para urgência de avançar no debate sobre o rural e o urbano, e no sentido de deixarmos de lado essa tentativa exagerada de diferenciação e separação entre os dois termos. Para Sobarzo (2006, p.60) se faz necessário

Deixar de pensar no urbano como aquilo que é diferente do rural ou como sinônimo de cidade e incorporar um novo conceito que o define como uma virtualidade em constituição, como uma nova era ou sociedade, requer uma grande transformação nas nossas próprias perspectivas analíticas

Nos anos 1980, Freyre realizou um importante trabalho de reflexão e de defesa da necessidade de rurbanização brasileira. O termo rurbanico foi pela primeira vez empregado por Freyre nos anos 40, na obra "Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios". Mas foi nos anos 80 em que o autor aprofunda as reflexões sobre

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

este conceito no livro *Rurbanização o que é?*. Para Freyre (1982) rurbano é uma palavra derivada do rural e de urbano e refere-se à valorização da mistura de modos de vida urbanos e rurais. Já Lefebvre (1991) reflete sobre a adoção pelos geógrafos do termo rurbano, para ele o termo é feio porém significativo.

1.3 FRANJA URBANA-RURAL

Finalmente chegamos à parte conceitual que busca explicar a idéia de franja urbana-rural tal como adotado no título deste trabalho. Estas linhas iniciais serão reservadas a esclarecer a adoção de termos nesta pesquisa que, em alguns momentos, serão colocados em sinonímia ao termo franja urbana-rural.

Termos como faixa de transição, espaço periurbano e franja urbana-rural destacam-se por referir-se ao mesmo objeto, sendo que cada um desses termos é particularmente adotado por pesquisadores de diferentes partes mundo. Segundo Souza (2005, p.27) “a faixa de transição (rural-urbana) é chamada entre os geógrafos anglo-saxões de franja urbana-rural, e, entre os franceses, comumente, de espaço periurbano”.

A terminologia faixa de transição é incorporada aos estudos urbanos geográficos através das questões ambientais. O termo é tomado de empréstimo da biologia onde se encontra o termo “faixa de transição” para designar áreas de contato entre biomas diferentes.

A questão das franjas surge no debate urbano pelas questões ambientais, ganhando relevância como instrumento normativo de proteção ambiental (MIRANDA, 2008). Tais espaços surgem como “áreas problemas” e evoluem sem que haja sobre elas um conhecimento suficiente.

Miranda (2008) destaca algumas abordagens clássicas sobre a temática periurbana, dentre elas Wehrwein (1942), Lively (1953), Golledger (1960), Pahal (1962), Pryor (1971) e Kayser (1990). A autora ainda produz um importante exercício de mergulho na literatura sobre a questão periurbana e identificou três momentos importantes de produção acadêmica sobre este tema no Brasil:

- i) **Da década de 1940 à década de 1960** - a urbanização brasileira expandia-se por meio de loteamentos na periferia das capitais, impulsionados pela implantação das Rodovias da integração nacional. Os trabalhos de Deffontaines (1944); Bernardes (1957); Sagadas (1965); Ab'saber e Bernardes (1958); Maciel e Albani (1965) identificaram, em estudos de caso no Rio

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

de Janeiro e em São Paulo, as transformações do rural periurbano com a periferia, pela implantação de grandes obras viárias e de drenagem e saneamento que incentivaram a produção de loteamentos e a especulação imobiliária. Em Pernambuco, Costa (1960) também identificou o processo de loteamento em áreas rurais da zona da mata pernambucana, que denominou “Granjismo”, como a forma mais expressiva desse processo;

ii) **Da década de 1970 aos anos 1990** - em meio a um intenso êxodo rural e à crescente metropolização das principais capitais, referenciam-se os trabalhos de Cunha (1975); Corrêa (1979); Azevedo (1982); Davidovich (1983) (1987); Zanchetti e Pontual (1991); Silva (1992); Carlo (1994); que se concentraram no estudo das transformações do rural em urbano a partir da expansão residencial na periferia, conformando áreas populares e de *status*. Nesse processo, foram analisados os condomínios fechados, os loteamentos populares e as favelas. Seabra (1979) e Coelho (1986) analisam, dentre as formas de urbanização na periferia urbana, a segunda residência, ao registrarem o processo de dispersão e reprodução espacial.

iii) **Da década de 1990 ao período recente** – a questão urbana-rural ganha centralidade. Os impactos da urbanização sobre o meio rural geram mais tensões e oportunidades. Santos (1993) explicou que as relações urbana-rural brasileiras confirmavam a idéia de um *continuum*; Silva (1997) e Veiga (2006) sistematizaram o nascimento de uma nova ruralidade relacionada com as formas como a globalização penetra no território rural, o fortalecimento da idéia de conservação da natureza, a permanência da agricultura de subsistência: é o *novo rural*. Novas tipologias espaciais, principalmente aquelas relacionadas com o uso habitacional, generalizam-se pelas periferias brasileiras. Sua característica principal é a exclusividade e a mercantilização das amenidades ambientais (...).

É no bojo da urbanização brasileira que a temática periurbana ganha importância. Os impactos da globalização penetram no território, destroem e reconstróem as dinâmicas, estabelecendo novas formas de relações e reorganizando as atividades e práticas sociais. Com a mesma intensidade, as conseqüências desse fenômeno são percebidas no interior do meio urbano. Esse movimento materializa novas lógicas tanto no urbano, quanto no rural e, por vezes, substancia a formação de territorialidades complexas que diante de impasses conceituais tem estimulado investigações e produzido esforços distintos no sentido explicar ou, até mesmo compreender, estas novas territorialidades.

O urbano que invade o rural e o transforma contribui para expansão da cidade e para o processo de urbanização. Para Savério Spósito (2008, p.31) existem “espaços que poderão receber formas de ocupação diferentes das anteriores, surgindo, assim, novos usos do solo da cidade”. Espaços rurais circundantes às cidades, como proposto por Miranda (2008) são invisíveis ao planejamento urbano. Em função do interesse político dos municípios que parcelam estas terras e expandem o perímetro urbano, nestes espaços rurais vão se processando transformações que aceleram a formação das franjas urbana-rural.

As franjas urbana-rural são a face dessas novas relações espaciais. A dificuldade de tratamento desses espaços surgem pela deficiência de critérios legais que caracterizem e distingam a franja urbana-rural do que efetivamente é a cidade e o

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social campo, mas também pelo fato de que sua natureza muda consideravelmente com o tempo (ANDRADE, 2006) e à dispersão, diversidades de processo, continuidades e descontinuidades, e à sua baixa densidade (MIRANDA, 2008).

Para Souza (2005) existe uma dificuldade posta para os investigadores das cidades expressas nos constrangimentos espaciais produzidos pelas relações rurais nas cidades. Segundo o autor investigar as relações rurais “não é tão simples assim porque podem estar concentradas como minúsculas ilhotas em meio ao espaço construído plantações de hortaliças, verduras e legumes, desenvolvidas em baixo de torres de alta tensão ou em terrenos que dificilmente se prestariam a outro aproveitamento econômico” (p.27).

Souza admite ser comum a existência de uma “faixa de transição entre o uso da terra tipicamente rural e o urbano no território das cidades”. E acrescenta, “quanto maior a cidade mais complexo tende a ser o espaço periurbano” (p.27). Para o autor na franja urbana-rural são encontradas duas lógicas: uma rural e uma urbana. A lógica rural é a lógica da terra enquanto terra de trabalho para agricultura e a pecuária. A terra neste caso tem um valor “intrínseco devido a fertilidade natural”. A lógica urbana é a do solo enquanto um simples suporte para atividades que independem de seus atributos de fertilidade: produção industrial, atividades terciárias, habitação e circulação.

Para Souza, muitas vezes, o que pode confundir na análise da franja urbana-rural é a face visível do espaço que continua tendo um aspecto rural, às vezes até belamente bucólico – algumas plantações, muito verde, grandes espaços servindo de pastagem para algumas cabeças de gado -, quando, na verdade, por trás disso se verifica uma presença insidiosa de lógica urbana de uso do solo.

Rua (2005) trabalha numa perspectiva de reconhecimento de processos urbanos no rural. O autor emprega a idéia de “urbanidades no rural” para se referir aos processos instalados na franja urbana-rural. Rua propõe que as urbanidades no rural são “todas as manifestações do urbano em áreas rurais sem que se tratem estes espaços formalmente como urbanos” (p. 57). Analisando o caso da região serrana fluminense, assinala

Pode ser observada uma sensível transformação no padrão de renda fundiária em que se misturam duas lógicas de uso da terra – a rural e a urbana. Embora haja um uso predominante voltado para agricultura e para a pecuária, destacam-se outros usos integrados à lógica

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaraçibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

urbana incluindo formas especulativas em terrenos subaproveitados, que, posteriormente poderão ser transformados em loteamentos ou condomínios de luxo.

Smith em 1930 realizou a primeira sistematização das áreas de transição urbanas, para quem se constituem em “áreas construídas próximas aos limites administrativos da cidade” (apud PRYOR 1968 p.232). Já Pryor (1968, p.206) definiu a franja urbana-rural como

Zona de transição do uso da terra situada entre (a) a continuidade das áreas urbanas e suburbanas da cidade central, e (b) o interior rural, caracterizada pela ausência quase total de alcance e penetração de serviços de utilidade pública urbana, descoordenado zoneamento ou planejamento regulamentares; uma real extensão dos limites políticos da cidade central; e um aumento real e potencial da densidade populacional em relação ao torno de zonas rurais, mas inferior ao centro da cidade. Estas características podem mudar com o tempo.

O autor propõe haver uma subdivisão da franja urbana-rural: *the urban fringe* e *the rural fringe*. Na *urban fringe* – ou franja urbana – é possível identificar uma periferia urbana, que em contato com o centro da cidade apresenta uma densidade superior à densidade média da franja urbana-rural total, uma alta proporção de residências, comercial, industrial e vazio que a diferencia da taxa de terras agrícolas e um maior de aumento da densidade populacional, a conversão do uso da terra e a existência de trabalhadores pendulares.

Já a *rural fringe* – ou franja rural - apresenta uma densidade de habitações ocupadas inferior à densidade média da margem total rural-urbano, uma proporção elevada de não-agrícolas e terrenos baldios, e uma menor taxa do aumento da densidade populacional e de conversão do uso da terra. Diante das características colocadas por Pryor Aldeia se caracteriza como *urban fringe*.

Para Rocha (*et al* 2005) o periurbano foi detectado no fim dos anos 30 e princípios de 40 na Inglaterra e traduziu-se, inicialmente, sob duas formas: *rural fringe* e *urban fringe*, sendo a distinção feita com base em critérios estatísticos. A área com um uso agrícola dominante, classifica-se de franja rural; a área com mais de 50% de uso urbano sobre a área total, merece a designação de “franja urbana”. Os autores ainda assinalam duas importantes contribuições para o conceito de espaços periurbanos encontrados em Golledge (1960) que as define como áreas com uma grande variedade de usos; e Carter (1971) para quem as franjas se constituem no espaço pelo qual a cidade se expande à medida que o processo de dispersão se desenrola.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

É fato que as franjas urbana-rural são áreas que passam por intensos processos de transformações, onde se verifica o avanço crescente de atividades urbanas sobre um território rural. Dentre as transformações verificam-se mudanças econômicas (com a introdução de novas atividades produtivas e comerciais), sociais (com um incremento populacional de classe média mais também pobres), naturais (com a exploração dos recursos naturais, redução do solo verde e a revalorização da natureza) e profissionais (com a transformação das características de mão-de-obra local e a criação de novos postos de oportunidades a partir dos novos empreendimentos que ali se instalam). Bem assinala George (1989, p.91)

Qualquer modificação nas formas de uso do solo, percebida ou analisada pela geografia regional, tem efeitos sobre as condições de existência da população e, conseqüentemente, sobre as tendências no sentido de sua mobilidade: efeito atrativo ou repulsivo

A idéia de George corrobora com o espírito deste trabalho: de transformações sociais em função das mudanças de uso do solo em Aldeia. Ali encontramos transformações significativas no uso do solo, nas características da mão-de-obra e nas atividades econômicas. Assim como, um efeito atrativo de trabalhadores, o crescimento da pobreza e a ocupação periférica pela classe média que encontra ali o espaço de tranqüilidade, lazer e moradia.

Para George (1989, p.110) a periferia “não é uma simples conquista de espaço para além dos limites da cidade histórica. É o resultado da mutação do uso das fronteiras da cidade”. E acrescenta “a classe média é atirada para setores da periferia, ligados pelos eixos de transporte de todas as épocas, ao centro funcional onde se encontram os empregos terciários”. Assim, é estimulado pela capacidade de deslocamento entre as áreas periurbanas e os grandes centros que a classe média vai aos poucos avançando sobre áreas até então de predominância rural.

Para Souza (2005, p.76) a franja urbana-rural corresponde a

Espaço preteritamente rurais, mas que, mais e mais, são tomados por uma lógica urbana de uso da terra (especulação fundiária, residências de fim de semana ou mesmo principais de famílias de classe média, algumas favelas, atividades de lazer, restaurantes etc), sendo a agricultura algo puramente residual, ou um verniz, uma aparência que esconde a essência mais profunda

Asensio (2001) assinala as transformações, principalmente nos países desenvolvidos, em que são verificadas uma revalorização do rural e o recebimento de novas funções, tais como: i) funções ambientais, culturais e paisagísticas ii)

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

funções residenciais iii) funções de recreação e lazer iv) função industrial. Estas novas lógicas de exploração do solo rural evidenciam um processo que se instala nos espaços rurais brasileiros – localizados próximos a núcleos urbanos – nas últimas décadas.

Bryant, Russwurm & McLellan (1982) reconhecem a importância das franjas urbana-rural para o próprio desenvolvimento urbano. Segundo estes autores estas áreas dispõem de imenso potencial construtivo e recursos agrícolas; amenidades naturais e recursos de lazer; além de ser encontrada grande disponibilidade de terra que pode servir para expansão urbana e para o desenvolvimento econômico e social. Propõem, ainda, uma estrutura interna da franja urbana-rural que seria formada pelas seguintes camadas: *inner fringe* e *outer fringe*.

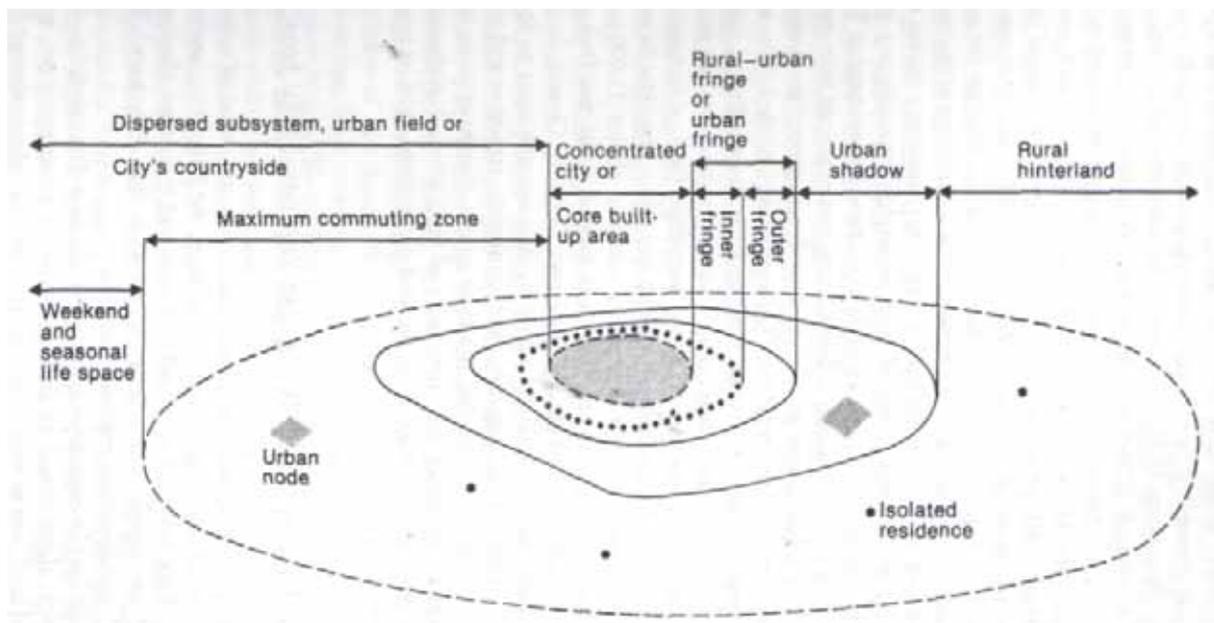


Figura 1: Esquema de Bryant, Russwurm & McLellan. Fonte: Bryant, Russwurm & McLellan, 1985 (p12)

A *inner fringe* é caracterizada por um estágio avançado de uso do solo passando do rural para o urbano. Esta já apresenta construções urbanas e loteamentos autorizados. Já a *outer fringe* embora possua uso agrícola de exploração da terra percebem-se alguns elementos urbanos que contrastam com a paisagem rural do lugar. Muitas vezes se percebem pequenos lotes adquiridos por indivíduos que não são agricultores na expectativa de valorização futura.

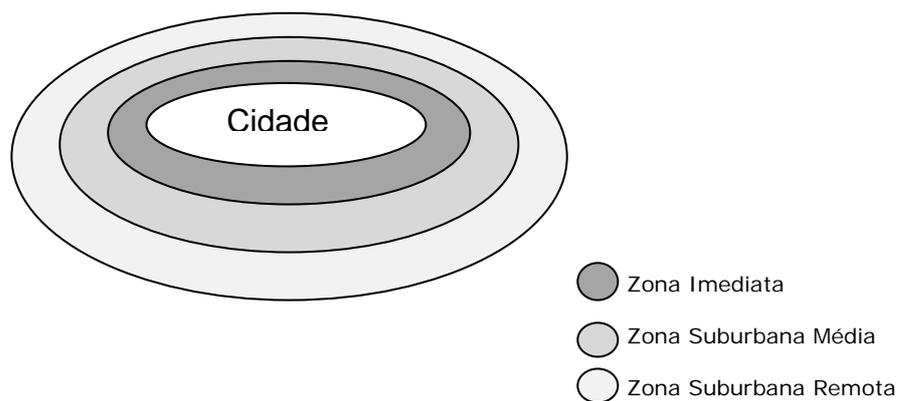
Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Miranda (2008 p.28) constrói o seguinte conceito para as franjas urbana-rural, que tem sido adotado em outros trabalhos e será assumido para esta pesquisa. Desta forma, a franja urbana-rural se constituem em

Espaços plurifuncionais, em que coexistem características e usos do solo tanto urbanos como rurais – presença dispersa e fragmentada de usos e ausência de estrutura urbana coerente que proporcione unidade espacial, submetidos a profundas transformações econômicas, sociais e físicas, com uma dinâmica estreitamente vinculada à presença próxima de um núcleo urbano

As zonas de influencias das cidades propostas por Chabot (1972, p.158) referem-se às áreas periféricas das grandes cidades correspondendo às faixas de transição que as circulam. Chabot destaca a diferença destas áreas de uma cidade à outra. Para o autor estes espaços se dividem em: Zona imediata, Zona suburbana média e Zona suburbana remota.

Figura 2: Esquema de zonas de influência das cidades – Chabot (1972)



Segundo a idéia de Chabot a primeira zona seria a Zona Imediata que se constitui numa continuidade da cidade, onde são encontrados espaços livres e campos agrícolas. O habitante dessa área trabalha na cidade principal e na cidade encontra os itens fundamentais para sua sobrevivência. Segundo o autor estas áreas se constituem na “vanguarda da cidade em progresso”. Chabot ainda assinala que nessa zona são encontradas moradias de alto padrão e outras de aspectos “deploráveis”. O crescimento destas zonas se dá por imigração, ao mesmo tempo em que despreza a zona rural. Para Chabot o que se encontra nestas áreas é “uma zona singularmente urbanizada”.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaraçibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

A zona seguinte seria a Zona suburbana média, para Chabot esta zona, diferentemente da anterior, já não pertence mais a cidade apesar de depender dela. Nela são encontradas casas rurais (moradias de segunda residência) dos habitantes da cidade. Hotéis e restaurantes localizados nestas zonas dependem do turista que acessa estas localidades. Para o autor, estas áreas recebem um número cada vez maior de residências rurais e, conseqüentemente, expulsa os agricultores locais para áreas mais distantes.

A terceira zona de influência se constitui na Zona suburbana remota. Nela não se encontra todas as irradiações da cidade, assim como a zona média não é parte complementar do tecido urbano. A população local depende da cidade principal para acessar determinados serviços e nela encontra oportunidades. Segundo Chabot os jovens destas áreas emigram para a cidade em busca de emprego. Nesta zona surgem pequenas cidades que exercem uma irradiação que a grande cidade não pode exercer devido a sua distância, surgindo, assim, cidades satélites.

A partir da construção de Chabot propomos ser Aldeia uma Zona Imediata. As características apresentadas pelo autor são encontradas nesta localidade, tais como “espaços livres, moradias de alto padrão e outras de aspectos deploráveis”. Além disso, o habitante local encontra na cidade principal muita oportunidade de emprego, sobretudo a classe média que dispõe do carro próprio.

Além das características acima descritas, nas franjas urbana-rural como em Aldeia, são encontrados fenômenos sociais importantes como a pobreza em contraste com os “novos ricos”, a transformação de uso do solo e o crescimento de problemas urbanos.

CAPÍTULO II

2. CARACTERIZAÇÃO DE ALDEIA

2.1 LOCALIZAÇÃO DE ALDEIA NA AGLOMERAÇÃO DO RECIFE

Localizada na parte norte do município de Camaragibe, Aldeia tem como principal forma de acesso a partir do Recife a Avenida Caxangá, seguindo pela PE-05 e em seguida a PE-27 (Estrada de Aldeia). Já na entrada de Camaragibe, acima do Parque de Camaragibe encontra-se um dos símbolos históricos do lugar: Casarão Imperial do Engenho Camaragibe, hoje tombado pela FUNDARPE e considerado um dos principais pontos turísticos do município.

Mapa 01: Localização de Aldeia na RMR



Para fins de investigação desta pesquisa selecionamos porção territorial de Aldeia localizada no município de Camaragibe (PE). Aldeia é assim denominada por ter sido habitada por povos indígenas e hoje possui um importante patrimônio natural. A localidade extrapola os limites político-administrativos e municipais de Camaragibe chegando aos municípios de São Lourenço, Recife, Paudalho, Paulista, Araçoiaba e Abreu e Lima, além do próprio território de Camaragibe que se encontra totalmente

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social inserido na Região de Aldeia (Agenda 21 da Região de Aldeia). Com exceção de Paudalho os demais municípios compõem a Região Metropolitana do Recife -RMR. A “Grande Aldeia” é produtora de mais 50% da água fornecida à população da RMR, por isso a preservação da Região se insere nas discussões da política urbana metropolitana.

Figura 03: Região de Aldeia. Fonte: Agenda 21 de Aldeia, 2008.





Figura 04: Casarão Imperial do Engenho Camaragibe. Foto: Ailson Barbosa 20/10/2010

Seguindo em direção a Aldeia a partir da capital pernambucana chega-se a PE-27 também conhecida como Estrada de Aldeia. Ali é encontrada a “ladeira de Aldeia” onde se vê ocupações desordenadas em área de morro e moradias em área de risco. Na Estrada de Aldeia percebe-se a presença comercial, de serviços e de módulos rurais – caracterizados pela presença dispersa de sítios e chácaras.



Figura 05: Ocupação em área de morro, vista da Estrada de Aldeia (km1) Foto: Ailson Barbosa 20/10/2010



Figura 06: Moradias em área de risco – à beira da Estrada de Aldeia e numa área de barreira. Foto: Ailson Barbosa 20/10/2010

A Estrada de Aldeia é caracterizada por suas curvas acentuadas, unida às demais vias de acesso ao lugar vem favorecendo um processo de integração à malha metropolitana e um processo de urbanização intenso com a chegada de empreendimentos imobiliários, sendo considerado um novo *front* de expansão da RMR.



Figura 07: Vista da Estrada de Aldeia. Foto: Ailson Barbosa 20/10/2010

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Aldeia possui uma extensão de 30,02Km², o que representa 56,75% do território municipal de Camaragibe. Aldeia – que para fins desta pesquisa será considerada como todo território da RPA (Região Político-Administrativa) 5 de Camaragibe – é formada pelos bairros de Aldeia dos Camarás, Oitenta, Borrvalho e Vera Cruz. Possui uma população total de 15.679 habitantes (Censo IBGE, 2000) sendo 7.932 homens e 7.747 mulheres. Esta RPA destaca-se por possuir a menor densidade demografia do município (522 hab./km²) e como principal característica a presença de famílias com estratos de rendas diferenciados.

Quadro 01: Regiões Político-administrativas de Camaragibe – Área, população e densidade			
RPA - Região Político-administrativa	Área (km2)	População	Densidade (População/km2)
01	10,34	59.359	5.741
02	6,61	24.812	3.753
03	2,50	15.838	6.335
04	2,05	13.014	6.438
05	30,02	15.679	522

Quadro 01: Regiões Político-administrativas de Camaragibe/Área, população e densidade. Fonte: Perfil Municipal de Camaragibe/IBGE – Censo 2000. Organização: Ailson Barbosa da Silva, 2010.

Aldeia está inserida no ambiente de morros, pertencente à formação geomorfológica do Grupo Barreiras. Contudo, diferente das demais regiões do município, a morfologia local é composta por Chãs/Tabuleiros. O clima é tropical quente e úmido, com regime de chuvas de outono e inverno. A temperatura média é de 26°, entretanto observa-se nesta região uma sensação térmica mais amena, devido a sua posição geográfica favorável as correntes de vento e a sua altitude média acima de 100m sendo a primeira elevação da região oeste da RMR, logo após a planície do Recife, soma-se a isto a expressiva quantidade de vegetação local de médio e grande porte e boa permeabilidade do solo o que pode proporcionar uma maior umidade relativa do ar (PMCg - Perfil da RPA 5, 2006).

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Em Aldeia é encontrada a presença de uma vegetação subperenifólia (tipo florestal e que raramente perde as folhas ou a tonalidade esverdeada no período seco) e uma floresta do tipo densa a latifoliada, caracterizada por árvores de grande porte. É nesta região que se encontra parte importante dos resquícios de Mata Atlântica ainda existente na RMR. A cobertura vegetal local vai além dos remanescentes de Mata Atlântica. São também encontradas vastas áreas com vegetação arbustiva de médio e pequeno porte, expressas sob a forma de capoeira, além de massas vegetais de pomares e plantações diversas como o milho e flores tropicais. Em Aldeia são encontrados nascentes de rios importantes para o abastecimento de água da RMR. Além da bacia do Paratibe, localizada no extremo norte da região, encontramos as Bacias do Beberibe e do Capibaribe. No território da RPA 5 são identificados um conjunto de rios, riachos e espelhos d'água de expressivo valor para o abastecimento de todo o conjunto sistêmico que compõe os recursos hídricos municipais e seus rebatimentos na RMR (PMCg – Perfil da RPA 5, 2006).

A região é protegida pela Lei Estadual de Mananciais nº 9.860 de 1987 e considerada Macrozona de Proteção Ambiental através da Lei Municipal 341/07. Recentemente, foi criada a APA (Área de Proteção Ambiental) Aldeia - Beberibe que reconhece a importância ambiental da região buscando preservá-la e que insere a região numa nova dinâmica de preservação.

2.2 FORMAÇÃO DA AGLOMERAÇÃO DO RECIFE EM MEADOS DO SÉCULO XX

Ao longo do século XX é que se verificou a formação da aglomeração do Recife, sobretudo a partir da segunda parte daquele século. Para MARTINS (2006) na primeira metade do século XX o crescimento populacional do Recife ocorreu de tal maneira que a cidade já começava a apresentar os principais reflexos de sua expansão urbana “caótica” e desigual. Em 1940, Recife já possuía uma população de 347.359 habitantes o que correspondia a quinta maior população entre as capitais do país. Para Singer (p.308) este crescimento

Não é diretamente ligado à expansão das atividades econômicas urbanas, porém é provocado por fatores externos à economia da cidade, que expulsam amplas massas do campo ou de cidades menores, em proporção superior à capacidade de absorção do mercado de trabalho daqueles centros

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Em 1950, a população do Recife era de 524.682 habitantes resultado do processo migratório da Zona da Mata para capital. Segundo dados da Fundação Joaquim Nabuco e apresentados por Singer, do incremento total (176.000) de população entre 1940-1950, 76% correspondeu à migração da Zona da Mata e apenas 24% foi de crescimento vegetativo. Singer propõe que este processo migratório se deu em função da "decomposição do complexo rural" pernambucano.

Entre as décadas de 1950 e 1960, a população do Grande Recife passou de 642.116 pessoas para 1.010.026 habitantes, representando um crescimento de 56%. "Estes dados mostram que o processo de urbanização já ultrapassou as fronteiras da municipalidade recifense, começando a surgir ao redor da capital pernambucana um anel de subúrbios que estão adquirindo caráter industrial cada vez mais acentuado" (SINGER, p.353) e metropolitano.

A partir dos anos 60 a Região Metropolitana do Recife começa a se configurar de fato. Miranda (2008, p.163) identifica como vetores dessa configuração: i) a implantação de distritos industriais ao longo das rodovias; ii) o desenvolvimento dos transportes rodoviários; iii) a construção de grandes conjuntos residenciais, por meio do SFH – Sistema de Financiamento Habitacional.

O inchaço populacional recifense começa a receber soluções paliativas, buscando dispersar aquela população concentrada sobre o território metropolitano através da transformação do Grande Recife num grande centro industrial. Esta iniciativa buscava resolver o problema do desemprego crescente que assolava grande parte da população. Desta forma, buscava-se expandir a indústria metalúrgica pelo território do Grande Recife com a instalação de indústrias nos municípios de São Lourenço, Cabo e Olinda (SINGER, p.353).

Nos anos 60 Camaragibe ainda era distrito do município de São Lourenço. Neste período o município já recebia um incremento populacional superior a 100% e que estava diretamente ligada ao processo de industrialização e à dinâmica metropolitana recifense.

Somente em 1973, a RMR ganha status institucional, através da Lei Federal nº14/1973. Inicialmente a RMR era composta por nove municípios (Recife, Olinda, Paulista, Igarassu, Itamaracá, São Lourenço, Moreno, Jaboatão dos Guararapes e

Cabo). Em 1982, Camaragibe é desmembrado do município de São Lourenço e se institucionaliza através da Lei Estadual 8.951/82.

Nos anos 1980 a população da RMR já se iguala a da capital, sendo que 85% da população que migrou para RM fixaram sua residência nos municípios de Olinda, Paulista e Jaboatão. Miranda (2008, p.149) considera que este movimento é reflexo da "implantação de distritos industriais e grandes conjuntos habitacionais" no entorno do grande Recife.

Em 1990, o inchaço recifense produz uma situação de falta de terras urbanizáveis no Recife e a expansão de sua periferia, provocando um processo de conurbação com municípios como Olinda, Camaragibe e Jaboatão. É, assim, verificado um aumento populacional e um deslocamento residencial para tais municípios (MIRANDA, 2008).

Entre 1991 e 2000, a RMR recebe um incremento de 417.584 pessoas, totalizando uma população de 3.337.565 habitantes em 2000. Miranda (p.150) assinala a importância do crescimento vegetativo e migratório em municípios como Araçoiaba, Moreno e Itapissuma; e em Itamaracá e Camaragibe pela expansão de loteamentos periféricos para alta renda e a transformação de primeira em segunda residência. No núcleo central a autora assinala ter ocorrido um crescimento de mais de 300 mil habitantes, influenciado pelo processo de verticalização e densificação de assentamentos pobres, sobretudo nas margens do Capibaribe.

2.3 CAMARAGIBE COMO UM SUBÚRBIO

A história do Engenho Camaragibe se confunde com a história municipal, já que suas terras combinam com o que hoje se denomina Município de Camaragibe. Em 1891, parte da propriedade do Engenho Camaragibe foi vendida à Companhia Industrial Pernambucana – CIPER – que deu origem à fábrica de tecidos de Camaragibe. Com a construção da fábrica de tecidos é impulsionado o processo de industrialização daquela área, constrói-se, também, segundo informações do Perfil de Camaragibe (2007), a primeira vila operária da América do Sul. Definitivamente, a economia local que estava voltada à agricultura passa a ter sua base na produção industrial.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

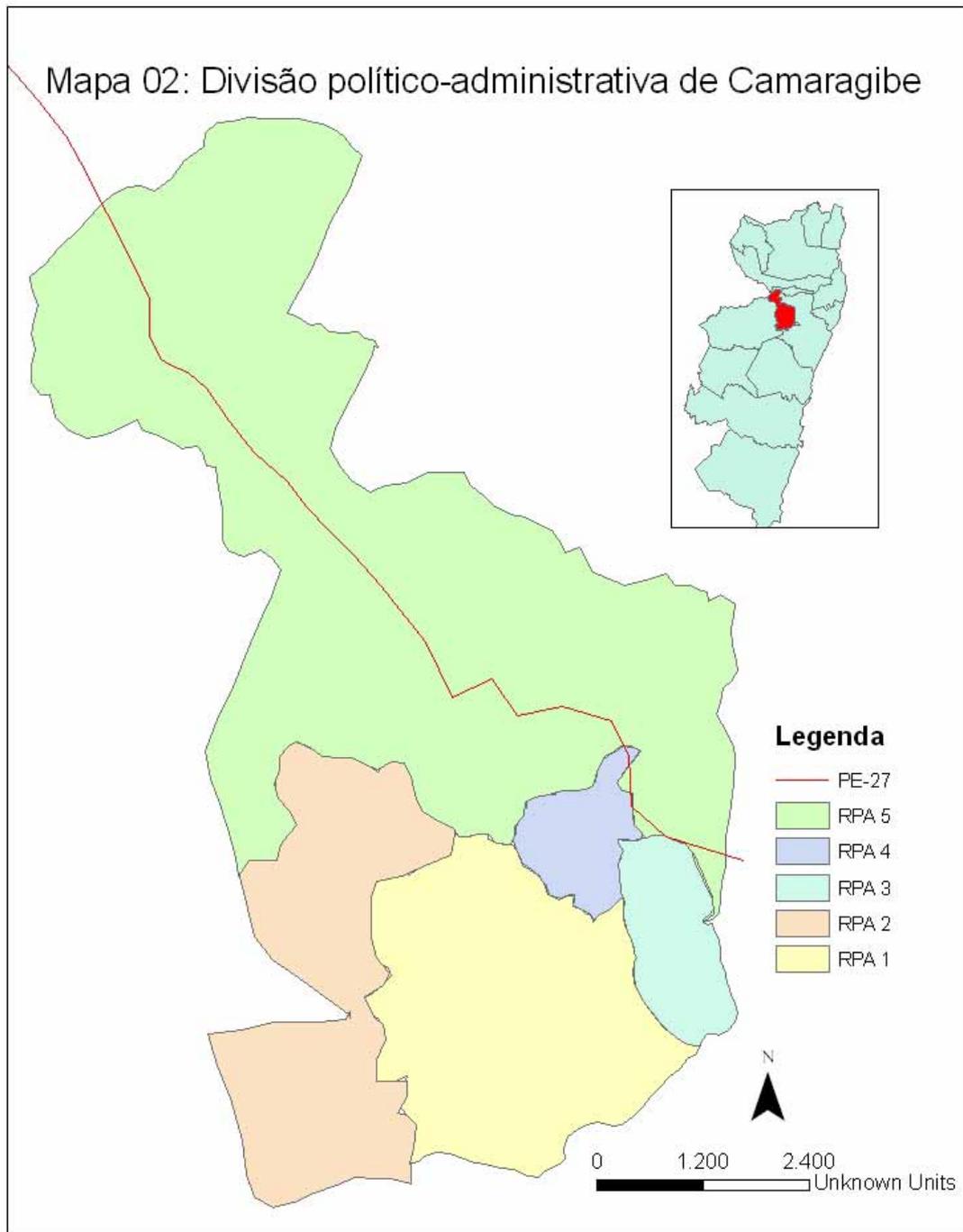
A fábrica de tecidos foi um dos motores da urbanização de Camaragibe atraindo para seu entorno uma série de famílias em busca das oportunidades oferecidas. A fábrica chegou a possuir mais de 1.600 funcionários e no seu entorno se instalaram outras manufaturas como a fábrica de fitas.

Ao longo do século XX a indústria de tecidos foi determinante para o desenvolvimento da economia local. Contudo, a crise econômica nacional em que se insere o Brasil na segunda metade do século XX e a concorrência internacional do mercado têxtil leva a fábrica a finalizar suas atividades na década de 90. Hoje a economia do município tem como base o comércio o setor de serviços que emprega a maior parte da mão-de-obra local. Assim a história econômica do município pode ser dividida em três partes:

Agrícola- canavieiro → Industrial → Comércio e serviços

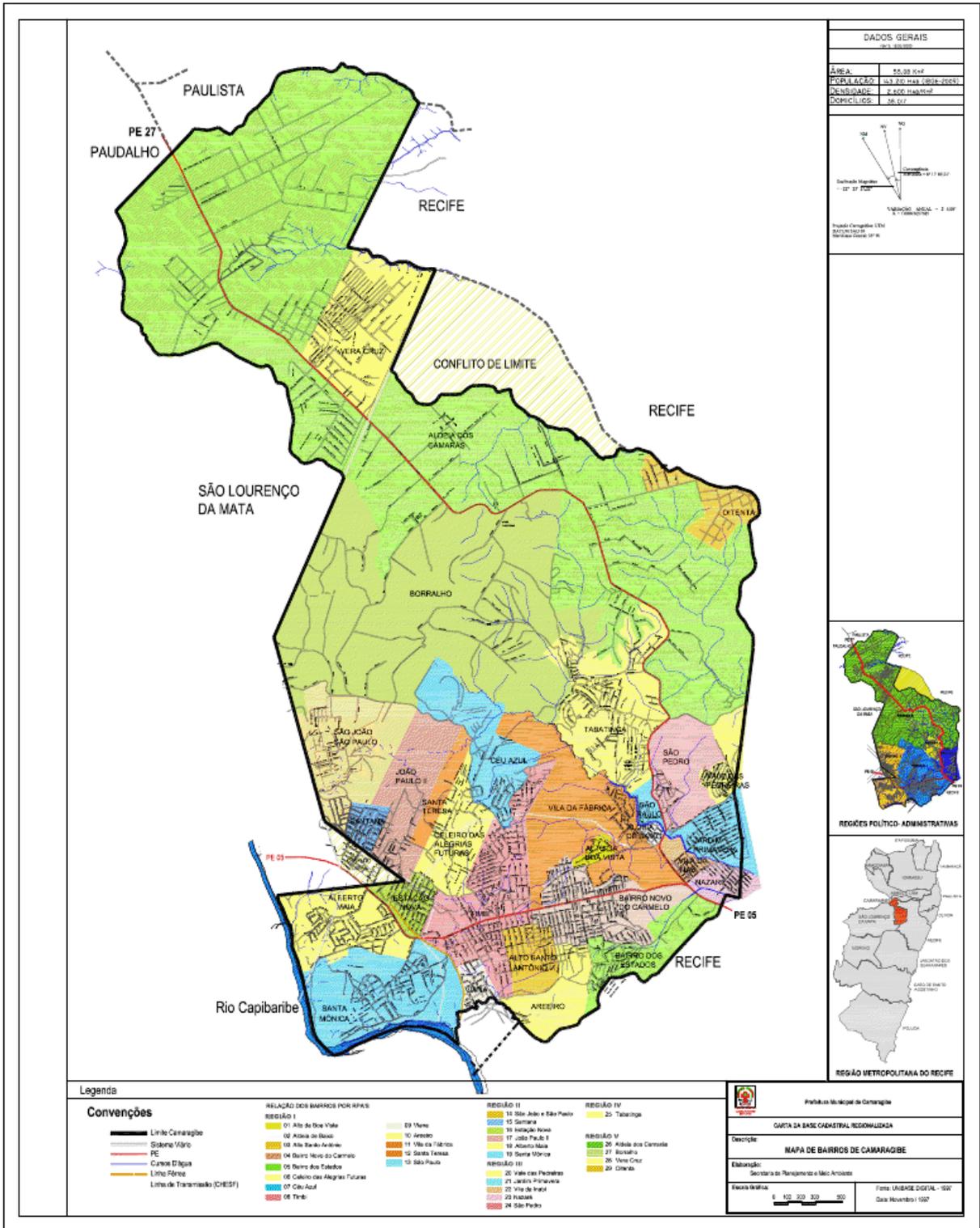
A instalação do município de Camaragibe ocorreu 31 de janeiro de 1983 (FIDEM). A Lei que desmembra Camaragibe do município de São Lourenço também destacava o território municipal como sendo área 100% urbana. Esta compreensão é ratificada em Leis municipais posteriores como o Plano Diretor municipal e a Lei de Uso e Ocupação do Solo de Camaragibe.

Do ponto de vista do zoneamento municipal Camaragibe está dividido em cinco Regiões Político-administrativas. Dessas, a RPA 5 é a que mais se diferencia das demais. Localizada num espaço de forte apelo ambiental, corresponde a chamada Região de Aldeia.



Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Figura 08: Mapa de bairros do Município de Camaragibe. Fonte: Prefeitura Municipal de Camaragibe Lei Municipal 420/2009.



Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Aldeia além de possuir um importante patrimônio ambiental que se mescla com o uso urbano do solo recebe, sobretudo ao longo das últimas décadas, um forte movimento de transformação de terras com a intensificação da produção de empreendimentos imobiliários, na forma de condomínios, chácaras, granjas e equipamentos de comércio e serviços. Enquanto a RPA 5 se insere num importante quadro de preservação do patrimônio ambiental o restante do território municipal se enquadra numa situação de grande preocupação. Nelas se concentram a maior parte da população pobre de Camaragibe. As demais RPAs do município são caracterizadas pela presença do urbano consolidado e dos problemas típicos da cidade grande, sobretudo relacionados a existência de áreas de risco, violência e pobreza.

Segundo dados do Censo do IBGE o município de Camaragibe possuía 128.702 habitantes em 2000, sendo 62.579 homens e 66.123 mulheres. A população total de Camaragibe colocava o município como o sexto maior município em população na RMR representando 3,85% da população total metropolitana.

Entre os anos de 1970 e 2000, houve um intenso processo de crescimento populacional bastante incentivado pelo alto nível de integração metropolitana do município, pelo processo migratório e pela falta de terras habitáveis no município do Recife que levou parte dos novos habitantes a instalarem-se nos municípios da periferia metropolitana tais como Camaragibe.

Quadro 02 - Crescimento populacional de Camaragibe 1970-2000				
Município	População 1970	População 1980	População 1991	População 2000
Camaragibe	41.196	87.710	99.407	128.702

Fonte: Como anda Recife, 2000.

O município encontra-se dividido em duas grandes Macrozonas: Macrozona de Proteção Ambiental e Macrozoza de Qualificação Urbana. A primeira "corresponde às áreas que apresentam características ambientais de importância para proteção ambiental, representando um rico patrimônio que deve ser preservado para as gerações presentes e futuras" na qual está inserido o território de Aldeia. Já a segunda corresponde às "áreas já parceladas, e com condições básicas de infra-

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social e serviços diferenciados" (Plano Diretor de Camaragibe, 2007 p.12) como pode ser observado na figura 09.

Figura 09: Macrozoneamento de Camaragibe – MPA e MQU. Fonte: Plano diretor de Camaragibe, Lei 341/2007.



3. A PERIURBANIZAÇÃO EM ALDEIA

3.1 O PROCESSO DE PERIURBANIZAÇÃO E AS TRANSFORMAÇÕES DE USO DO SOLO

3.1.1 AS TRANSFORMAÇÕES DE USO DO SOLO A PARTIR DA ANÁLISE DAS ORTOFOTOCARTAS (1975/1986) E FOTOS AÉREAS (1996)

O processo de análise das ortofotocartas e fotos aéreas permitiu consolidar a investigação proposta por esta pesquisa que buscou sempre comprovar um processo de transformação de uso do solo em Aldeia a partir dos anos 1970. Este processo foi favorecido tanto pela migração de famílias de trabalhadores que rumaram em busca das oportunidades de trabalho ofertadas pela região de Aldeia a partir daquele período, quanto da instalação progressiva de famílias de classe média nas chácaras residenciais e, posteriormente, nos condomínios de alto padrão.

Algumas áreas, a exemplo da comunidade de Vera Cruz, sofreram intensas transformações ao longo deste período. Na análise da Ortofotocarta 7250/1975 verifica-se o início do processo de loteamentos de terras em Vera Cruz. Ainda que de forma residual, são percebidos os primeiros lotes de terras e as primeiras habitações, circundadas de glebas de mata e cana-de-açúcar, assim como as primeiras granjas e chácaras. Neste período Aldeia apresenta uma urbanização dispersa, com pequenos núcleos de povoamento localizados ao longo da Estrada de Aldeia. Verifica-se a presença marcante de terras voltadas à produção agrícola e de um importante patrimônio ambiental – mata atlântica – que aos poucos foi dando espaço aos novos empreendimentos que se instalaram na localidade nas décadas posteriores.



Figura 10: Ortofotocarta 7250/75 – Vera Cruz/Aldeia.



Figura 11: Parte da Ortofotocarta 7155/75 – Vista da entrada de Vera Cruz a partir da PE-27 (Estrada de Aldeia)

Nos anos 70, a PE-27 já cortava Aldeia. Entre o Recife e o atual território de Camaragibe revela-se uma imensa área de mata que até então eram desprezadas

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social pela classe média e pelo poder público. No Recife, as terras dos “Macacos”, atual bairro de Dois Irmãos, fora dispensada aos mais pobres.

Dez anos depois, já em 1986, as imagens analisadas revelaram um adensamento em Vera Cruz: avolumaram-se as residências, assim como a promoção de granjas e chácaras ao redor da comunidade. Uma comparação das ortofotocartas (1975-1986) permitiu verificar uma mudança visível de uso da terra, passando do típico uso agrícola (1975) para o loteamento de terras para fins residenciais e de lazer em meados dos anos 80.

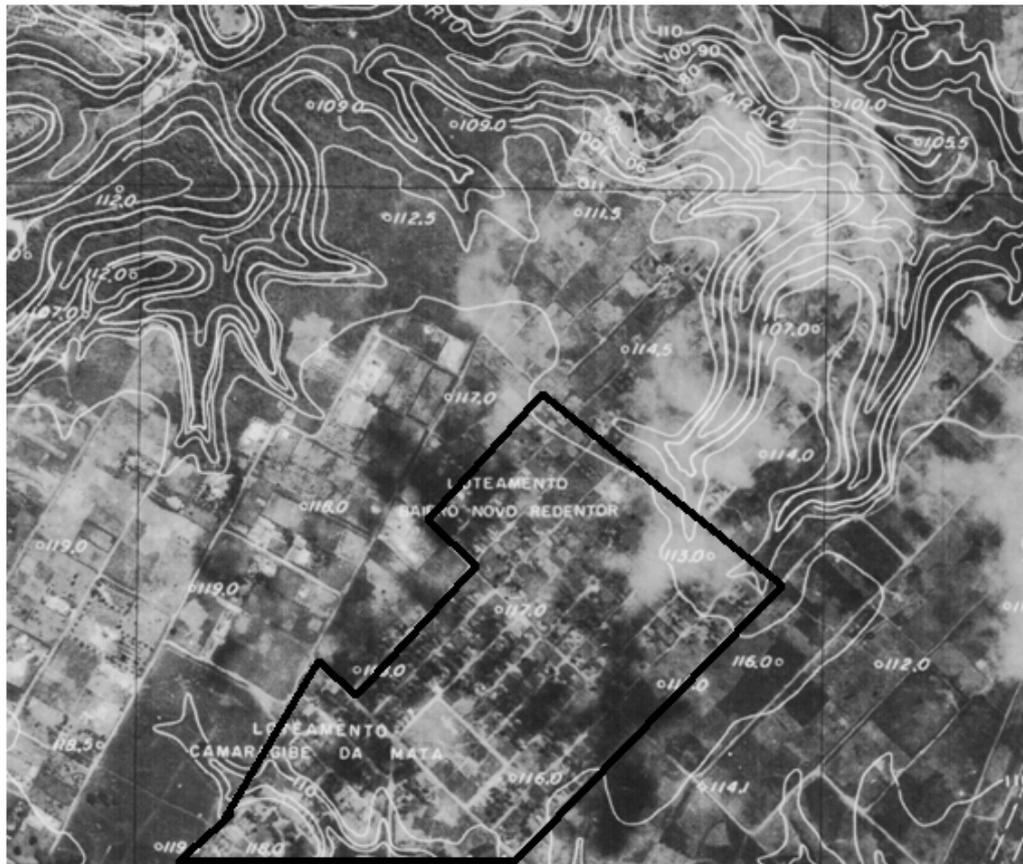


Figura 12: Ortofotocarta 7250/86 – Vera Cruz/Aldeia.

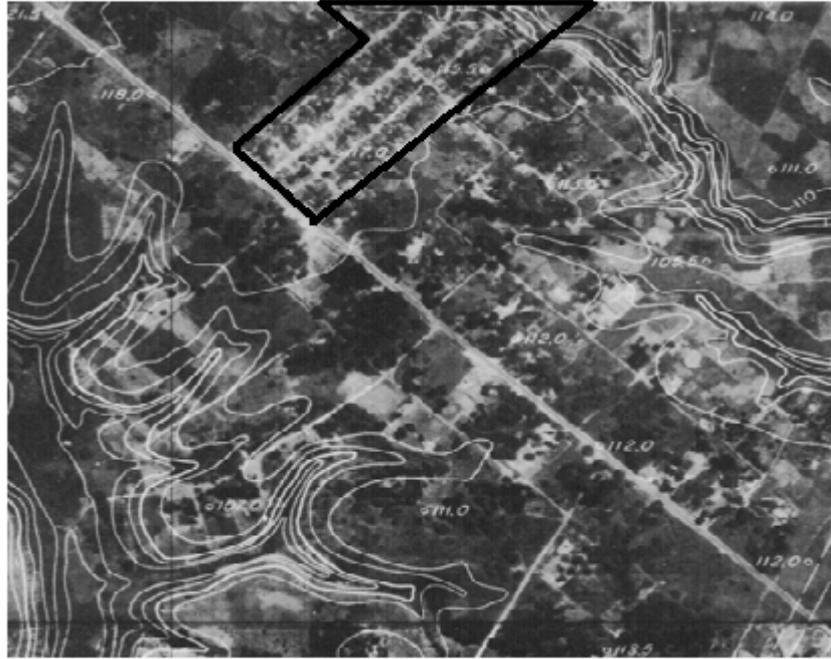
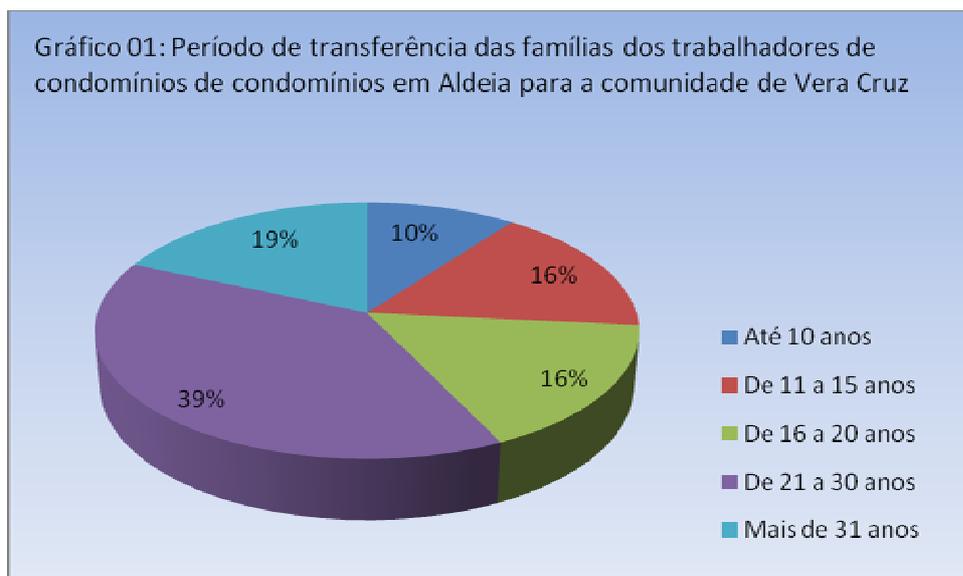


Figura 13: Ortofocarta 7155/86 – Vera Cruz/Aldeia a partir da PE-27 (Estrada de Aldeia)

Dentre os trabalhadores entrevistados que declararam residir na comunidade de Vera Cruz 19% afirmou residir na localidade a mais de 31 anos. Estes trabalhadores equivalem aos moradores remanescentes da cana de açúcar constituindo-se nos primeiros habitantes de Vera Cruz e ocupando os primeiros loteamentos ocorridos em meados dos anos 70. Muitos destes trabalhadores são descendentes de antigos agricultores locais que foram aos poucos ocupando as terras da comunidade e dando origem aquele povoado.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores do bairro de Vera Cruz (49 entrevistados).

Já 39% dos trabalhadores afirmaram ter se transferido para Vera Cruz num intervalo de 21 a 30 anos o que equivale a um período entre os anos 1980 e 1990. A análise das ortofotocartas do período demonstra bem o processo de adensamento da localidade de Vera Cruz neste período e converge com as informações dos entrevistados, já que é neste período em que Vera Cruz recebe um contingente significativo de moradores e consolida sua tendência ao uso residencial para classe trabalhadora local.

Já 16% dos trabalhadores afirmaram ter chegado à localidade entre 16 e 20 anos – equivalendo a um período entre os anos 1990 e 1995. As fotos aéreas correspondente ao ano de 1996 demonstram a urbanização sofrida pela localidade de Vera Cruz ao longo dos trinta anos investigados e neste período Aldeia já apresentava um conjunto significativo de terras voltadas às atividades granjeiras. Verifica-se, ainda, instalação do condomínio Country de Aldeia, assim como dos Clubes Campestres 7 Casuarinas e Alvorada, que posteriormente se transformaram em condomínios de classe média. Vera Cruz recebe um crescimento significativo, com um importante aumento do uso das terras para fins residenciais.

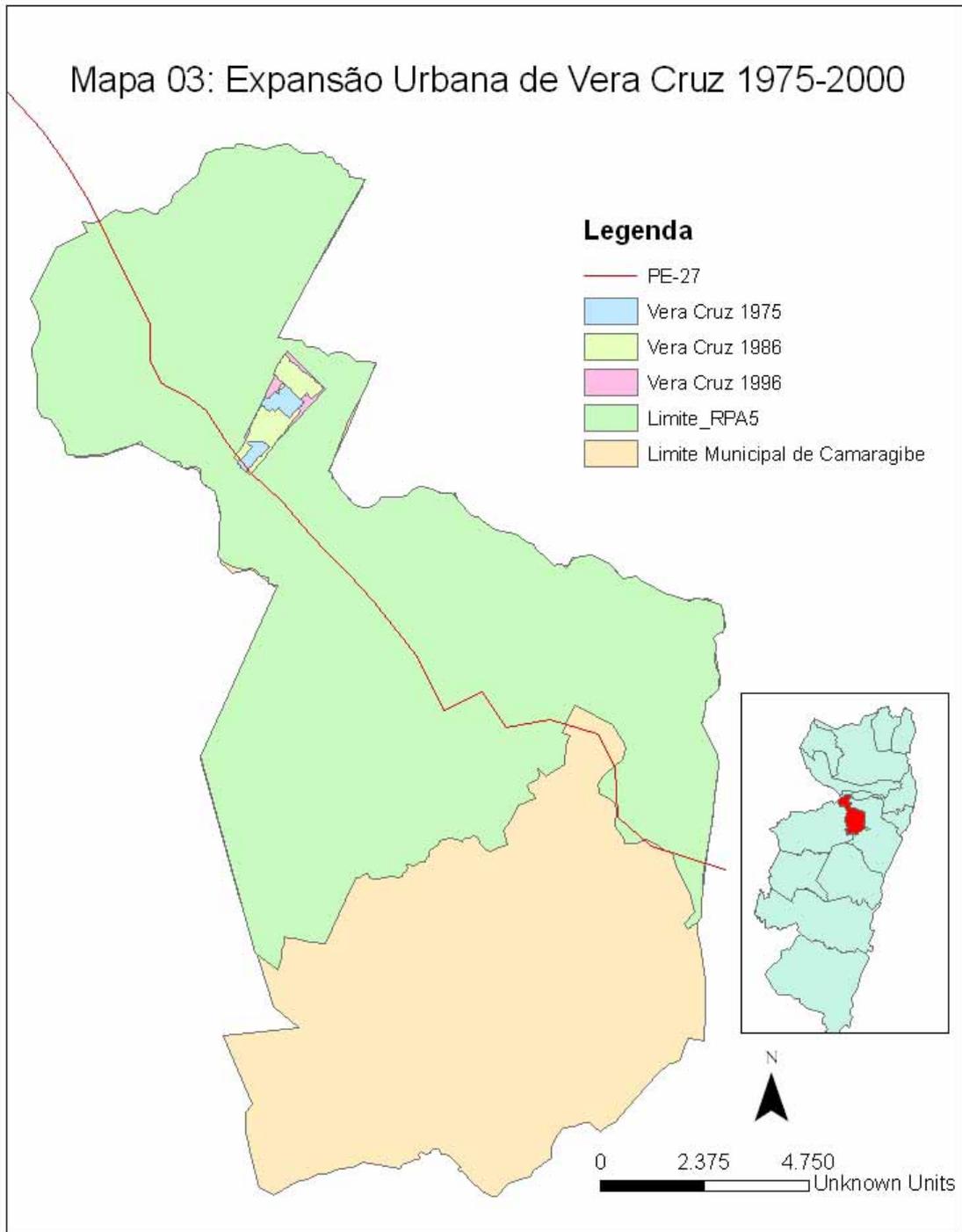
16% dos trabalhadores afirmaram ter se instalado em Vera Cruz entre 11 e 15 anos, período que equivale ao final dos anos 90. Já 10% deles afirmaram ter chegado à localidade num período menor que 10 anos, isto equivale a período posterior o ano 2000.

Como se pode verificar na Foto aérea abaixo, nos anos 90 Vera Cruz já estava bastante adensada, com moradias populares que se avolumaram com o passar dos anos. Diversos trechos que antes eram espaços agrícolas foram loteados e nos anos 90 já serviam como terras urbanas voltadas à moradia popular. As transformações tornam-se mais visíveis quando comparadas a ortofotocarta de 1975 e a Foto aérea de 1996.



Figura 14: Foto aérea FX 117_008 1996. Vera Cruz.

O processo de expansão de Vera Cruz entre os anos 1975 e 1996 é apresentado no Mapa 03. Por meio do qual se pode observar que ao longo de 30 anos a comunidade vivencia uma expansão significativa de sua área acompanhando o crescimento gradativo de sua população e das moradias populares.



A instalação dos condomínios e a transformação de uso da terra

Privilegiou-se a análise de instalação de condomínios em Aldeia devido a tomada de estratégia de compreender o processo de periurbanização da localidade a partir da história de vida de seus empregados. Desta forma, buscou-se sempre relacionar a instalação desses empreendimentos às histórias de vida contadas pelos entrevistados e à expansão da periferia pobre local. Segundo informações da Condepe/Fidem sobre o processo de loteamentos de terras em Camaragibe constam dos anos 2000 as primeiras autorizações para instalação de condomínios no município. Contudo, segundo informações da Prefeitura de Camaragibe, os Condomínios Sete Casuarinas e Clube Alvorada foram criados, inicialmente, como clubes de campo e posteriormente tornaram-se condomínios residenciais.

Com base no documento “Loteamentos e Condomínios Anuenciados na RMR” disponibilizado pela Fidem verificamos que no ano de 1981 fora dada autorização para o parcelamento do solo do loteamento Estância Rica Flora, através do certificado de anuência prévia número 2512 – 16/06/1981. A ortofotocarta de 1986, já mostra a implantação do condomínio neste período, enquanto a ortofocarta de 1975 mostra uma área de mata ainda inutilizada. Este empreendimento destaca-se por constar no documento oficial da Fidem como Loteamento quando, atualmente, funciona como condomínio fechado.



Figura 15: Parte da Ortofocarta 7250/75 – área onde foi implantado posteriormente o Condomínio Rica Flora



Figura 16: Parte da Ortofotocarta 7250/86 – Início do loteamento de terras e implantação do Condomínio Rica Flora

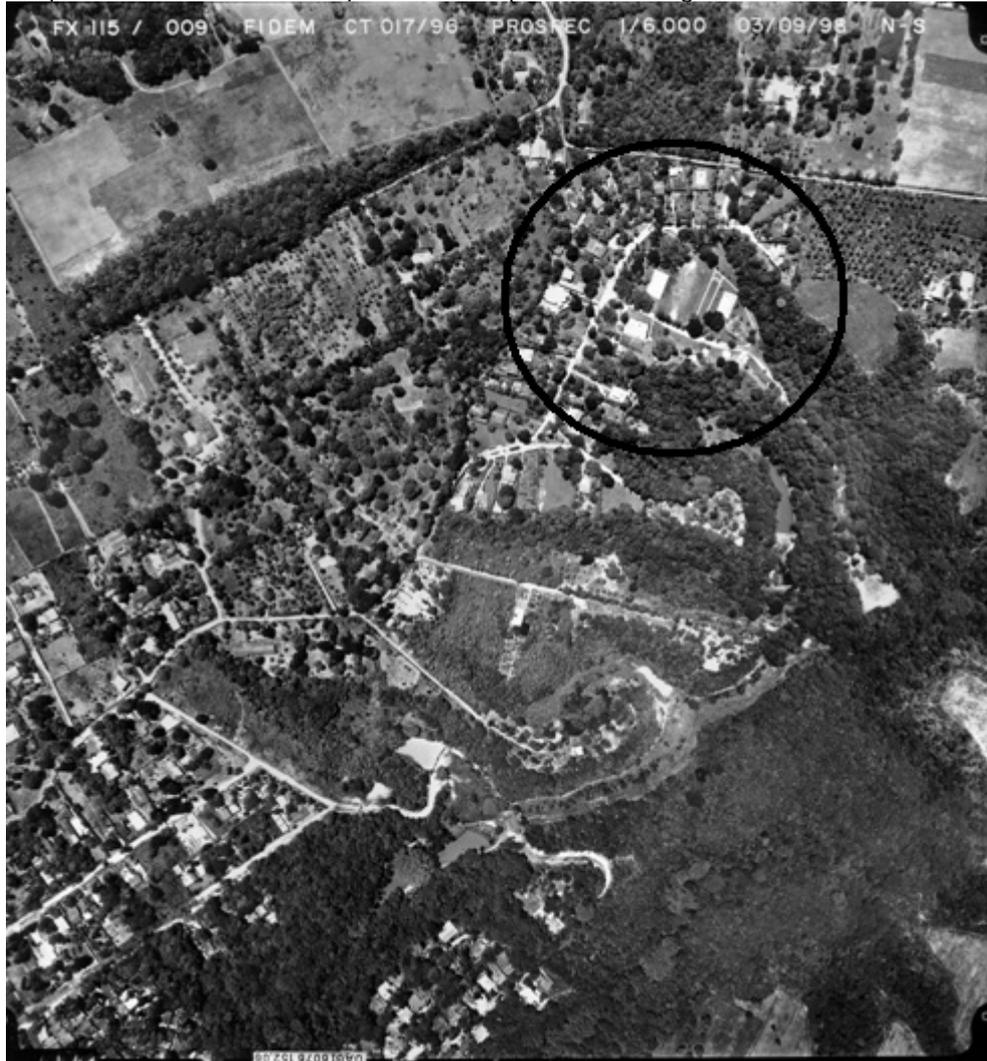


Figura 17: Foto aérea FX 115_009. Condomínio Rica Flora, 1996.

Oficialmente o Torquato Castro 2 fora o primeiro loteamento de terras autorizado para fins de condominiais em Camaragibe. Segundo o documento da Fidem a autorização para implantação deste empreendimento fora dada em 20/12/2000 através do Certificado de Anuência número 061/2000. Quando consultadas as ortofotocartas de 1975 e 1986 e as fotos aéreas de 1996 verifica-se que as terras onde hoje se localiza este empreendimento eram áreas descampadas e somente ganham utilidade a partir dos anos 2000, reforçando as informações da Fidem.



Figura 18: Parte da Ortofotocarta 7250/1975 – Área circundada de terras agricultáveis

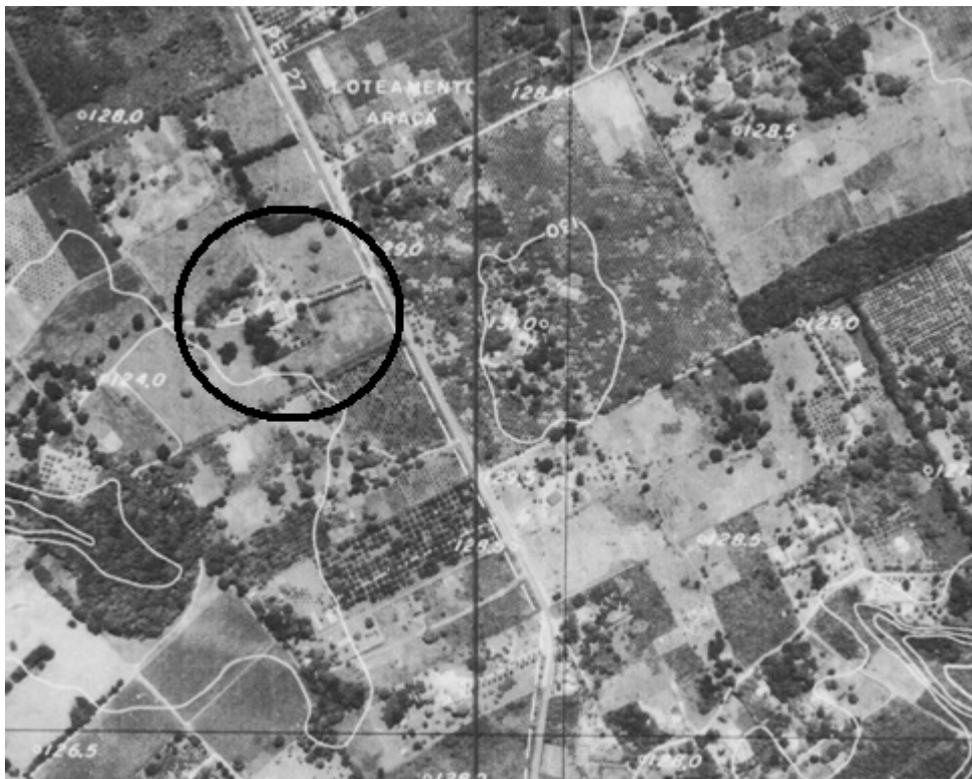


Figura 19: Parte da Ortofotocarta 7250/1975 – Área circundada de terras agricultáveis



Figura 20: Foto aérea FX 114_11/1996. Localização onde se implantara posteriormente o Condomínio Torquato da Castro 2.

No ano de 2002, fora dada autorização para implantação do Condomínio Flor do Araçá, sob a anuência número 031/2002. Analisadas as imagens das décadas anteriores verificamos na área onde hoje se localiza o Condomínio Flor do Araçá eram terras inutilizadas durante as décadas de 70 e 80. Nos anos 90, a Foto aérea ainda mostra uma área sem utilização, fato que só ocorre a partir de 2000 e se avoluma, principalmente, a partir de 2007. Atualmente, o condomínio Flor do Araçá é ocupado por dezenas de famílias.



Figura 21: Parte da Ortofotocarta 7250/1975. Área desabitada circundada de terras agricultáveis



Figura 22: Parte da Ortofotocarta 7250/1986. Área ainda desabitada, circundada de terras agrícolas

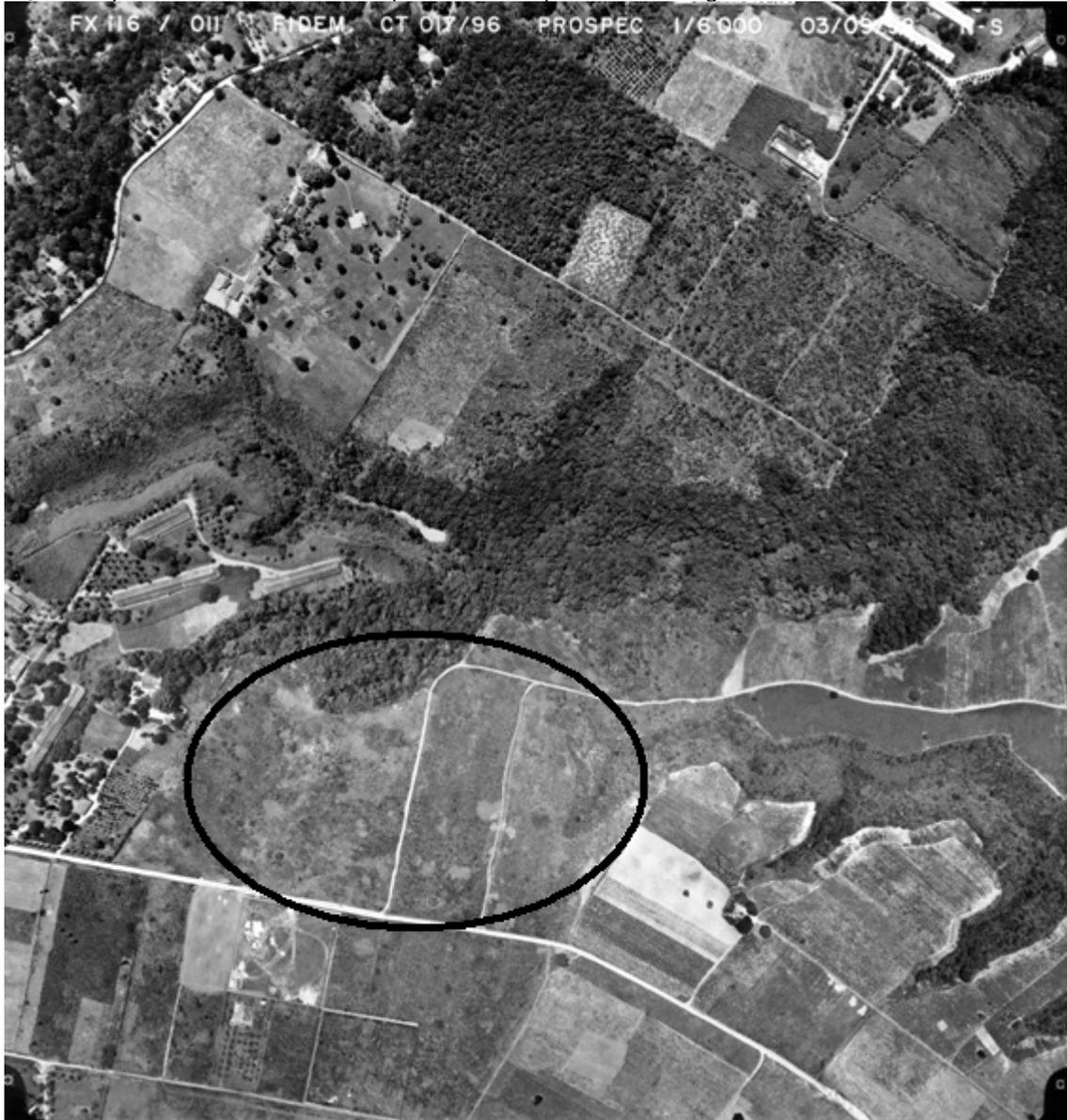


Figura 23: Foto aérea FX116_011 1996. Localização onde foi implantado, posteriormente, o Condomínio Flor do Araçá em 2002.

Abaixo, as Ortofotocartas 7155 de 1975 e 1986 mostram as terras ainda desabitadas onde posteriormente foi implantado o Condomínio Divinópolis.



Figura 24: Parte da Ortofotocarta 7155/75. Área circundada de terras agricultáveis



Figura 25: Parte da Ortofocarta 7155/86

O Condomínio Divinópolis foi oficialmente autorizado em 2003, através do Certificado de Anuência 018. Em 1996, com mostra a imagem abaixo, o empreendimento ainda não existia. As terras em que hoje está implantado o referido condomínio possuía fortes características rurais.



Figura 26: Foto aérea FX18_011 1996. Localidade onde foi implantado o Condomínio Divinópolis.

Consta no documento acessado o certificado de anuência de instalação do Condomínio Vila Bela de Aldeia datado de 05/11/2004. Analisada a Ortofotocarta de 1975 verifica-se ter havido um desmatamento considerável em função da instalação do Condomínio Vila Bela de Aldeia.



Figura 27: Parte da Ortofotocarta 7155/75. Em destaque localidade, aparentemente, intocada e que sofre processo de desmatamento ao longo dos anos posteriores.



Figura 28: Parte da Ortofotocarta 7155/86. Em destaque localidade, aparentemente, intocada e que sofre processo de desmatamento ao longo dos anos posteriores.

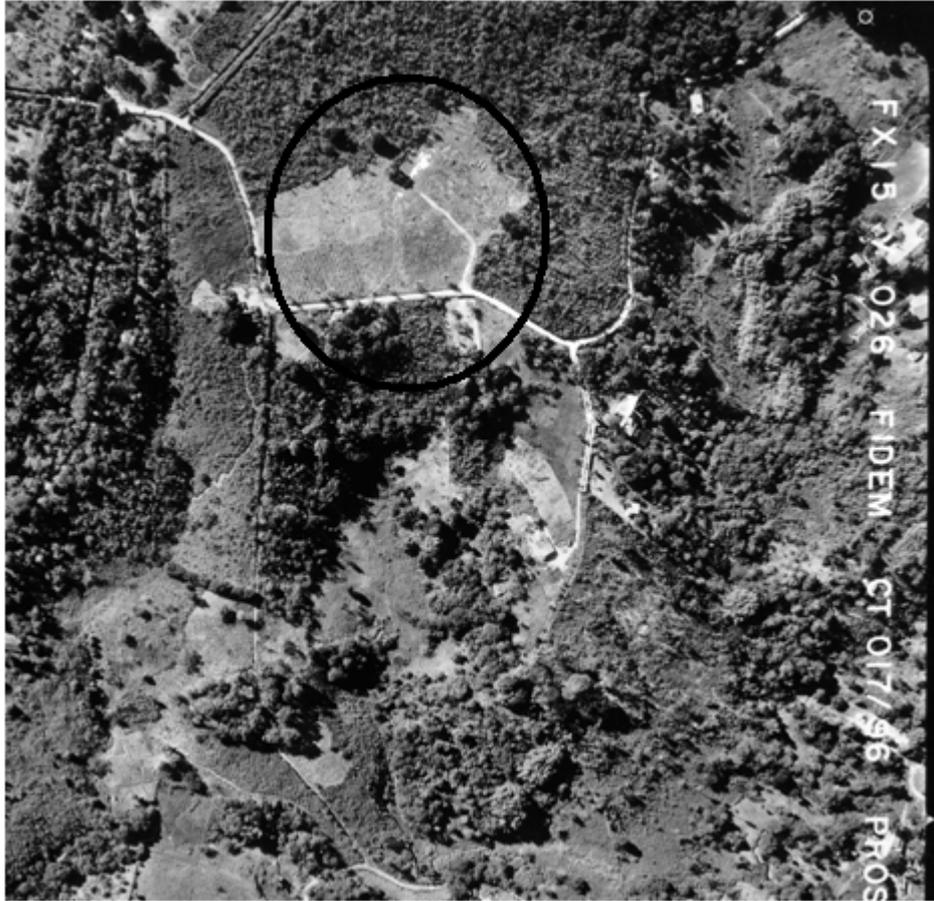


Figura 29: Foto aérea FX 15_26. Localidade onde foi implantado o Condomínio Vila Bela em 2004.

Comparadas as imagens de 1986 e 1996, verifica-se o início do processo de ocupação das terras onde hoje encontra-se instalado o Condomínio Torquato de Castro 1. Não foi identificado registro deste condomínio no documento oficial da Condepe/Fidem o que impossibilitou realizar o cruzamento de informações com a análise das imagens, assim como realizado para os demais condomínios. Contudo, como mostra a Imagem 27 em 1986 as terras aparentavam um início de um processo de loteamento. Já nos anos 1990, são identificadas as primeiras construções o que indica que fora neste intervalo que se deu o processo de loteamento de terras deste condomínio.

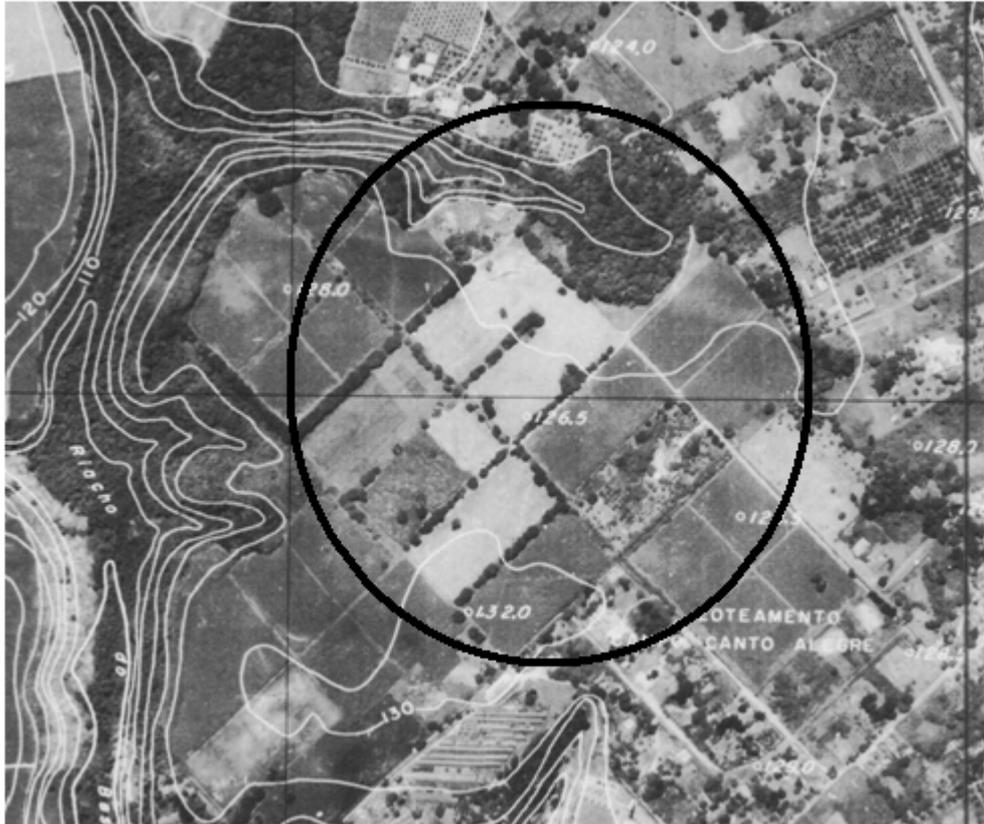


Figura 30: Parte da Ortofotocarta 7550/86. Área onde atualmente encontra-se o Condomínio Torquato de Castro 1.



Figura 31: Foto aérea FX 114_11. Primeiras construções nas terras do Loteamento Torquato de Castro 1.

Este exercício de análise das imagens possibilitou perceber movimentos que ocorreram ao longo das últimas três décadas e que caracterizam o processo de periurbanização em Aldeia: o recuo das áreas cultiváveis, o crescimento do volume de empreendimentos imobiliários e a expansão da periferia pobre. Tais transformações foram acompanhadas de uma série de conseqüências sociais e de impactos econômicos e demográficos sobre a comunidade local. Nas páginas seguintes estas mudanças serão melhores explicitadas.

3.1.2 AS TRANSFORMAÇÕES EM ALDEIA A PARTIR DA FALA DOS ENTREVISTADOS

Considerando Aldeia um espaço tradicionalmente rural mas com a presença dispersa de atividades urbanas e que vem sofrendo importantes impactos relacionados ao avanço do urbano sobre seu território podemos afirmar a existência de um processo de periurbanização na região a partir de meados do século XX.

O recorte temporal para esta análise se dará entre os anos 1970-2000, período em que se intensifica uma expansão metropolitana e a promoção imobiliária de primeira e segunda residência nas áreas periurbanas da RMR. Diante da inexistência de dados demográficos para o intervalo de investigação dessa pesquisa, optou-se focar a investigação nas transformações relatadas pelos moradores locais e na análise de imagens, tal como foi realizado na parte 3.1.1 desse trabalho.

Em meados do século XX inicia-se um processo de desfacelamento das atividades industriais de Camaragibe ao mesmo tempo em que nota-se uma intensa transformação de uso do solo com a intensificação do granjismo² na região de Aldeia. Miranda (2008) assinala que este processo pode ser dividido em duas grandes fases entre 1940 e 1960: a primeira quando o loteamento de terras decorrentes dos engenhos produziu pequenas propriedades adquiridas por ricifenses interessados em conciliar as atividades agrícolas com o lazer e o descanso de fim de semana. A segunda caracterizada pela abertura da rodovia que favoreceu a expansão do granjismo e a promoção de loteamentos para fins residenciais.

Nos anos 60 as granjas já representavam importante atividade de exploração do solo em Aldeia. A partir daí iniciou-se um processo de mistura entre o uso agrícola da propriedade e as atividades de final de semana. Neste período Aldeia passa a receber algumas intervenções públicas como a abertura da Estrada de Aldeia e já se inicia um processo de loteamento de terras que deu origem, posteriormente, à chácaras e granjas voltadas às atividades de lazer e à pequena agricultura. Os anos que se seguiram foram de intensa transformação espacial e social da localidade. Estas mudanças são verificadas nos relatos dos moradores mais antigos que se

² O termo granjismo foi proposto por Costa (1960 apud MIRANDA 1997) para “descrever o parcelamento de propriedades (engenhos, fazendas e sítios), que começaram a serem parceladas em lotes de aproximadamente 10 ha, as granjas”.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social constituem nas testemunhas vivas do espraiamento da urbanização sobre o território de Aldeia.

Os nomes dos entrevistados apresentados a seguir foram propositalmente modificados.

A fala de um dos mais antigos moradores da Região de Aldeia aponta para esse processo de transformação. Segundo Seu João, que é um antigo comerciante em Aldeia, quando de sua chegada na localidade em 1965 o lado direito da Estrada da Aldeia “era tomado por cana-de-açúcar”. Neste período cresce o número de granjas e chácaras que passam a fazer parte da paisagem do lugar. O aspecto rural dava à região um ar de “atraso” fator que produzia na população recifense certo desprezo em relação à Aldeia. Para o comerciante a região era menosprezada pelo poder público e pela população de maior poder aquisitivo do Recife pela dificuldade de acesso e só veio a ser valorizada nos últimos anos. Segundo Seu João

“Certa vez o prefeito Pelópidas Silveira foi perguntado onde os pobres iriam morar. Ele disse dos macacos pra lá, ou seja, de Dois Irmão pra cima. Hoje são os ricos que estão vindo pra cá”.

A valorização de Aldeia enquanto espaço de moradia para classe média aparece, também, na fala do Senhor Carlos, um importante empresário do setor de lazer da região e que está em Aldeia desde a década de 1980. Segundo ele “nos condomínios o que você vê são casas de primeiro andar, jardins magníficos, padrão americano (...)”. Tanto um quanto o outro reconhecem a expansão imobiliária local e o crescimento urbano.

As falas dos dois moradores refletem a impressão da maior parte dos residentes locais e mesmo da imprensa pernambucana que reconhecem um surto de crescimento urbano na Região de Aldeia nas últimas décadas. O Diário de Pernambuco destacou em sua edição do dia 25 de março de 2010 “Aldeia com problema de cidade grande”. Já o Jornal do Commercio na edição de 01 de agosto de 2010, destaca “Aldeia cresce, mas exige cuidados” e “Expansão gera boas oportunidades” relatando como a expansão imobiliária local vem impactando o setor comercial de materiais de construção de Aldeia. Já na edição de 12 de julho de 2010, o Jornal do Commercio destacou “URBANIZAÇÃO EM ALDEIA: Cobiçado pedaço de mata atlântica na RMR vira local de moradia permanente e enfrenta problemas de saneamento, trânsito e degradação ambiental”. Estas reportagens encontram-se nos anexos deste trabalho.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Nos anos 60 Aldeia passa a abrigar dois clubes de lazer Alvorada e Sete Casuarinas onde foram construídas casas de campo que posteriormente se tornaram moradias de primeira residência (ANDRADE, p.145). Nos anos 70 avoluma-se a ocupação do solo em Aldeia caracterizado pela presença de granjas. Estas atividades mesclavam-se com as atividades de lazer e uso de segunda residência, mas já iniciava um processo de fixação populacional. Posteriormente, e com a expansão de serviços e infra-estrutura foi havendo uma transformação crescente de uso do solo passando a receber novos usos tais como residências, clubes, hotéis, comércios e outros usos tipicamente urbanos que contrastavam com a paisagem rural do lugar.

Miranda (2008) destaca a importância desempenhada pelas rodovias na expansão granjeira metropolitana, já que favoreceram o deslocamento entre o Recife e áreas do seu entorno. “O investimento estatal na estrutura viária, aliado às amenidades climáticas, foi atrativo aos interesses imobiliários” (MIRANDA, 2008 p.206). Aldeia foi uma das áreas que se beneficiaram pela expansão das rodovias.

Segundo relato de um antigo morador da região até os anos 1970 era difícil a mobilidade entre Aldeia e o Recife “só tinha um ônibus que descia de 8 (horas) e subia de 10, quem tinha sorte pegava uma carona nos caminhões que desciam cheios de feixes de lenha para Recife”. Hoje, apesar da dificuldade permanecer, já existe um sistema de transportes que liga a localidade ao sistema de metrô metropolitano e ao centro do município de Camaragibe. Já Dona Maria, uma moradora, relata a dificuldade de transportes em Aldeia no período de chegada à localidade, há mais de 40 anos. Segundo ela “Agora está uma riqueza porque tem o metrô, tem a integração, tem o metrô quando a gente que ir pra cidade. Antigamente só tinha o Araçoiaba agora veja o horário de 8, de 1 (da tarde) e de 5 horas, a gente tinha que descer lá em Vera Cruz e vir andando”.

Questionado sobre a expansão comercial da localidade Seu João revela que até os anos 70 “só tinha eu no KM-12 e Seu Dedé no Km-7”. A fala do comerciante reflete a dispersão que era característica do lugar até aquele período. Já o Senhor Carlos destaca “nós hoje temos o essencial para sobreviver, [antes] se você não fizesse uma compra lá em baixo [Recife] e não trouxesse (...) você dependia da bodega de Seu Manoel, de Seu Joaquim”. Para Carlos quando de sua chegada em Aldeia

“a maioria das coisas não funcionavam a noite, não era por medo é que não tinha freqüência. Não tinha moradores. Os moradores daqui

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

só eram de fim de semana. Eram os moradores de sexta, sábado e domingo depois iam embora”

A fala do morador reflete bem a característica de ocupação das moradias em Aldeia até meados dos 1980, em que predominava o uso habitacional de segunda residência destinada ao lazer de final de semana. Tais moradias eram tidas como espaço de lazer e descanso, enquanto a residência principal se localizava no Recife.

A partir dos anos 1980 cresce a malha comercial de Aldeia. Instalam-se atividades de serviços e equipamentos públicos, tais como a Telebrás e a Escola Internacional de Aldeia. São perceptíveis na fala dos antigos moradores as transformações espaciais que ocorrem na região, principalmente relacionadas à instalação de condomínios, a partir de então. Segundo o Senhor Carlos quando de sua chegada nos anos 1980

“Quase não tinha condomínios nenhum, contava-se nos dedos. Eram mais loteamentos do que propriamente condomínios. Esses condomínios eram casas de campo e não hoje assim que são casas *hollywoodiana*”.

Se antes predominava a cana-de-açúcar e as granjas, nos últimos anos o comércio e os condomínios estão tomando a paisagem local. Estes novos empreendimentos foram consumindo as terras onde antes estavam localizadas granjas e chácaras. Isso pode ser identificado na fala Seu João para quem o Condomínio Sete Casuarinas “era uma granja, depois foi vendido e virou condomínio”. Já para Carlos onde hoje se localiza a Escola Internacional de Aldeia antes “era uma granja, uma outra família comprou e em seguida a EIA (Escola Internacioal de Aldeia)”. Ele ainda relata a tomada alguns outros empreendimentos que sofreram processos de transformações:

“aqui em frente ao Bar do Dede era uma granja residencial, hoje é uma clínica de reabilitação”

“Tem outra que foi fechada pela Polícia Federal, era uma granja de eventos”

“Aqui atrás [referindo-se à sua propriedade] era um sítio e virou pandieiro [favela de rico, como ele próprio esclarece] não é bem um condomínio, são casas de primeiro andar (...)”

Entre as falas dos moradores convergem a idéia de crescimento da região de Aldeia. Para Seu João “Aldeia está crescendo muito” e acrescenta “é uma cidade”. Dona Maria também afirma

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

“Quando eu cheguei aqui contava as casas nos dedos, eu ia lavar roupa no rio porque não tinha água, era só mato. Usava candeeiro. Isso aqui pra o que era está um paraíso. Agora tá uma cidade pra vista do que era. Tem farmácia, comércio e tudo”

Questionado sobre as impressões do morador em relação à região de Aldeia Carlos é enfático “a menina me perguntou se eu considero Aldeia rural, eu não considero. Aldeia é urbana”. Ele relata diversos aspectos pelos quais reforça a idéia de urbanidade na região: o sumiço da fauna, o aumento no volume de carros, o crescimento da violência etc.

Segundo Carlos a fauna está sumindo, antes:

“eu não precisava ir no mercadinho comprar pimenta. Ela [a sabiá] mesma se encarregava de comer e semear. Em cada lugar tinha um pé de pimenta. Hoje você não vê sabiá (...) começou a aparecer pardal”

O aumento no volume de carros é outra característica que reforça a compreensão de Aldeia como área urbana. Segundo relatos dos moradores até os anos 1980 era pouco o volume de carros circulando na Estrada de Aldeia. Nos últimos anos a quantidade de automóveis vem aumentando e produzindo alguns transtornos e transformações no lugar. Segundo o Senhor Luiz “há doze anos eu tinha um comércio no KM 3,5 e durante a semana nós ficávamos contando quantos carros passavam na Estrada. Então no primeiro expediente a gente dizia passaram hoje cinco carros, seis carros”. Já Carlos destaca como o volume de carros, hoje, vem influenciando no sumiço de animais típicos da região “antigamente tinha muito animal, você parava o trânsito para uma preguiça atravessar a rua”. Seu João também relata sobre a quantidade de carros na Estrada de Aldeia “não sei quantos carros passam, mas são muitos”.

O volume de carros também produz problemas para a população local. Diariamente verifica-se congestionamentos na subida e descida da ladeira de Aldeia. Além disso, a falta de acostamento em alguns trechos forçam os pedestres a disputar espaço com os carros, animais, carroças, poças d’água e com o comércio informal.

Hoje os moradores podem contar com uma infra-estrutura instalada e consolidada, mas não era assim até os anos 1980. Até aquele período os interesses estavam associados, predominantemente, às atividades agrícolas mesmo quando se associava este à moradia e lazer. A ação do Estado, a partir da abertura da rodovia e a expansão das facilidades de telefonia e comunicação contribuíram para o

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social
deslocamento de novas atividades para Aldeia e a fixação de um contingente considerável de população. Todas as facilidades que foram instaladas favoreceram a transformação das moradias de segunda em primeira residência.

O granjismo que surgia como complemento de renda do morador sitiante e que trabalhava no Recife perde importância com o tempo. A substituição da população local por um novo contingente citadino e a crise por qual passa a agricultura brasileira acaba por promover um desinteresse pela produção agrícola nas granjas (MIRANDA, 2008). A valorização do solo periurbano e o interesse pela vida rural, expressado pela idéia de tranqüilidade e qualidade de vida – além da infra-estrutura instalada – contribuíram para consolidar a promoção de moradias de primeira e segunda residência em detrimento do uso produtivo.

Segundo o Perfil Municipal de Camaragibe (2007, pag.103):

Esta nova dinâmica urbana de influência externa é representada pela elitização de frações do espaço citadino que adquire maior projeção no início da década de 90 na RPA 5 a exemplo do bairro Aldeia dos Camarás, que funciona como segunda residência ou residência principal da classe média e alta do Recife, elevando desta forma a fração da população abastada do município

As amenidades da região, associados aos baixos índices de violência, tranqüilidade e qualidade de vida são atrativos importantes para quem decide morar em Aldeia. Isto pode ser verificado tanto na fala da classe média local como nas respostas dos empregados condominiais quando perguntados sobre quais fatores têm atraído a classe média a fixar moradia em Aldeia.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínios de Aldeia

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Para 42% dos trabalhadores os atributos de tranqüilidade, paz e segurança são os fatores que mais atraem. Já para 40% os aspectos naturais como clima, ar puro, contato com o verde, água e temperatura amena destacam-se como qualidades de atração. Os outros 18% deram outras respostas, tais como: qualidade de vida, fuga da violência do Recife, fuga do trânsito, lazer, descanso etc.



Figura 32: Casa de alto padrão construtivo em condomínio de Aldeia – Ailson Barbosa, agosto/2010

Os condomínios se convertem na expressão da moradia de luxo – para quem pode pagar – associada ao contato com a natureza e a fuga do caos urbano recifense. Andrade (2006) e Miranda (2008) destacaram o uso dos atributos de tranqüilidade, segurança e contato com a natureza na promoção das moradias condominiais de Aldeia. Para Souza (2001 apud ANDRADE 2006 pag.24)

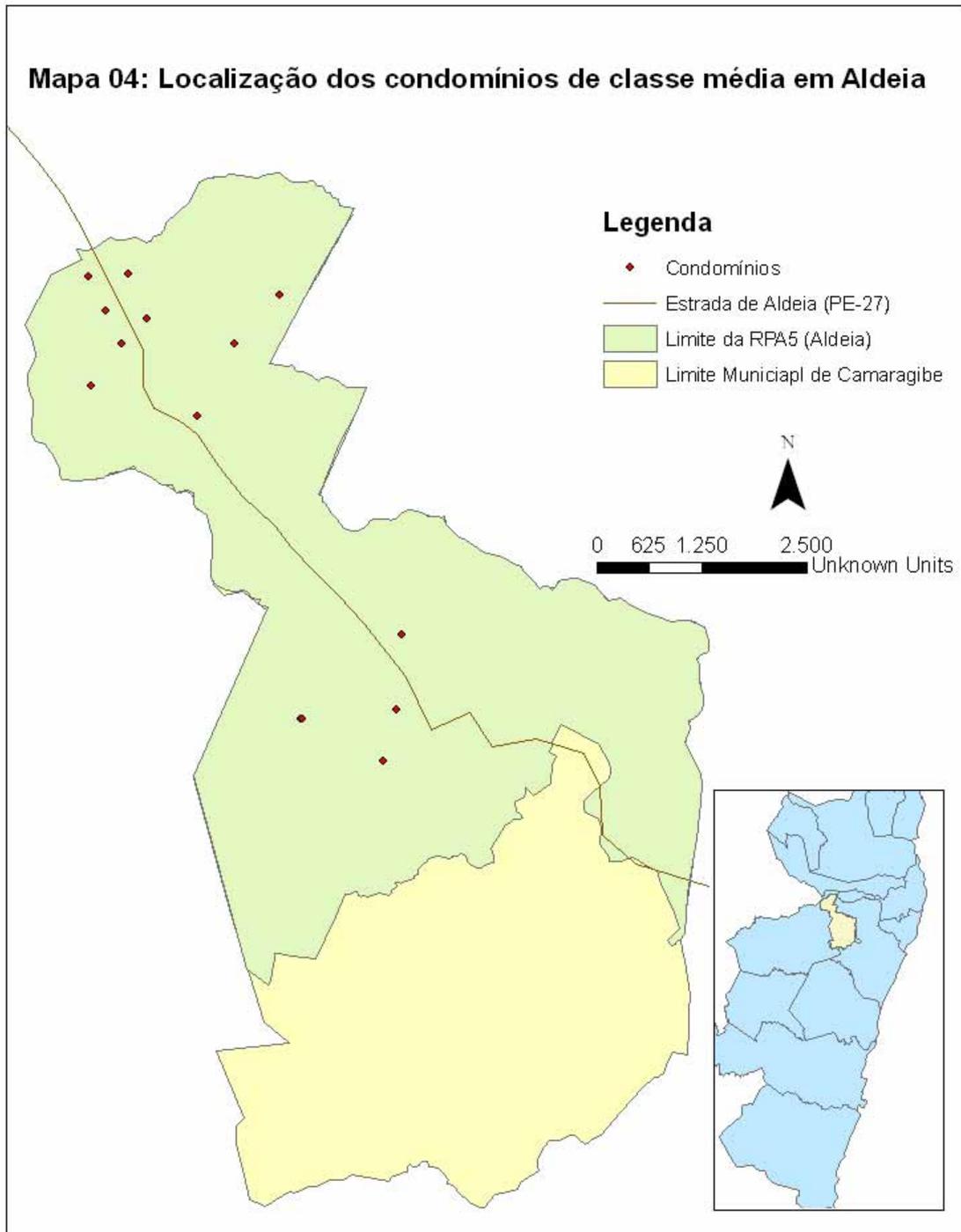
Aldeia, no município de Camaragibe, apresenta hoje diversos condomínios muitos dos quais servindo de residência principal para família de classe média. Tais “condomínios” apresentam dispositivos de segurança (muro, vigia) e vários dispõem de piscina, sauna etc; seja como for, não são no entanto, nem de longe tão complexos e sofisticados como os equivalentes de São Paulo e do Rio de Janeiro, nem mesmo considerando a situação de vinte anos atrás. Ao que parece, as amenidades naturais (mesoclima mais agradável) e o menor stress em comparação ao núcleo do Recife (pois trata-se de uma franja urbana-rural) têm sido os fatores preponderantes na ocupação de Aldeia pela classe média, que assim surge como opção aos bairros mais típicos da elite recifense como Casa Forte e Boa Viagem.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Entre 1991 e 2000, houve um incremento populacional significativo em Aldeia expresso pela transformação de moradias de segunda em primeira residência, pela expansão da periferia pobre e, conseqüentemente, a fixação de um contingente populacional influenciada pelas melhorias estruturais e pela ampliação de serviços promovidos nas últimas décadas. Ao mesmo tempo cresce o volume de atividades urbanas de uso do solo (lazer, residências) e, apesar de o município de Camaragibe ser considerado totalmente urbano, percebe-se resíduos de ruralidade no território de Aldeia. Atualmente, Aldeia é considerada o Complexo agroturístico do município de Camaragibe, concentrando significativo volume de atividades agrícolas e turísticas, com ênfase em gastronomia, lazer e hospedagens.

Nos últimos anos cresce o uso do solo para fins residenciais e crescem também as oportunidades ofertadas pelos novos empreendimentos, o contingente populacional e consigo os problemas.

A instalação de condomínios de classe média ampliou as possibilidades de trabalho para população mais pobre e acabou atraindo uma massa considerável de homens e mulheres em busca de oportunidades. A localização dos condomínios em Aldeia pode ser observada no mapa 04.



Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Os entrevistados falam do crescimento de Aldeia referindo-se a dois aspectos fundamentais: o crescimento do comércio e do número de moradias, expressadas em condomínios ou em granjas que se tornaram primeira residência. Este “desenvolvimento” exigiu a atração e abertura de uma série de negócios, tais como os armazéns de materiais de construção e de imobiliárias que se fixaram ao longo da Estrada de Aldeia voltadas a atender a esta nova demanda de construções e de venda de imóveis na região. Desta forma, um levantamento foi realizado para identificar estes empreendimentos ao longo da PE-27, tal como mostrado no quadro 03.

Quadro 03 - Armazéns e imobiliárias ao longo da PE-27	
Armazéns de construção	Imobiliárias
Famalicão	Aldeia Imóveis
Comercial Aldeia	Paulo Vieira Paz
Construcenter	Sanguinete Imóveis
Armazém do Matuto	Zé Queiroga Guimarães
Mini Armazém	Alan Conceição Imóveis
O ponto da Construção	Carlos Souza Imóveis
Armazém Miranda	Stand Antonio Maria

Organização: Ailson Barbosa, 28/08/2010.



Figura 33: Armazém Famalicão, localizado no Km – 12 da Estrada de Aldeia. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social



Figura 34: Imobiliária Paulo Vieira Paz, Km – 09 da Estrada de Aldeia. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Outros equipamentos foram sendo instalados na região para atender a demanda da classe média local. *Shopping*, academia, livraria, posto de gasolina, lavanderias e outros serviços que podem ser observados ao longo da Estrada de Aldeia.



Figura 35: Lavanderia, posto de gasolina, escritório de uma construtora e um mini-shopping. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

O crescimento de Aldeia vem produzindo uma série de conseqüências para a localidade, dentre elas o crescimento da violência. Esta tem se tornado uma das maiores preocupações dos moradores locais, já que muito desses “novos” moradores do lugar buscaram em Aldeia um espaço de fuga do caos urbano e da violência do Recife. Mas não só a violência se caracteriza como problemas da região: o trânsito que começa a dar sinais de saturação, o meio ambiente que está sendo ameaçado pela ação antrópica e o crescente tráfego e consumo de drogas aparecem como preocupação na fala de quem mora em Aldeia.



Figura 36: Vista da Estrada de Aldeia. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Percebendo estas problemáticas que se instalam em Aldeia nas últimas décadas algumas alternativas foram sendo adotadas pelos moradores locais, uma delas foi a organização do Fórum Socioambiental de Aldeia.



Figura 37: Propaganda do Fórum Socioambiental da Aldeia

Este Fórum vem buscando estabelecer um canal de diálogo com o poder público em busca de soluções para os problemas sociais e ambientais da região. Um dos problemas que mais preocupa a população local tem sido a violência de tal forma que são reservadas ao menos uma reunião mensal para debater a temática.

3.2 DESIGUALDADE E POBREZA EM ALDEIA: O EXEMPLO DE VERA CRUZ

Aldeia se constitui na expressão da desigualdade que se faz presente nas paisagens da RMR. Comunidades pobres próximas a grupos populacionais de classe média alta produzem um contraste visual e refletem as desigualdades no acesso à renda e moradias.

Em Aldeia são encontrados grupos economicamente distintos que revelam a exclusão a que estão submetidas às famílias mais pobres. Famílias de alto padrão de renda habitam os luxuosos condomínios e encontram nas comunidades mais pobres a mão-de-obra necessária para manutenção dos serviços e infra-estrutura de seus empreendimentos residenciais.

Com uma população de 15.679 habitantes, segundo dados do Censo do IBGE 2000, a RPA 5 de Camaragibe apresenta a menor concentração populacional do município. Nela encontramos a ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) Asa Branca, localizada no bairro de Vera Cruz e parte da ZEPE (Zona Especial de Preservação Ecológica) localizada no bairro do Borrvalho caracterizada pela presença da Mata Atlântica.



Figura 38: Vista da Zeis Asa Branca/Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa – 20/10/2010

Com uma população de 3.038 habitantes (Censo IBGE, 2000) o bairro de Vera Cruz se destaca por possuir um das maiores concentrações de população de baixa renda do município e por concentrar um número significativo de habitações populares. Ali também é encontrada uma grande concentração de chefes de família que recebem até um salário mínimo. Vera Cruz aparece no ranking municipal em terceira colocação entre os bairros com maior concentração de chefes de família recebendo até 1 SM perdendo apenas para os bairros de Aldeia de Baixo (RPA 1) e São João e São Paulo (RPA 2). Borrvalho e Aldeia dos Camarás também estão entre os bairros que apresentam parcelas consideráveis de chefes de famílias sobrevivendo com até um salário mínimo. O bairro do Oitenta apresenta uma população de apenas 710 habitantes, segundo dados do Censo do IBGE 2000. Concentrando um número significativo de população de alto poder aquisitivo, neste bairro apenas 25% dos chefes de família possuem rendimentos mensais de até 1 salário mínimo.

Quadro 04: Percentual de renda apropriada do chefe familiar com até 1 salário mínimo por bairro da RPA 5 de Camaragibe	
Vera Cruz	55
Borralho	48
Aldeia dos Camarás	42
Oitenta	25

Fonte: Perfil de Camaragibe - Prefeitura Municipal de Camaragibe, 2006.

Localizado ao longo da Estrada de Aldeia (Km 9) é no bairro de Vera Cruz onde se concentra grande parte dos trabalhadores de condomínios e onde se percebe uma considerável expansão urbana da região de Aldeia ao longo das últimas décadas.

O Piinho é outro importante núcleo de povoamento de Aldeia. Localizada no bairro de Aldeia dos Camarás a comunidade cresceu, significativamente, nos últimos anos. Situado numa área de grande dispersão a comunidade torna-se objeto de preocupação por parte do poder público municipal.



Figura 39: Vista da comunidade do Piin. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Morar em Aldeia tem se convertido num importante fator para a ocupação das novas oportunidades de trabalho ofertadas pelos novos empreendimentos imobiliários da região. Desta forma, como será relatado na parte 3.3 deste trabalho, muitas famílias têm migrado para esta localidade provocando um crescimento significativo da

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social periferia pobre e, conseqüentemente, uma grande demanda de serviços e infraestrutura para o município de Camaragibe.



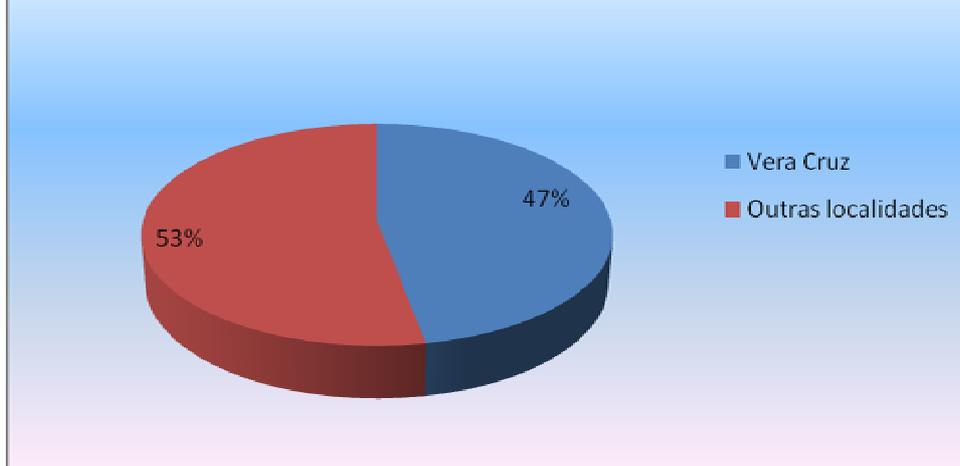
Figura 40: O padrão precário das habitações em Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

3.2.1 VERA CRUZ NA OPINIÃO DOS TRABALHADORES EM CONDOMÍNIOS E MORADORES DO LUGAR

Vera Cruz é um dos pontos críticos de pobreza e desigualdade da parte norte de Camaragibe e, não diferente de outras áreas pobres da metrópole recifense, sofre com a falta de infra-estrutura básica, moradias precárias, violência e as drogas.

Para esta parte do trabalho foi necessário proceder com uma seleção de questionários aplicados junto aos trabalhadores de condomínios em Aldeia. Isto porque, nem todos os trabalhadores em condomínios residem no bairro de Vera Cruz. Do universo de trabalhadores entrevistados 47% declararam residir no bairro de Vera Cruz, já os outros 13% (correspondente aos 60% dos trabalhadores de condomínios que moram em Aldeia como mostrado no gráfico 12) se subdividem entre as comunidades do Piin, Borrvalho, Oitenta e Cobrança.

Gráfico 03: Localidade de moradia dos trabalhadores em condomínios de Aldeia



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínios de Aldeia. Considerado o universo total da pesquisa (104 entrevistados)

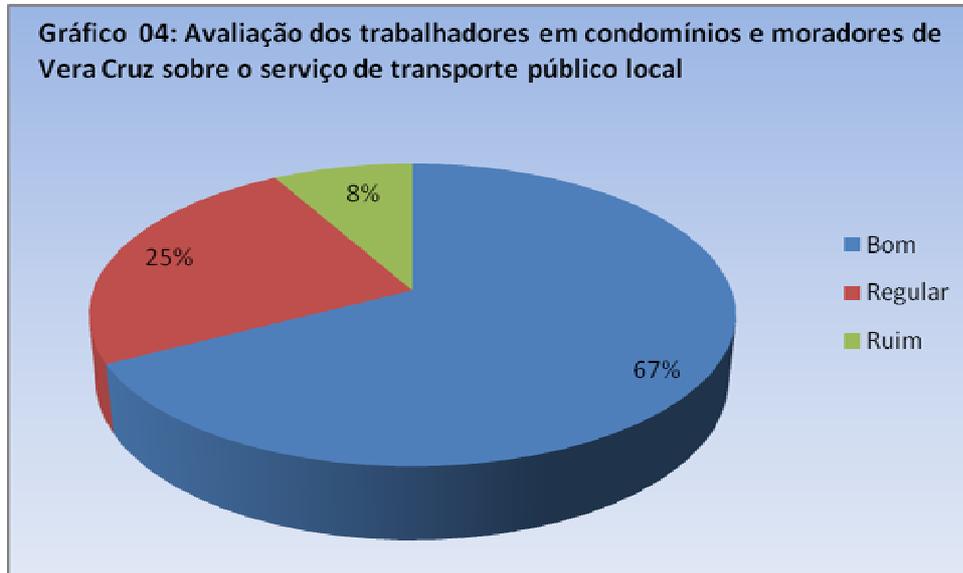
Em relação aos transportes a comunidade é atendida pelo sistema de transporte complementar e por uma linha de transporte coletivo que liga Vera Cruz ao metrô de Camaragibe. Contudo, a falta de transporte que ligue a comunidade ao centro do Recife acaba por impedir o acesso da população local aos serviços e oportunidades ofertadas pela capital pernambucana. Este discurso é recorrente na fala dos moradores locais, assim como dos trabalhadores em condomínios de Aldeia.



Figura 41: Transporte complementar em Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Dentre os trabalhadores entrevistados uma parte considerável utiliza-se do transporte próprio para se deslocar de casa para o trabalho. A ineficiência do serviço

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social de transporte local aliado à proximidade do local de trabalho leva-os a adotar estas alternativas. Para estes trabalhadores o serviço de transporte local é bom para 67%; regular para 25 e ruim para 8%.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores do bairro de Vera Cruz (49 entrevistados).

Tal quadro reflete a baixa utilização do serviço de transportes por parte destes trabalhadores, mais do que propriamente a satisfação com o serviço. Conversar com a população local revelará o nível real de insatisfação de quem precisa utilizar-se do sistema de transporte público.



Figura 42: Bicicletas e motos dos trabalhadores de condomínios em Aldeia. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Desta forma, não é difícil encontrar a população local, ao longo da Estrada de Aldeia, utilizando-se da bicicleta como forma de transporte. No final da tarde ou no início da manhã, centenas de homens e mulheres tomam a Estrada com suas bicicletas rumo aos condomínios, comércios, escolas, granjas e chácaras da região.



Figura 43: Bicicleta, carroça e carros da Estrada de Aldeia: formas de transporte. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010



Figura 44: Moradia precária em Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Apesar da concentração de moradias populares e dos problemas tipicamente urbanos que são encontrados em Vera Cruz, a área preserva fortes características rurais. A conversa na calçada ou no banco da praça, as cercas vivas no entorno das casas, o transporte a cavalo, o uso da carroça ou a criação de galinhas no quintal das residências são características presentes no cotidiano da comunidade.

Já em relação ao sistema de educação a comunidade é atendida por duas escolas: Municipal São José e Torquato de Castro (Galpão) localizadas dentro do bairro.



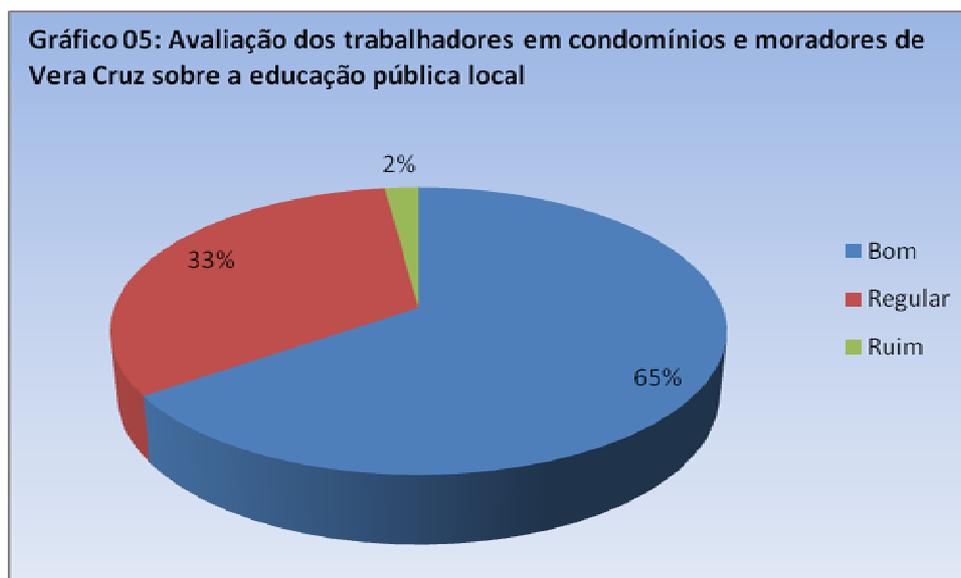
Figura 45: Escola Municipal São José. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010



Figura 46: Escola Estadual Torquato de Castro. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

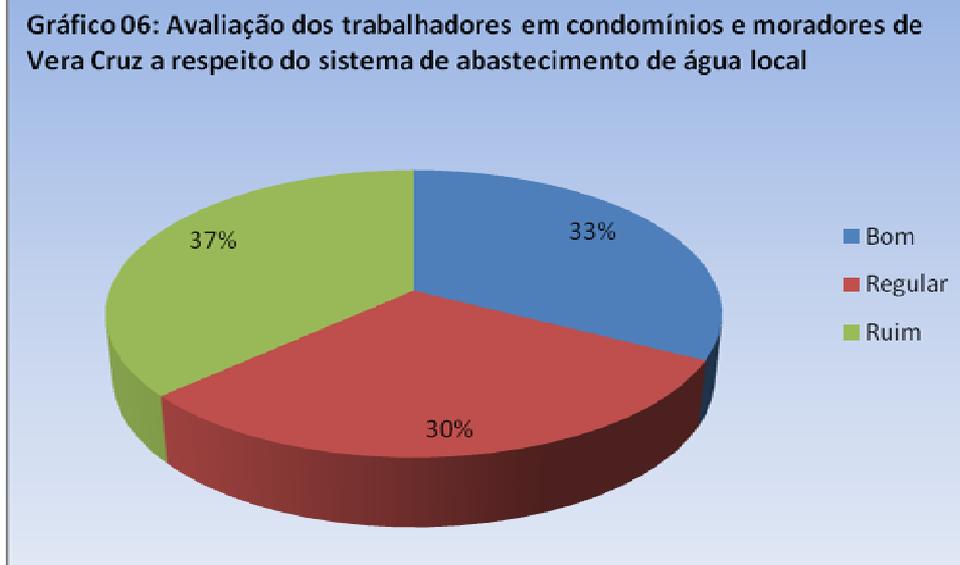
A Escola Municipal São José oferece turmas de primeira à oitava série. Enquanto a Escola Torquato de Castro oferece turmas de quinta à oitava série, além de Educação de Jovens e Adultos (Travessia) no turno da noite. Cursar o Ensino Médio é uma dificuldade para quem mora em Vera Cruz e isso se reflete nos índices de escolaridade da população local e nas oportunidades acessadas por quem mora na comunidade.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores do bairro de Vera Cruz (49 entrevistados).

Para os trabalhadores entrevistados e moradores da comunidade de Vera Cruz o serviço de educação local é bom para 65%. Regular e ruim para 33 e 2% respectivamente. Apesar da boa avaliação quem deseja cursar o Ensino Médio precisa sair do bairro de Vera Cruz o que tem se tornado um desafio para quem deseja estudar.

Do ponto de vista do saneamento a comunidade tem recorrido às formas diversas para o escoamento dos dejetos e para o acúmulo de água para as tarefas cotidianas. Parte da população local se prevalece da oferta de água no solo, promovendo a abertura de poços. Aos que não possuem condições de pagar pela abertura restam-lhes depender da água oferecida pelo sistema de água da Compesa que apresenta grande irregularidade.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores do bairro de Vera Cruz (49 entrevistados).

Para os trabalhadores entrevistados o acesso à água é um dos maiores problemas da localidade. Como mostrou o gráfico 06 o sistema de abastecimento de água ainda é bastante precário, sacrificando principalmente a população mais pobre. Acumular água em caixas, baldes e cisternas é a forma mais recorrente de garantir água para os serviços diários.



Figura 47: Cisterna para acumulo de água no bairro de Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa Agosto/2010



Figura 48: Água acumulada em bacias e baldes para banho. Foto: Ailson Barbosa Agosto/2010



Figura 49: Água acumulada em baldes para o consumo doméstico diário
Foto: Ailson Barbosa Agosto/2010

Outra situação encontrada em Vera Cruz é água empoçada e o despejo de água nas ruas. Na falta de um sistema de esgotamento que receba a água e a destine adequadamente, a população local recorre a este artifício para se livrar da água indesejada. Assim, ao andar pelas ruas da comunidade é comum encontrar canos de água corrente despejando água a céu aberto. Água esta que corre para pequenas valetas ou se acumulam em poças d'água gerando mau cheiro e insetos.



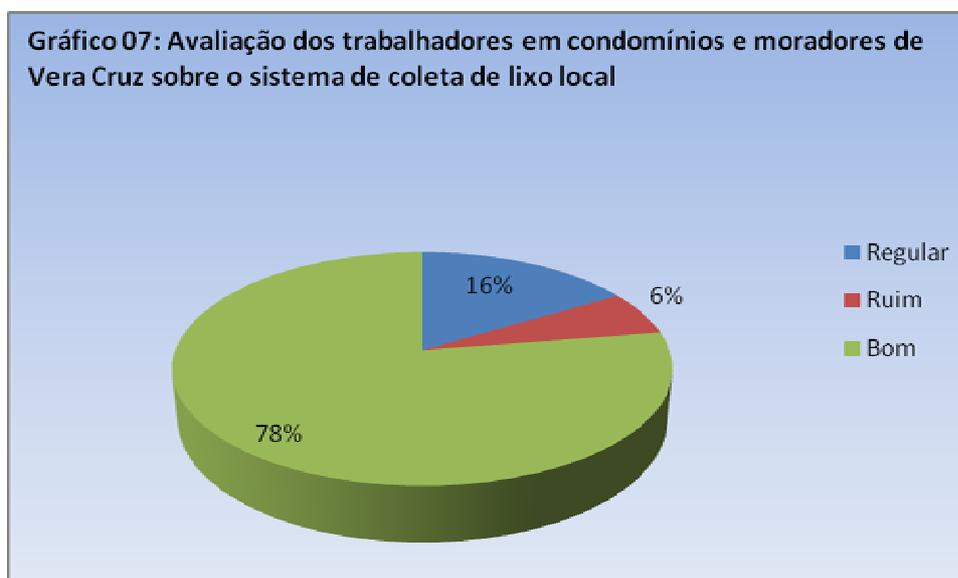
Figura 50: Esgoto despejado nas ruas de Vera Cruz Foto: Ailson Barbosa Agosto/2010

Já para os dejetos a forma encontrada pela população local diante da inexistência de um sistema de esgoto sanitário é a criação de fossas no quintal das residências. Esta é uma opção possível e necessária para a população pobre local que não possui outra forma de eliminação dos dejetos. Em Vera Cruz encontramos situações calamitosas: a fossa servindo como suporte para a lavagem de louças diárias ou próximas das residências gerando um intenso mau cheiro.



Figura 51: Alternativa à falta de sistema de saneamento em Aldeia - Fossa séptica numa residência popular em Asa Branca/Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa. Agosto/2010

A coleta de lixo aparece na maior parte das respostas como um serviço bom. A existência de um sistema de coleta semanal atende em grande parte a necessidade da comunidade.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores do bairro de Vera Cruz (49 entrevistados).

Apesar disso é comum encontrar lixo espalhado nas ruas da comunidade, sobretudo na área de Asa Branca, parte mais pobre do bairro de Vera Cruz. Muito do lixo produzido localmente acaba sendo queimado, problema que vem sendo combatido pelas organizações ambientalistas locais.



Figura 52: Lixo nas ruas de Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa. Agosto/2010

O comércio diversificado permite aos moradores adquirir produtos que necessitam na própria localidade. Apesar disso, vários moradores destacam a necessidade de se dirigir à Camaragibe (centro do município) quando desejam adquirir produtos mais sofisticados e mais baratos.



Figura 53: Centro comercial de Vera Cruz. Foto: Ailson Barbosa

Na entrada de Vera Cruz encontra-se um centro comercial importante com lojas, farmácias, supermercados, padarias, lan-house etc. Este pequeno centro comercial atende tanto aos moradores do bairro de Vera Cruz quanto à classe média de Aldeia. Alguns estabelecimentos estão voltados a atender a classe média local, seus produtos não são acessíveis, portanto, à população pobre de Vera Cruz. Desta

forma, não é difícil encontrar no interior da comunidade pequenos comércios voltados a atender as necessidades imediatas da população local.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores do bairro de Vera Cruz (49 entrevistados).

Vera Cruz concentra a maior parte da população pobre da RPA 5 de Camaragibe e está fixada numa área que tem em seu entorno várias granjas, chácaras e condomínios. Estes empreendimentos servem como principal fonte de oportunidades de trabalho para população local seja nos serviços domésticos ou na manutenção e preservação. Homens e mulheres enxergam com grande importância a proximidade e a existência de uma classe média consumidora de sua força de trabalho. Além disso, muitos dos trabalhadores foram sendo atraídos pelas oportunidades geradas pelos novos empreendimentos. Por isso, vem ocorrendo na região o crescimento da periferia pobre de Aldeia em função da fixação de uma população vinda de outras partes da RMR, Zona da Mata e agreste pernambucano para ocupar as novas vagas de trabalho que foram surgindo ao longo do tempo. Esta questão será melhor explorada na parte 3.4 deste trabalho.

3.3 TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO LOCAL

A história de Aldeia se confunde em muito com a história dos trabalhadores de condomínios, chácaras e granjas da região. Foram as famílias vindas de diversas partes de Pernambuco – e mesmo de fora do estado, como constatada pela pesquisa de campo - que passaram a povoar as áreas mais pobres da região.

Os novos empreendimentos que se instalaram em Aldeia a partir dos anos 1960 mudaram em muito a face visível do lugar, assim como a relação da população com a terra e a própria estrutura ocupacional de Aldeia. Os condomínios de classe média alta tornaram-se a expressão de empreendimentos que transformaram o espaço de Aldeia modificando o uso do solo, a paisagem e as relações de trabalho.

Em função das novas oportunidades possibilitadas pelos empreendimentos – habitacionais, comerciais e de serviços – verifica-se uma migração destacável de um contingente populacional vindo tanto de municípios da RMR, quanto de municípios da Zona da Mata e do Agreste para se fixar em Aldeia. Esta transferência produziu não só um crescimento populacional como a expansão da periferia pobre da região. Estas transformações podem ser verificadas na fala dos atuais trabalhadores de condomínios em Aldeia como mostrado adiante.

Foram as localidades mais pobres que receberam ao longo das últimas décadas a maior parte dos trabalhadores que rumaram para Aldeia em busca das novas oportunidades de trabalho. Vera Cruz destaca-se dentre as comunidades onde o processo de fixação se evidencia com mais força já que é ali onde vivem 47% dos trabalhadores de condomínios da localidade.

As oportunidades oferecidas pelas granjas e chácaras ao longo das últimas décadas exerceram importante fator de atração de trabalhadores para a região. Isto fora constatado a partir de informações levantadas junto aos trabalhadores. Contudo, não foi objetivo desta pesquisa mensurar esta atração de mão-de-obra para as granjas e chácaras ao longo das últimas décadas e que poderá ser tema de investigação de futuros trabalhos.

Com a instalação dos novos empreendimentos habitacionais na região de Aldeia estes passaram a exercer o papel de importante instrumento de atração de mão-de-obra e de promotor de mudanças na trajetória profissional familiar da população local. São muitos os empregados de condomínios que revelam em suas histórias e nas histórias de suas famílias a transformação da trajetória profissional familiar passando da tradicional atividade agrícola – com os avós e pais – para o setor de serviços a partir dos atuais trabalhadores de condomínios. E ainda é identificado um número significativo de trabalhadores que revelaram um processo de migração para

Aldeia em função das oportunidades ofertadas nestes empreendimentos imobiliários que acabaram por promover processos de atração e fixação de trabalhadores.

Este movimento rumo à Aldeia promoveu uma transferência do local de moradia dos trabalhadores e/ou das famílias levados pela força econômica e pela necessidade de trabalho. Outra mudança se deu quanto às atividades econômico-profissional da família, já que os relatos revelam ter havido com o processo migratório uma mudança significativa no setor profissional familiar, passando da agricultura para o setor de serviços. Em Aldeia se produz uma reterritorialização, sendo ali o novo espaço de fixação destes trabalhadores.

Vera Cruz revela-se como a receptora da maior parte das famílias que se transfere para Aldeia – mas não a única. A proximidade com a Estrada de Aldeia e a existência de um núcleo de povoamento consolidado exerceu influências importantes na atração e fixação deste contingente que se instalou na região. Além disso, permanecer próximo da Estrada destaca-se como um importante fator para conquista de oportunidades já que facilita o deslocamento dos trabalhadores, como revela a fala de um trabalhador:

“a gente morava mais pra dentro, meu pai decidiu vir morar perto da Estrada porque era melhor de arrumar emprego”

São diversas as histórias que levaram as famílias a migrarem para Aldeia, mas o fator oportunidade de emprego destaca-se entre as respostas que mais aparecem nas entrevistas com os empregados de condomínios. Para 45% deles o motivo da migração familiar para Aldeia estava relacionado a oportunidades de emprego ofertadas pela localidade. Tais oportunidades concentraram-se, principalmente, nas granjas e chácaras e, posteriormente, nos condomínios.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores de comunidades pobres de Aldeia (58 entrevistados).

A possibilidade de ter um emprego formal com carteira assinada chama a atenção na fala da maior parte dos trabalhadores. Todos os entrevistados revelaram possuir vínculo formal de trabalho (com carteira assinada e direitos trabalhistas reconhecidos) o que representa uma conquista importante para quem se desloca em busca de novas oportunidades ou mesmo para quem vive numa região de difícil mobilidade social e oportunidades limitadas. Para um trabalhador de condomínios e ex-agricultor:

“Foi melhor pra mim, pelo menos eu trabalho fichado, recebo *direitinho*”

O sentimento de conquista e satisfação é recorrente nas entrevistas com os trabalhadores, sobretudo pelo reconhecimento da importância que os condomínios representam na vida da localidade de Aldeia com a geração de empregos e oportunidades. As declarações a seguir foram dadas por trabalhadores em condomínios de Aldeia. Seus respectivos nomes foram propositalmente modificados a fim de evitar qualquer forma identificação.

3.3.1 TRABALHADORES EM CONDOMÍNIOS E MORADORES DE ALDEIA

Aldeia inicia um processo de loteamento de terras em 1960, período em que se instalaram as primeiras granjas e chácaras da região. O processo de ocupação de

terras pela classe média recifense acabou por modificar a estrutura de terras da localidade até então de uso predominante para agricultura. A classe média que passa a ter em Aldeia seu espaço de lazer e descanso necessitava de trabalhadores que cuidasse e preservasse sua propriedade e a preparasse para os momentos de lazer no final de semana. Os caseiros, como até hoje são chamados, foram sendo arregimentados tanto no Recife quanto em outros municípios e trazidos para Aldeia como mão-de-obra para tais empreendimentos.

Dos anos 1960 aos anos 1990 foram as granjas e chácaras as grandes promotoras de atração de mão-de-obra para Aldeia. Mas a partir dos anos 90, quando se inicia uma expansão imobiliária em Aldeia os promotores de atração mudaram de face passando então a serem os condomínios os que atraem a nova massa de trabalhadores para a localidade. Dentre as histórias de transferência de município em função das novas oportunidades ofertadas por Aldeia encontramos Elias, um atual trabalhador de condomínios de Aldeia e que vive na localidade há mais de vinte anos. Morador de Vera Cruz, Elias é natural do município de Paudalho. Sua vinda para Aldeia se deu por escolha dos pais. Ele destaca a importância de estar mais próximo do Recife como fator fundamental para conseguir empregos, daí a fixação em Vera Cruz que segundo ele naquele tempo “já estava se loteando”. Os pais foram trabalhadores da cana-de-açúcar, assim como os irmãos e o próprio Elias. Sua história com os condomínios de Aldeia se inicia com uma indicação de outro empregado do condomínio em que trabalha. Segundo declarou o entrevistado “agarrei com toda força a oportunidade e estou aqui até hoje”. Ele revela que percebe uma intensa transformação espacial em Aldeia. Para Elias “Aldeia cresceu 100%, se encheu de comércio, pessoas, condomínio. A felicidade dos moradores são os condomínios”. A fala dele reforça esta nostalgia e a importância dada pelos moradores e trabalhadores locais aos condomínios como espaço de oportunidades para população local. E acrescenta “Se não fosse os condomínios eu acho que Aldeia estava parada, não tinha emprego”. A história de Elias e de sua família é uma prova de como os condomínios de Aldeia vem promovendo um processo de transformação das características da mão-de-obra local, mudança que se processa do primeiro para o terceiro setor. Os filhos de Elias seguem o mesmo caminho do pai. Influenciados pela urbanização de Aldeia e pela proximidade com o Recife, atualmente um trabalha num comércio da região enquanto o outro cursa o Ensino

Superior numa Universidade do Recife. Isto comprova um processo de transformação na trajetória profissional familiar do trabalhador que se inicia com Elias e seu distanciamento da agricultura e se consolida com os filhos cada vez mais distantes do trabalho com a terra.

Gabriel tem uma história de estreita ligação com a terra assim como dezenas de outros trabalhadores dos condomínios de Aldeia. Seus pais sempre trabalharam na agricultura na parte rural de Paudalho e sua chegada em Aldeia se deu em função de uma oportunidade de trabalho como caseiro surgida numa granja para seu pai em 1999. Isso provocou a transferência de toda a família do município de Paudalho para Camaragibe. Depois de alguns anos morando numa granja a família transferiu-se para Vera Cruz, onde vivem até hoje. Sua história com o condomínio surge quando da construção do empreendimento há alguns anos atrás. Gabriel revela ter colaborado na construção do condomínio em que trabalha atualmente e que fora aproveitado como trabalhador formal quando do início da venda dos lotes. Possuindo o Ensino Médio completo Gabriel destaca que a falta de uma qualificação o impediu de acessar melhores oportunidades de trabalho. Contudo, revela que a proximidade entre o trabalho e a residência são fatores importantes para acessar as oportunidades de emprego que o condomínio oferece. Gabriel é mais um dos inúmeros trabalhadores que reconhecem nos condomínios uma importância significativa como espaço de promoção de oportunidades para população local.

“de emprego aqui os melhores são nos condomínios”

A trajetória familiar desse trabalhador evidencia um processo migratório de Paudalho e para Aldeia. Este processo contribui para a expansão da periferia pobre de Aldeia já que, como ele, parte considerável de trabalhadores se instalaram em Vera Cruz. Questionado sobre sua impressão em relação ao crescimento de Aldeia Gabriel é enfático:

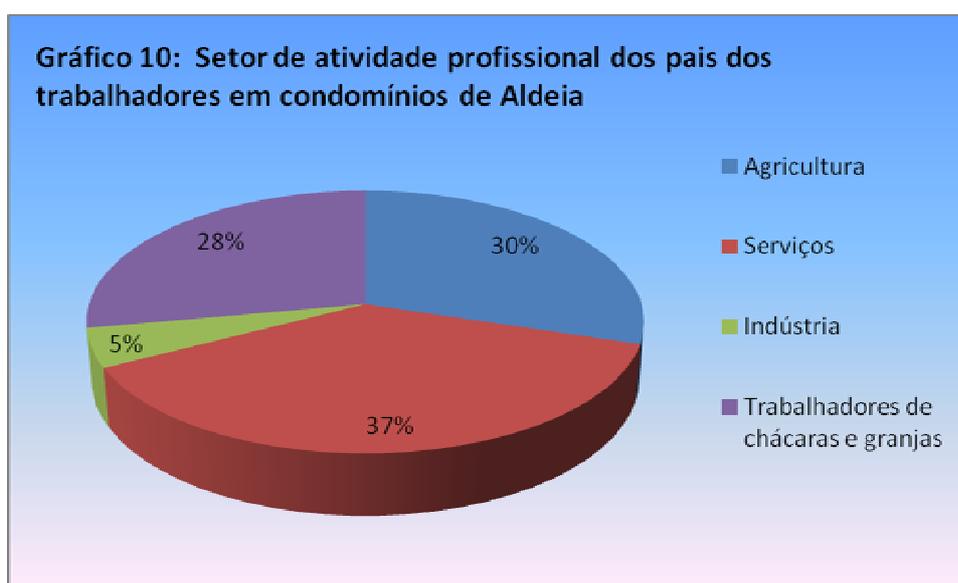
“Tá crescendo, Aldeia”

E observa:

“É muito condomínio que tão fazendo aí tá surgindo muito emprego”

Humberto conta-nos mais uma das histórias de transferência para Aldeia em função das oportunidades nas granjas da localidade. Segundo informações do entrevistado em 1980, o pai fora convidado para trabalhar numa granja em Pau Ferro, Km7 da

Estrada de Aldeia. Anos depois, já quando as terras de Vera Cruz passaram a ser loteadas os pais compraram um terreno e estabeleceram residência na localidade, onde o entrevistado nasceu. Humberto, hoje, é um trabalhador de condomínios e é parte de um contingente de trabalhadores que possui pais com estreita ligação com a terra. Segundo dados levantados pela pesquisa 30% dos atuais empregados de condomínios são filhos de trabalhadores ou ex-trabalhadores da terra e 28% deles filhos de trabalhadores ou ex-trabalhadores de granjas e chácaras da região de Aldeia.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

Marcelo também é filho de ex-agricultor. Atualmente trabalhando num condomínio e morando em Vera Cruz é mais um dos diversos trabalhadores que rumaram para Aldeia em função das oportunidades de trabalho para os pais. Ao contrário dos relatos anteriores, sua família se deslocou de Carpina para Aldeia em busca de trabalho na agricultura. Segundo o entrevistado:

“A gente veio pra cá porque aqui é melhor, né? Lá é por falta de emprego”

Ironicamente a família que buscara trabalho na agricultura acabou por ser influenciada pela dinâmica de transformação de uso do solo de Aldeia. Sendo Marcelo atualmente a expressão da mudança na trajetória profissional familiar. Em Aldeia a família do entrevistado morou no bairro do Oitenta e em seguida a família comprou um lote no bairro de Vera Cruz onde moram há mais de trinta anos. Questionado sobre as transformações que Aldeia vem sofrendo ao longo das

últimas décadas ele reconhece, principalmente, no comércio e afirma “*Tá evoluindo bastante*”.



Figura 54: Momento de entrevista com Trabalhadores de um condomínio. Foto: Ailson Barbosa, agosto/2010

Edvan, com 44 anos de idade, é porteiro de um condomínio. Tendo cursado o até o segundo ano do Ensino Médio, mora em Vera Cruz há 27 anos. A família é natural de Paudalho e sua vinda para a Aldeia se deu em função de uma oportunidade de trabalho para seu pai numa granja em Aldeia. A mãe trabalhava na Indústria Pena Branca (em Aldeia) e a opção por se transferir para Aldeia foi reforçada pela proximidade com o trabalho da mãe, além disso Aldeia “*estava crescendo*” e a possibilidade de trabalho era maior que em Paudalho.

Alberto é mais uma das histórias que reconstroem as transformações da mão-de-obra local. Segundo declarou, nasceu na região de Aldeia e seus pais são originários desta mesma região. Tendo concluído o Ensino Médio relatou que cedo teve que procurar emprego para assumir as responsabilidades com a esposa e filhos que conquistara muito jovem. Contou ainda que seu pai foi trabalhador da Granja Santa Luzia e quando da venda desta granja seu pai conseguiu uma oportunidade no condomínio que estava se formando. Alberto tem dois filhos e segundo deixou transparecer em relação à perspectiva de futuro para eles espera “que tenham um futuro melhor” e acrescenta “quero que estude e ganhe bem”. A fala do entrevistado revela uma impressão limitadora em relação ao emprego nos condomínios e que sua perspectiva em relação aos filhos é de que possam conquistar melhores

oportunidades de trabalho. Alberto ainda revela uma idéia interessante a respeito de suas impressões em relação à Aldeia:

“Mudou muito. Antigamente os ricos vinham passar o final de semana aqui, hoje é moradia. A classe média alta vem morar em Aldeia”.

Questionado sobre o número de condomínios ele revela “Quando eu era criança contava os condomínios na mão”. E quando questionado sobre os fatores que atraem a classe média para Aldeia o entrevistado é enfático “Paz, tranqüilidade e silêncio”. A observação de Alberto reforça a impressão dos 42% dos trabalhadores que compreendem os fatores de paz, segurança, tranqüilidade e silêncio como aqueles que mais convidam a classe média para estabelecer residência em Aldeia.

Com uma escolaridade baixa, característica predominante entre os trabalhadores de condomínios, Marcos é um morador recente de Vera Cruz. Segundo informou sua família é originária do município de Timbauba e sua vinda para Aldeia se deu em função de uma oportunidade de emprego surgida numa granja na localidade do Oitenta. Quando a granja foi vendida ele se transferiu para a comunidade de Vera Cruz onde mora há dois anos.

Zelador do condomínio em que trabalha, Marcos revela que seus pais sempre trabalharam na agricultura e que ainda possui muitos parentes trabalhando nestas atividades lá no município de Timbauba. Relata, também, que todos os irmãos foram criados com o trabalho dos pais na agricultura da cana-de-açúcar. Questionado sobre suas impressões em relação à Aldeia ao longo destes anos em que vive na região destaca “tá crescendo, muitos comércios e lojas”. Maior parte das declarações dos entrevistados reconhecem no crescimento de Aldeia a ampliação do comércio e dos condomínios.

Não diferente dos outros entrevistados, Marcelo, 29 anos, é morador da comunidade de Vera Cruz. Tendo concluído apenas a primeira série do ensino fundamental atualmente é trabalhador de um condomínio em Aldeia. Filho de agricultores e originários do município de Carpina, os pais se transferiram para Aldeia em função da busca por oportunidades de trabalho na agricultura. Segundo o entrevistado, sua mãe ainda trabalha na agricultura e além dela possui outros parentes trabalhando na terra no município de Carpina. Sua aproximação com o condomínio se deu em função de uma indicação. Para Marcelo Aldeia oferecerá poucas oportunidades para as futuras gerações, assim, acha que seus filhos precisarão sair de Aldeia para

conseguir melhores postos de trabalho. Questionado sobre sua percepção em relação à Aldeia destaca “*Tá evoluindo*”. Para Marcelo o fator de atração da classe média para Aldeia está relacionado a tranquilidade oferecida pela região. Para ele “aqui é melhor, aqui é calmo, né?”. Verifica-se na história familiar do entrevistado um processo de mudança em dois aspectos: profissional e residencial. O profissional relacionado à mudança do setor de trabalho em que o pai estava ligado à agricultura, enquanto Marcelo está ligado ao setor de serviços. No aspecto residencial verifica-se uma transferência de Carpina para Aldeia em função de oportunidades de trabalho.

Ivanildo, 56 anos, com traços e fala do homem agricultor é mais uma personagem dessa trama em que se constitui a urbanização de Aldeia. Pouca escolaridade logo nos revela “não estudei, meu pai não me dava muito conselho naquele tempo”. Natural do município de Lagoa de Itaenga o entrevistado mora em Vera Cruz há 13 anos. Segundo ele em Lagoa de Itaenga era trabalhador agrícola e recebeu uma proposta de vir trabalhar em Aldeia na Granja Santo Cristo, localizada na comunidade do Borrvalho. A proposta de trabalho era vantajosa, do ponto de vista dos rendimentos o que lhe fez aceitar o emprego. Para Ivanildo outro fator importante para aceitar a proposta foi estar próximo do Recife:

“eu me desloquei pra cá pra ganhar mais e porque aqui fica tudo mais fácil, né? O negócio, uma doença, pra se deslocar pro Recife tudo fica mais fácil”

Sua chegada em Aldeia se deu no ano de 1983 quando veio com os filhos e a esposa. Filho de agricultores, Ivanildo revela que seu pai trabalhou na mesma fazenda que ele “na agricultura, cortando capim, aguando laranjeira (...)”. E acrescenta sobre seu pai “era agricultor do pé roxo”. Ele revela possuir dois filhos sendo um que trabalha em um condomínio em Aldeia e outro que trabalha no comércio. Em relação a oportunidades de empregos na região relata que é muito importante ter conhecimento e uma boa indicação para conseguir oportunidades. Esta idéia do entrevistado reforça a identificação realizada na maioria das entrevistas em relação à importância da indicação e da rede de contatos. Quando estimulados a falar sobre o processo de conquista do emprego nos condomínios os trabalhadores, assim como Ivanildo, enfatizam a existência de uma rede de indicações a partir de parentes, amigos ou mesmo de moradores dos condomínios. Ter a confiança de algum morador ou ter prestado um serviço anteriormente se

converte numa grande possibilidade de ser indicado para as oportunidades que vão surgindo. Verifica-se, ainda, que vem ocorrendo um processo considerável de reaproveitamento de ex-trabalhadores de granjas e chácaras pelos condomínios. Em muitos casos as chácaras que vão sendo compradas e transformadas em condomínios vão reaproveitando a mão-de-obra existente nos empreendimentos anteriores. Ivanildo revelou que começou a trabalhar no condomínio em 1994, quando saiu da Granja Santo Cristo e que em sua opinião duas coisas atraem a população de maior poder aquisitivo para Aldeia: a tranqüilidade e a segurança. Acrescenta Ivanildo:

“Acho que Aldeia é um lugar muito calmo e é um lugar que a pessoa que trabalha no Recife vem pra cá pra descansar, né? Lugar calmo e tem uma segurança boa, né? Pra vista do Recife. É um lugar que é muito difícil ter um problema aqui”

Nascido em Aldeia e tendo passado maior parte da infância numa localidade chamada Cobrança, Daniel hoje mora em Vera Cruz. Filho de ex-caseiros de uma granja em Aldeia, atualmente trabalha como zelador de um condomínio. A breve história familiar de Daniel reconstrói parte da história de crescimento de Aldeia. Uma trajetória familiar que passa da agricultura da cana-de-açúcar para as granjas e das granjas para a prestação de serviços são o retrato de um processo instalado nas últimas décadas em Aldeia e que representa bem a transformação de uso do solo na região. Além disso, o relato do entrevistado demonstra uma tendência de concentração populacional na comunidade de Vera Cruz.

Estas são algumas das diversas histórias encontradas nos condomínios de Aldeia e que demonstram como Aldeia vem crescendo e transformando a estrutura ocupacional da população local. Segundo as informações prestadas pelos trabalhadores em condomínios e moradores de uma das comunidades de Aldeia (Piin, Vera Cruz, Cobrança, Araça, Borralho e Ostrácio) 28% informaram ser filhos de agricultores ou ex-agricultores, 32% são filhos de caseiros de granjas e chácaras da localidade, enquanto 38% dos pais são ou foram trabalhadores do setor da prestação de serviços e 2% trabalhadores da indústria. Para esta análise separamos o grupo “trabalhadores de chácaras e granjas” do grupo “prestação de serviços”, sobretudo para focar a atividade ocupacional dos pais e sua relação com a chegada de novos empreendimentos habitacionais de classe média.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores de comunidades pobres de Aldeia (58 entrevistados).

Os dados apresentados demonstram um processo de mudança na trajetória profissional familiar de 60% dos trabalhadores de condomínios que vivem em Aldeia. Estes trabalhadores são reflexo de um processo de urbanização do trabalho e de transformação das características da mão-de-obra local passando do primeiro para o terceiro setor.

3.4 ALDEIA: ASPECTOS DA TRANSFORMAÇÃO

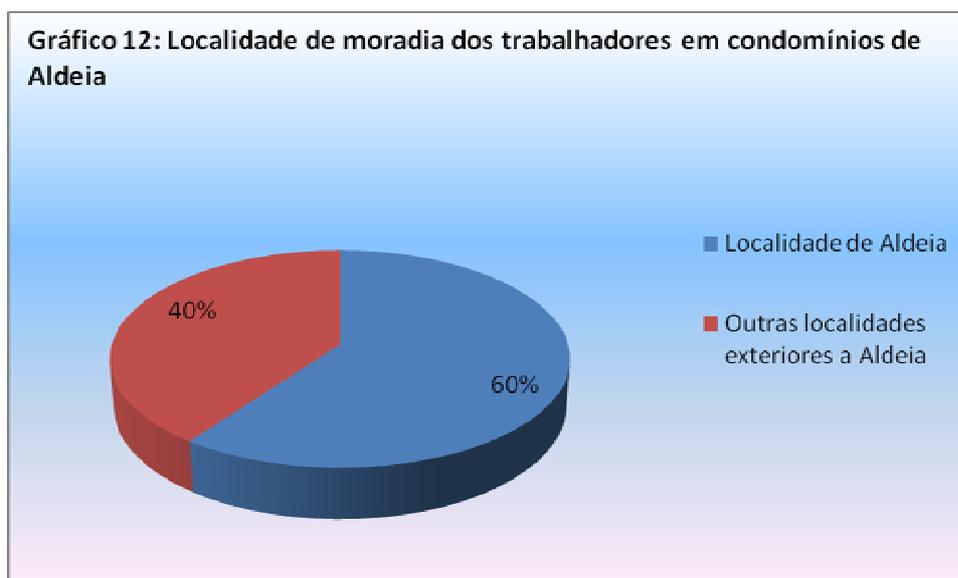
Do ponto de vista econômico encontramos em Aldeia um intenso processo de transformação expressado em duas escalas: i) do ponto de vista de uso do solo com a transformação gradativa de terras rurais em terras urbanas. Este processo pode ser verificado ao longo dos últimos trinta anos com a crescente instalação de empreendimentos urbanos no território de Aldeia e que acabaram por produzir transformações espaciais e sociais, dentre elas na transformação da mão-de-obra local; ii) do ponto de vista da mão-de-obra também se processaram movimentos que merecem destaque. A população local que foi se estabelecendo gradativamente nos novos postos de trabalho fora do tradicional setor agrícola de Aldeia. Assim, modificou-se a estrutura ocupacional do lugar.

Acompanhando estes processos também verificamos a atração de mão-de-obra para Aldeia em função das oportunidades de trabalho que passaram a surgir tanto nas granjas e chácaras, quanto nos condomínios de classe média. Um novo

contingente populacional passa a se instalar em Aldeia promovendo a expansão da periferia pobre e a demanda por serviços públicos.

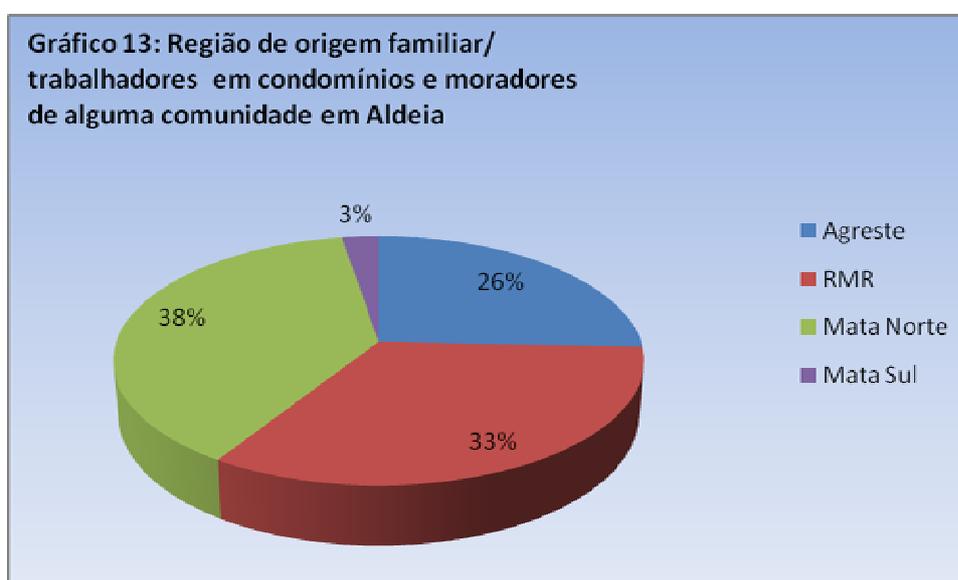
O trabalho de campo realizado junto aos trabalhadores em condomínios de Aldeia revelou processos de migração das famílias e dos trabalhadores formais de condomínios. Este processo tem origem, em geral, em municípios da RMR, Zona da Mata e Agreste pernambucano. Dentre os trabalhadores que residem em Aldeia 45% revelaram que a opção dele ou da família por se fixar na localidade estava diretamente relacionada às novas oportunidades de trabalho que a região passou a oferecer ao longo das últimas décadas. Foram, portanto, as oportunidades de trabalho ofertadas pelos novos empreendimentos locais que atraíram famílias das regiões próximas. Verificou-se, desta forma, que para Aldeia ocorreu uma migração curta influenciada, principalmente, pelas oportunidades de trabalho nas chácaras, granjas e condomínios.

Vale destacar que foi necessária a realização de um tratamento dos dados levantados em campo para a análise que faremos a seguir. Isto porque apenas 60% dos trabalhadores em condomínios de Aldeia moram em alguma localidade da RPA 5 de Camaragibe. Assim encontramos duas situações a serem analisadas: a primeira dos trabalhadores que migraram de outras localidades e se fixaram em Aldeia e uma segunda de trabalhadores que apesar de não morar em Aldeia deslocam-se diariamente para esta localidade em função da relação de emprego existente.



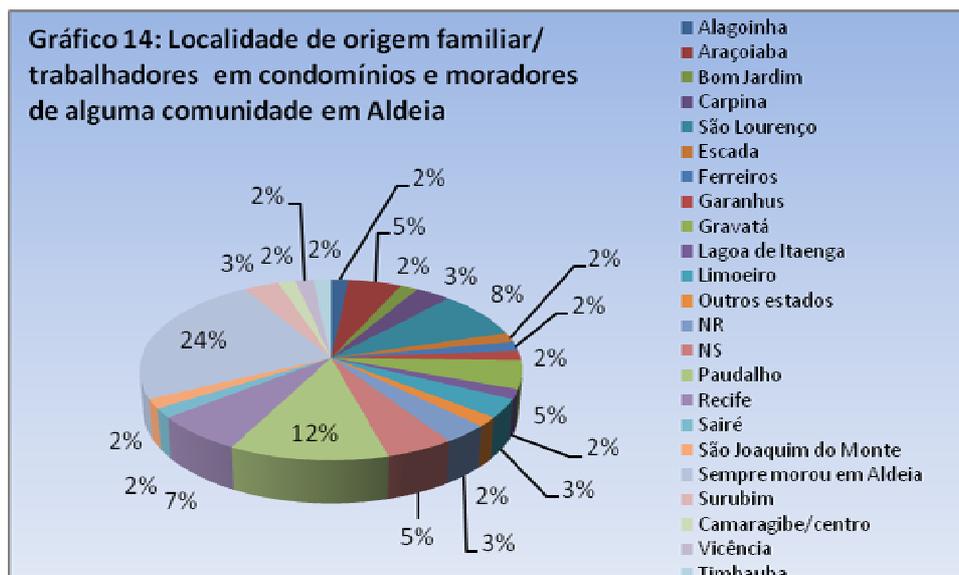
Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

A pesquisa de campo revelou que 60% dos atuais trabalhadores em condomínios residem na área de Aldeia, enquanto 40% moram em outros municípios da RMR (Recife, São Lourenço, Abreu e Lima, Araçoiaba) ou Paudalho. Dentre os que moram em Aldeia 24% sempre moraram no mesmo lugar, enquanto 76% compõem uma massa de população que se fixou na área de Aldeia ao longo dos últimos anos. Sobre a origem desse contingente de trabalhadores que hoje moram em alguma das comunidades de Aldeia identificou-se que 33% vieram de municípios da RMR, 38% de municípios da Zona da Mata Norte e 3% da Zona da Mata Sul. Já 26% têm origem em municípios na região Agreste de Pernambuco.



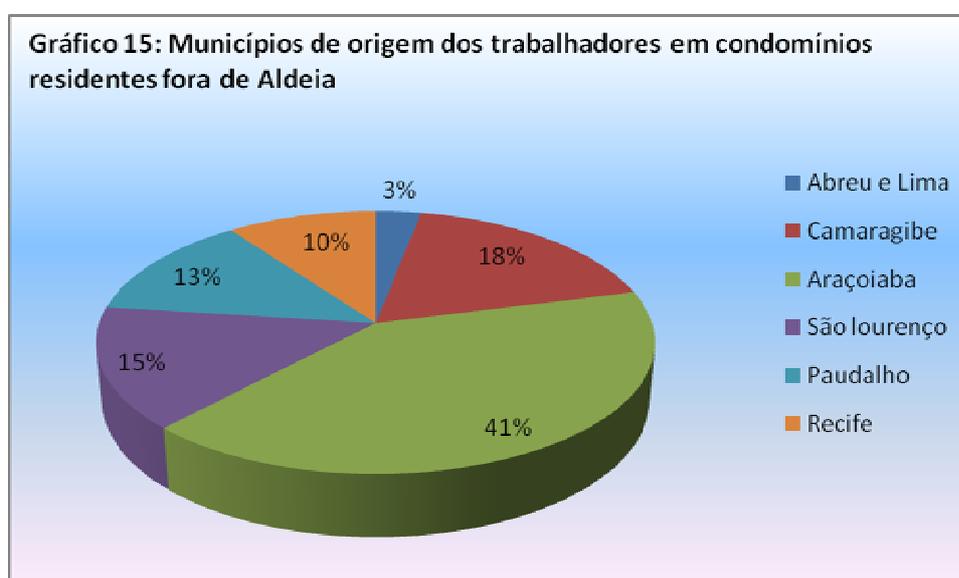
Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínios de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores de comunidades pobres de Aldeia (58 entrevistados).

Assim, pode-se afirmar que a proximidade de Aldeia em relação à Zona da Mata favoreceu a atração de trabalhadores, sobretudo de ex-agricultores que buscaram “fugir” do trabalho da terra. Os municípios de Paudalho e São Lourenço são aqueles de maior destaque quanto à origem dos trabalhadores que se fixaram em Aldeia, representando 12 e 8% respectivamente. Recife também aparece com número destacável, 7% dos trabalhadores declararam ter Recife como município de origem.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínios de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores de comunidades pobres de Aldeia (58 entrevistados).

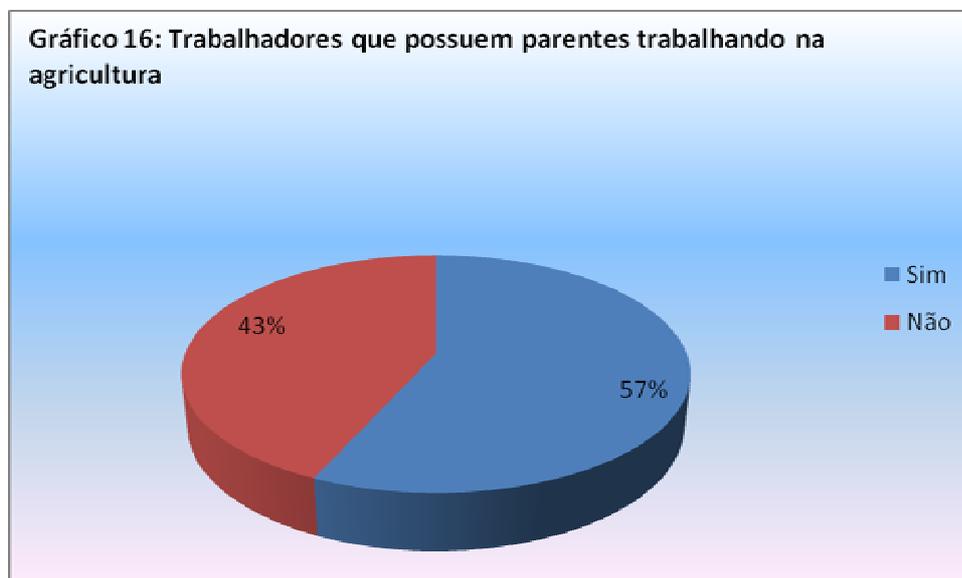
Já em relação ao município de moradia dos trabalhadores em condomínios que residem em localidades fora de Aldeia destacam-se os seguintes municípios: Araçoiaba (41%), São Lourenço (15%), Paudalho (13%), Recife (10%) e Abreu e Lima (3%). Neste grupo aparecem também trabalhadores que tem o município de Camaragibe – porém, não nas localidades de Aldeia – como municípios de moradia, estes trabalhadores em geral residem em bairros como Centro, Bairro Novo ou Tabatinga e representam 18% do total. A condição de trabalhador pendular é favorecida pela proximidade de Aldeia em relação às localidades de residência dos trabalhadores. A situação de trabalho obriga o deslocamento diário dos trabalhadores entre Aldeia e seus respectivos locais de moradia.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado os trabalhadores formais de condomínios e moradores de comunidades pobres de Aldeia (36 entrevistados).

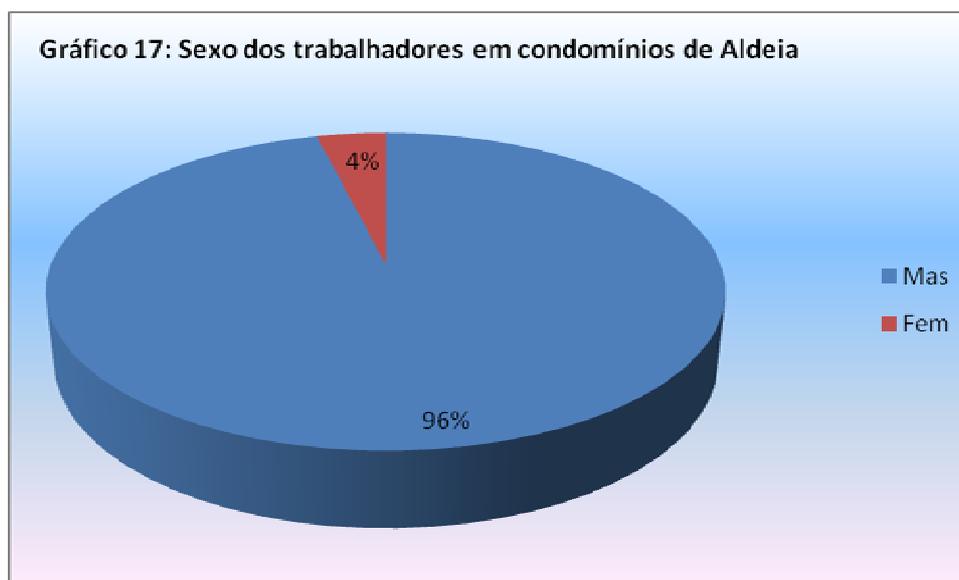
Dentre os atuais trabalhadores em condomínios de Aldeia parte considerável possui estreita relação com a agricultura. Como já mostrado no gráfico 11 quando considerado a totalidade dos trabalhadores, 30% deles declararam que seus pais trabalham ou trabalharam no setor agrícola. Quando considerados apenas os trabalhadores de condomínios residentes em Aldeia esse percentual é de 28%.

Entre os trabalhadores entrevistados 57% declararam possuir parentes trabalhando no setor agrícola, o que representa uma estreita relação familiar da maioria dos trabalhadores de condomínios com a terra e a agricultura.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

Os condomínios possuem um enorme poder de absorção de mão-de-obra tanto de homens quanto mulheres. Contudo, quando olhamos para os dados da pesquisa de campo observamos uma situação de *masculinização* da mão-de-obra. Os dados da pesquisa revelam uma situação em que as mulheres representam apenas 4% do total de trabalhadores. Como identificado na fala de diversos entrevistados, as mulheres são aproveitadas, principalmente, para os trabalhos domésticos nas residências, enquanto os homens são absorvidos, principalmente, pelas oportunidades de trabalho braçal e nos serviços segurança, portaria e manutenção. Os 4% de mulheres contratadas pelos condomínios de Aldeia se concentram nas atividades administrativas.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

Um outro dado importante em relação às mulheres é que 50% delas moram em Recife e a outra metade na comunidade de Vera Cruz. A escolaridade mínima declarada entre elas foi o Ensino Médio incompleto.

3.5 AS RELAÇÕES DE TRABALHO DOS EMPREGADOS DE CONDOMÍNIOS EM ALDEIA

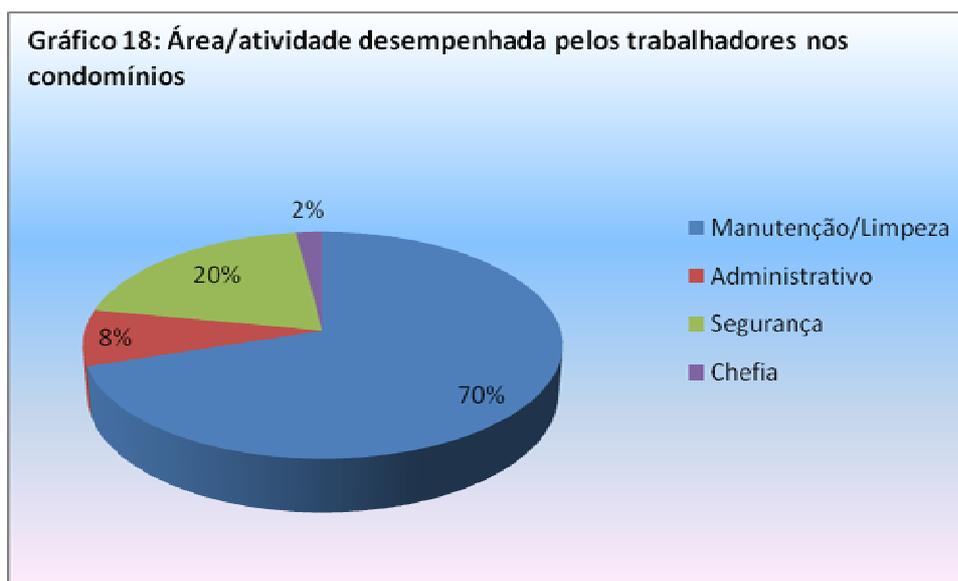
A conquista do emprego formal representa para a maior parte dos trabalhadores em condomínios de Aldeia uma conquista importante. Melhoria de vida, conquista e avanço são adjetivos utilizados por muitos trabalhadores para comparar os atuais postos de trabalho nos condomínios aos antigos postos de trabalho no setor agrícola.

Ter os direitos trabalhistas reconhecidos (férias, carteira assinada, décimo terceiro etc.) representa um importante fator para gerar nestes trabalhadores o sentimento de satisfação em relação às atuais condições de trabalho.

A chegada até os condomínios se dá por diversas formas tanto pela indicação de outros funcionários ou moradores, pelo reaproveitamento de prestadores de serviços aos condôminos ou mesmo pela procura direta no condomínio com apresentação de currículo. Contudo, verificamos a partir das conversas com os trabalhadores que a

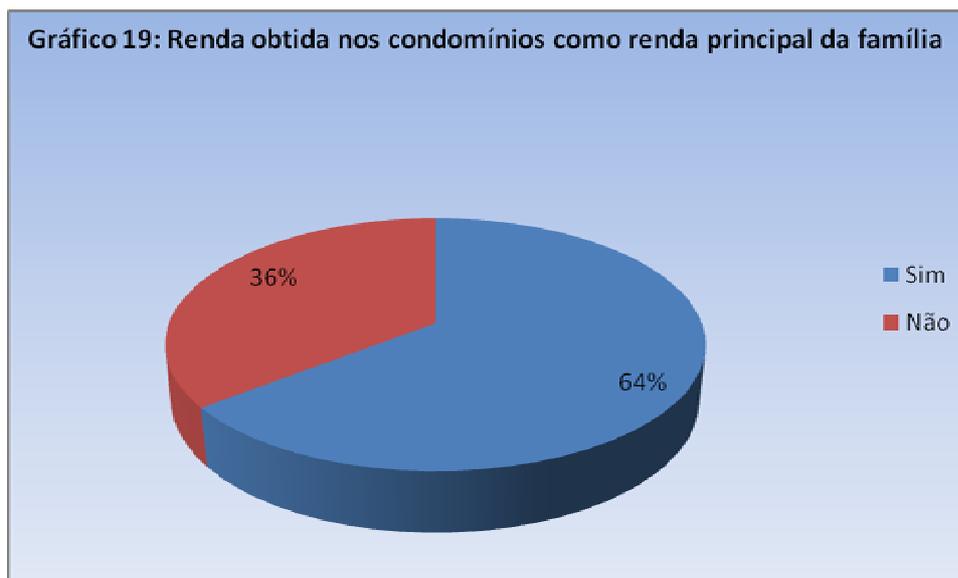
maior parte deles foram indicados por outros trabalhadores - em geral parentes e amigos - formando uma rede de indicações que merece uma análise sociológica específica.

A maior parte dos trabalhadores está localizada no setor de manutenção e serviços dos condomínios, este contingente representa 70% dos empregados, o setor de portaria e segurança absorve 20% e o setor administrativo 8%.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

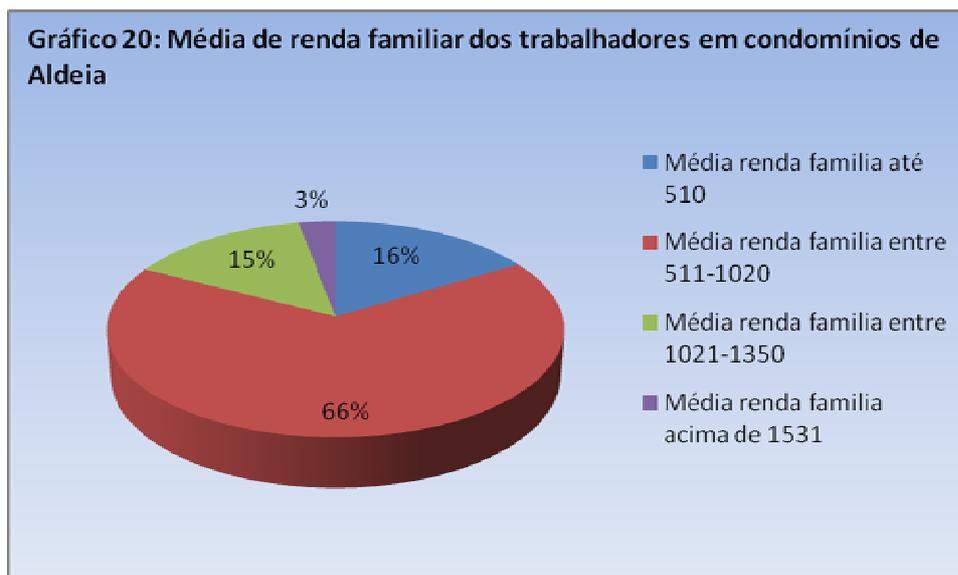
A média salarial dos trabalhadores da manutenção gira em torno de um salário mínimo, enquanto entre os administrativos o salário fica entre 1,5 e dois salários mínimos. Conseqüentemente, os trabalhadores com Ensino Superior completo recebem uma renda mensal proporcional aos anos de estudo. Entre os trabalhadores de segurança e portaria a média salarial fica entre um e dois salários mínimos, assim como os trabalhadores de supervisão e chefia que declararam receber rendimentos mensais nesta mesma faixa.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

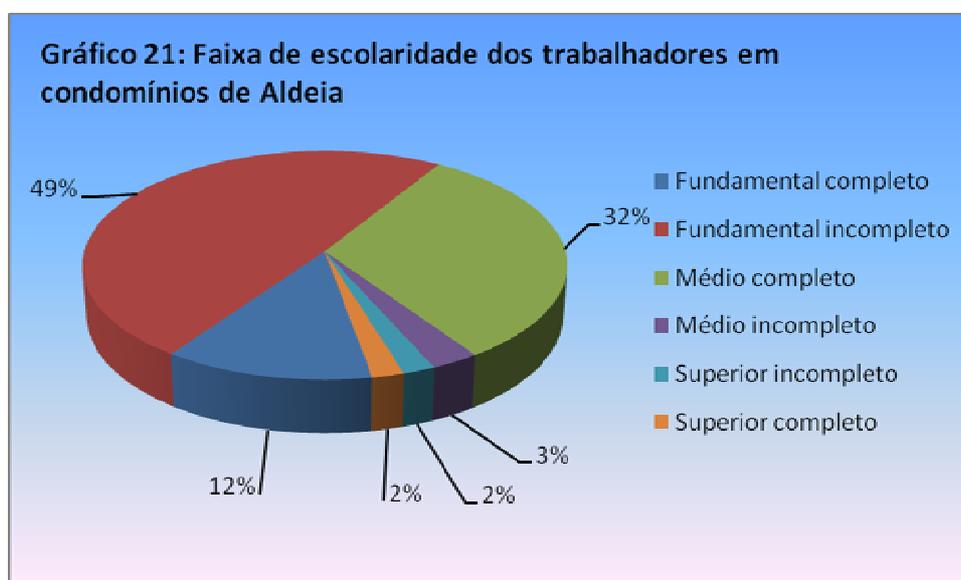
Do ponto de vista da renda familiar dos trabalhadores em condomínios 64% declarou que o salário obtido a partir do trabalho nos condomínios representa a renda principal, enquanto 36% dos entrevistados declararam que a renda familiar é complementada pelo salário ou outros rendimentos de membros do grupo familiar. Este dado demonstra a importância que a existência da classe média em Aldeia exerce sobre vida dos trabalhadores e sobre a economia local gerando empregos e oportunidades que, como foi demonstrado, absorve parte significativa dos trabalhadores locais, além da geração de empregos que como foi demonstrado absorve parte significativa dos trabalhadores locais.

Quanto à renda familiar 16% dos entrevistados informaram que estava inferior ou igual a um salário mínimo. Para 66% deles a renda estava entre um e dois salários mínimos. Para 15% a renda familiar está entre dois e três salários, enquanto para 3% deles a renda familiar estava acima de três salários mínimos.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

A faixa de escolaridade predominante entre os trabalhadores de condomínios foi o ensino Fundamental Incompleto. Este grupo representa 49% dos trabalhadores, enquanto o fundamental completo representa 12%. Os trabalhadores com Ensino Médio Completo corresponde a 32% dos entrevistados e os que cursam ou possuem superior completo representa 4%.



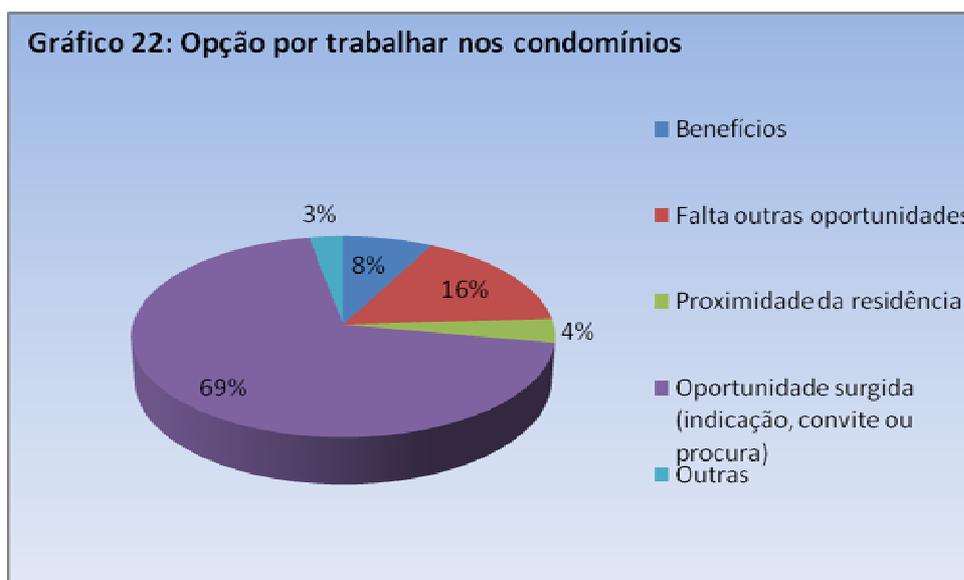
Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

Um dado importante deste levantamento é sobre os trabalhadores que moram no Recife. 50% deles possuem Ensino Superior Completo e ocupam os postos de comando dentro dos condomínios e os outros 50% possui Ensino Médio Completo.

Todos estes trabalhadores desempenham atividades administrativas nos condomínios o que reforça nosso argumento de que as localidades pobres no entorno de Aldeia servem como fonte de mão-de-obra de manutenção e serviços braçais para a classe média local. Enquanto do Recife são recrutados parte significativa da mão-de-obra mais qualificada.

Dentre os trabalhadores originários de Paudalho e Araçoiaba existe uma predominância trabalhadores com baixa escolaridade e a maior parte deles concentram-se nas atividades de serviços a manutenção dos condomínios.

40% dos trabalhadores são moradores de localidades de fora de Aldeia o que reforça a nossa hipótese inicial de que Aldeia e os novos empreendimentos habitacionais para a classe média estão servindo como fatores de atração para uma massa de trabalhadores em busca de oportunidades. Em relação à opção por trabalhar nos condomínios 69% dos entrevistados declarou que foi uma oportunidade surgida (indicação, convite ou procura diretamente no condomínio). Esta é a resposta de 100% dos trabalhadores que residem em localidades exteriores a Aldeia. 18% dos trabalhadores declararam que faltam outras oportunidades e que dentre as possibilidades de emprego na localidade os condomínios representam os melhores postos existentes. 8% deles declararam que os benefícios são o fator de atração e 4% declararam a proximidade da residência.



Fonte: Entrevista junto aos trabalhadores formais de condomínio de Aldeia. Considerado o universo dos trabalhadores formais de condomínios (104 entrevistados).

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

A carga horária de trabalho semanal é de mais de 40 horas, sendo 8 horas de segunda a sexta-feira e mais 4 horas aos sábados. Esta condição força o deslocamento diário entre Aldeia e seus respectivos locais de moradia.

2.9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No entorno das grandes cidades, mas também das pequenas e médias, encontramos as chamadas áreas de transição urbana-rural. É sobre estas áreas que se processa a expansão da cidade e ocorrem fenômenos sociais importantes, dentre os quais os que nos propomos a analisar neste trabalho.

A questão das franjas urbana-rural vem ganhando espaço na agenda dos movimentos sociais brasileiros – tanto urbanos quanto rurais – e ganhando importância no meio acadêmico, sobretudo nas últimas décadas em que o Brasil vivencia um intenso processo de expansão urbana. Na RMR encontramos uma extensa área periurbana que está sendo ao longo das últimas décadas tomada por atividades tipicamente urbanas, tais como indústrias (Cabo, Jaboatão, Paulista e Ipojuca) e residências (Jaboatão, Camaragibe, Paulista e São Lourenço). Estas áreas refletem a dinâmica de expansão do tecido urbano recifense e evidencia o processo que chamamos de periurbanização.

Olhar para as áreas periurbanas se faz necessário para compreender a produção da cidade. Nestas áreas se aprofundam uma série de transformações sociais, espaciais, culturais e econômicas influenciadas pela dinâmica que é própria do lugar. Aldeia (Camaragibe/PE) vivencia esta dinâmica ao longo das últimas quatro décadas e apresenta uma série de movimentos que despertaram a iniciativa de realização da presente pesquisa.

Ao longo dos últimos anos a localidade sofreu um intenso processo de transformação de uso do solo, primeiro pela expansão granjeira a partir dos anos 60, segundo pela dinâmica imobiliária de alto padrão que passou a consumir as antigas terras rurais para promoção de empreendimentos imobiliários e de comércio e serviços a partir dos anos 1970. Altamente influenciada pela dinâmica metropolitana recifense, Aldeia haveria de comportar processos interessantes a serem investigados. A pobreza foi um dos enfoques dados por esta pesquisa revelando a existência de espaços exclusivos e bem dotados de infra-estrutura para a classe média em contraste com os assentamentos pobres caracterizados pela precariedade das infra-estruturas e serviços para população mais pobres.

Em Aldeia verifica-se à produção da cidade ao longo das últimas décadas. Este processo é comprovado tanto pela expansão do uso urbano do solo, quanto pelas transformações típicas do modo de vida da população local. Problemas típicos dos

grandes centros passam a fazer parte do cotidiano da localidade: violência, trânsito, pobreza, drogas etc. De tal forma que a própria sociedade local iniciou um movimento organizado que hoje se constitui no Fórum Socioambiental de Aldeia que busca debater e solucionar os problemas locais. Assim, é fundamental valorizar a experiência do FSA e aliar-se a esse grupo da sociedade civil em busca da conservação ambiental e de soluções para os problemas urbanos que passam a surgir na localidade. Além disso, problemas como falta de saneamento básico, moradias precárias e dificuldade de acesso a serviços como transporte, educação e saúde são questões que assolam as comunidades pobres de Aldeia, especialmente Vera Cruz. Desta forma, é preciso levar em consideração a existência de um aglomerado pobre no seio de Aldeia e unir esforços para que a comunidade não se torne um espaço-problema para o futuro da região.

Do ponto de vista econômico encontramos em Aldeia uma transformação importante de uso da terra que rebate na economia local. Terras antes destinadas às atividades rurais passaram ao longo dos anos, a servir como suporte às atividades tipicamente urbanas como condomínios para classe média ou mesmo equipamentos urbanos como comércio, serviços e espaços de lazer. Esta dinâmica de transformação de uso da terra provocou a atração de dezenas de famílias em busca das oportunidades de trabalho que estes novos empreendimentos passaram a oferecer. Assim, houve ao longo das últimas décadas um intenso processo de atração de trabalhadores vindos de diversos municípios da Zona da Mata, Agreste e mesmo na RMR.

Aldeia também se configura como espaço da reterritorialização. Ali se fixaram tanto famílias de trabalhadores em busca das novas oportunidades de trabalho, quanto famílias de classe média alta que encontraram em Aldeia o novo “paraíso de tranquilidade” da RMR. Assim, expandiu-se o uso urbano do solo de Aldeia, como também a periferia pobre do lugar originando um aglomerado de exclusão e pobreza: Vera Cruz.

Se por um lado a população local acabou por sofrer influências destes processos que se instalaram em Aldeia ao longo das últimas décadas, também verificamos como consequência da expansão imobiliária em Aldeia a formação de um território de oportunidades. Desta forma, uma série de trabalhadores pendulares ruma diariamente para Aldeia, vindo tanto do Recife quanto de municípios como São

Lourenço da Mata, Paudalho e Abreu e Lima para ocupar as oportunidades de trabalho que os novos empreendimentos passaram a ofertar. Os trabalhadores vindos do Recife caracterizam-se por possuir maior nível de escolaridade e ocupar os postos de comando nos condomínios de Aldeia. Enquanto isso, os trabalhadores locais – com baixa escolaridade - ocupam, principalmente, os postos de trabalho braçal. Essa diferença entre trabalhadores locais e recifenses se reflete também nos salários, já que ocupar os postos de chefia e administração dos condomínios lhes garante melhores rendimentos.

A instalação de uma massa de classe média e os “novos empreendimentos” e demandas de comércio e serviços ao longo das últimas décadas provocou uma transformação nas características da mão-de-obra local que passou a concentrar-se, principalmente, no setor de serviços. Esta massa de trabalhadores que se mescla entre moradores de Aldeia e moradores de outras localidades e municípios do entorno de Camaragibe, destaca-se pela predominância de raízes familiares ligadas à agricultura.

A massa de mão-de-obra prestadora de serviços nos condomínios de Aldeia é formada predominantemente por trabalhadores de baixa escolaridade, que reflete diretamente na remuneração e nas oportunidades acessadas. Dentre os que exercem atividades de manutenção e preservação a maior parte reside em Vera Cruz. Assim podemos afirmar que a existência de uma comunidade pobre próxima aos condomínios de classe média em Aldeia serve como fonte de reserva de mão-de-obra para a manutenção e promoção dos empreendimentos imobiliários da localidade. Um desafio que se apresenta a esta questão é oportunizar aos moradores de Aldeia qualificação suficientes para ocupar as vagas de trabalho que surgem à medida que se expandem os empreendimentos imobiliários locais.

Ainda sobre o nível de escolaridade dos empregados de condomínios foi identificada uma predominância de trabalhadores não alfabetizados. Assim outro desafio para os condomínios e para o público local é gerar oportunidade de volta à escola para estes trabalhadores, oportunizando qualificação e escolaridade que lhes permitam vislumbrar outras oportunidades que surgirão nos próximos anos, inclusive em função da criação da Cidade da Copa em São Lourenço da Mata.

A condição de assalariado é outro aspecto que reforça a subordinação desses trabalhadores. Os limites econômicos lhes impedem de acessar as áreas mais valorizadas da região ou mesmo de usufruir das amenidades que Aldeia oferece. Esta condição denuncia a situação de desigualdade vivenciada em Aldeia e caracteriza a diferenciação residencial entre ricos e pobres da localidade. Assim, os trabalhadores acabam se concentrando na periferia pobre local e aumentando a pressão por serviços e equipamentos públicos. Um dos desafios para o poder público de Camaragibe é produzir um olhar diferenciado para Aldeia, promovendo políticas públicas que levem em consideração os problemas urbanos existentes na localidade e se antecipem aos problemas futuros que certamente se reproduzirão – muitos dos quais já se fazem presentes – em Aldeia como consequência do avanço do urbano.

Quanto a mobilidade é preciso garantir um transporte público que ligue a população local ao centro do Recife e que permita aos mais jovens estudar, acessar equipamentos culturais e as oportunidades que a capital pernambucana oferece. Também é preciso garantir que a Estrada de Aldeia (PE-27) esteja pronta para suportar um contingente cada vez maior de carros particulares, já que esta área aparece como o novo rumo da classe média recifense.

Por fim, é preciso haver um processo de fiscalização por parte do poder público quanto a esta localidade, já que é sobre ela que vem se intensificando o avanço da produção imobiliária. Assim, é preciso garantir que sejam respeitadas as legislações ambientais e urbanísticas que regulam a região de Aldeia garantindo uma sustentabilidade ambiental e a conservação do patrimônio natural existente para as próximas gerações.

Referências

Agenda 21 da Região de Aldeia: Plano de Ação. Prefeitura Municipal de Camaragibe/Secretaria de Planejamento. PMCg: 2008.

ANDRADE, Ana Karina Nogueira de. **O lugar em Aldeia: significado, valores, percepções e atitudes dos moradores dos condomínios residenciais em Aldeia, Camaragibe – PE/** Dissertação - Ana Karina Nogueira de Andrade – Recife: o autor, 2006.

ASENSIO, Pedro José Ponce. **Cambios sociales y espaciales en espacios perirurbanos del País Valenciano. Un caso particular: El Puig de Santa María.** Trabalho de fim de curso. 2001.

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

BERNARDELLI, Maria Lucia Falconi da Hora. Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural. In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BITOUN, Jan. MIRANDA, L. E SOUZA.M.A.A. **A Estrutura Socioespacial da Região Metropolitana do Recife. Considerações sobre a distribuição dos tipos socioocupacionais em 2000. Trabalho apresentado no Seminário Observatório das Metrôpoles**. Belo Horizonte: PUC-Minas Gerais/ IPPUR-UFRJ, 2006.

BRYANT, C.R; RUSSWURN, L.H; McLellan, AG. **The city's countryside**. London: Longman, 1985.

CHABOT, G. **Las Ciudades**. Tradução de Rosa Ascón Borrás. Labor: Barcelona, 1972.

CLARCK, David. **Introdução à geografia urbana**. São Paulo: Difel, 1982.

CLEMENTINO, Maria do Livramento M. SOUZA, Maria Angela de Almeida. **Como andam Natal e Recife**. Rio de Janeiro: Letra Capital: Observatório das Metrôpoles, 2009.

EGLER, Claudio A. G. **Subsídios à caracterização e tendências da rede urbana do Brasil configuração e dinâmica da rede urbana**. Petrópolis: 2001.

ENDLICH, Angela Maria. Perspectivas sobre o urbano e o rural In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: o que é?** Recife: Editora Massangana, 1982.

GARNIER, Beaujeu. **Geografia urbana - 2ed.**: Lisboa: Kaloustinegulbenkian, 1997.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

GEORGE, Pierre. **O homem na terra: a geografia em ação**. Lisboa: Edições 70, 1989.

HAESBAERT, Rogério. In CASTRO, Iná Elias. GOMES, Paulo Cesar da Costa et al. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2003.

LEDROUT, Raymond. **Sociologia Urbana**. Madrid: Universitaires de France, 1971.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**/tradução de Rubens Eduardo Frias. Editora Moraes:1991.

MARCUSE, Peter, **Enclaves, Sim; Guetos, Não**, in. Espaço & Debates-Revista de Estudos Regionais e Urbanos, 45 Segregações Urbanas. São Paulo: NERU, v.24, n.45, jan/jul, 2004, p. 24-33.

MARTINS, Amanda de Melo. **O Processo de Adensamento Populacional em Áreas de Manguezais: o caso específico da Ilha de Deus, Recife – PE, numa perspectiva de análise que tenta ultrapassar o nível quantitativo**. ANAIS. Rio de Janeiro: ABEP, 2006.

MIRANDA, Livia Isabel de Bezerra, **Produção do espaço e planejamento em áreas de transição urbana-rural: o caso da Região Metropolitana do Recife - PE** /Tese de doutorado - Livia Izabel Bezerra de Miranda. – Recife: O Autor, 2008.

OJIMA, R.; HOGAN, D.J. Crescimento Urbano e Peri-Urbanização: Redistribuição Espacial da População em Novas Fronteiras da Mudança Ambiental. In: **IV Encontro da**

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade, 2008, Brasília. Anais do IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade. Campinas : ANPPAS, 2008.

Perfil Municipal de Camaragibe. Prefeitura Municipal de Camaragibe, 2007.

Plano Diretor de Camaragibe. Lei Municipal nº341/2007.

PRYOR, Robin J. **Defining the Rural-Urban Fringe.** <http://www.jstor.org/stable/2575150> Acessado em 14/05/2010.

RIBEIRO, Luis Cesar. **Segregação Residencial e Políticas Públicas. Análise do espaço social da cidade na gestão do território.** Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2007

ROCHA, Jorge. *Et al.* Caracterização da franja urban-rural através de gradientes: análise por continuum versus contrastes. Publicado nos **anais do X Colóquio Ibérico de Geografia "A Geografia Ibérica no Contexto Europeu"**. Évora: Universidade de Évora, 2005.

RUA, João. A resignificação do rural e as relações cidade-campo: uma contribuição geográfica. In **Revista da Anpege**. Anpege: Fortaleza, 2005.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira** – 2 ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SILVA, Willian Ribeiro. Reflexões em torno do urbano no Brasil. In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SINGER, Paul Israel. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife.** São Paulo: Editora Nacional, 1977.

SOBARZO, Oscar. O urbano e o rural em Henri Lefebvre. In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano** – 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e Cidades.** São Paulo: Editora UNESP, 2008.

VEIGA, José Eli da. **Cidades Imaginárias. O Brasil é menos urbano do que se calcula.** 2 ed. Campinas/São Paulo: Autores associados, 2003.

WHITACKER, Arthur Magon. Cidade imaginada, cidade concebida. In SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão et al. **Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural.** São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ANEXOS

Aldeia com problema de cidade grande

25 de março de 2010

Tânia Passos

taniapassos.pe@dabr.com.br

Nas últimas três décadas, a região de Aldeia, considerada o ponto mais alto de Camaragibe, distante 16 quilômetros do Recife, se transformou em um refúgio para quem busca os ares do campo. Mas essa tranquilidade vem sendo ameaçada por um problema típico das cidades grandes: os engarrafamentos.



Estrada de Aldeia tem fluxo intenso de veículos durante a semana. Fotos: Alcione

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

A Estrada de Aldeia, a PE -27, tem um fluxo médio, durante a semana, de cerca de 10 mil veículos e até 12 mil nos fins de semana, segundo estimativas da Secretaria de Transporte do município. Nos horários de pico, o motorista chega a demorar mais de uma hora para chegar ao Recife. Uma das reivindicações dos moradores é a duplicação de um trecho da rodovia, na altura do Km 1.

Ferreira/DP/D.A Press

"Além do trânsito na Caxangá, aqui na subida da ladeira os carros fazem fila e seguem em marcha lenta"
Aparecida Caldas - moradora

A via estreita afunila ainda mais ao se aproximar da área urbana de Camaragibe, obrigando o motorista a reduzir a velocidade, provocando as retenções. Moradora há 10 anos de Aldeia, a dona de casa Aparecida Caldas, 60 anos, conta que, quando vai ao Recife, mesmo retornando até as 17h só chega em casa depois das 19h. "Além do trânsito na Caxangá, aqui na subida da ladeira os carros fazem fila e seguem em marcha lenta. Eu perco quase duas horas para chegar em casa", revelou. Segundo ela, pela manhã, mesmo com o trânsito lento, a descida é mais rápida.



Aparecida Caldas disse que acidentes acontecem principalmente nas curvas.

Na última terça-feira, uma reunião promovida pelo Fórum Socioambiental de Aldeia e o Rotary, com a participação da Secretaria de Transportes do município, discutiu alternativas para melhoria do tráfego local. Uma das soluções apontadas pelo secretário de Transporte de Camaragibe, Luciano Andrade, é a duplicação da rodovia no Km 1, que compreende o trecho da ladeira que dá acesso ao bairro. "A gente acredita que, com essa obra de duplicação, a fluidez do trânsito vai melhorar bastante, uma vez que esse é um trecho muito estreito", afirmou Luciano Andrade. Segundo ele, para realizar a obra será necessário desapropriar parte das residências do entorno. A Estrada de Aldeia corta pelo menos 12 comunidades, entre elas Primavera, Nazaré, Alto da Boa Vista, Tabatinga, Vera Cruz, São Pedro e São Paulo, com uma população de cerca de 70 mil pessoas.

Projeto - O projeto da Secretaria de Transportes do estado, prevê a duplicação do início da rodovia PE-27, do Km 0 ao 1. Também vão ser duplicadas as avenidas Padre Oséias e Honorato da Costa, que convergem com a PE -27. A licitação já foi concluída e a previsão é que as obras sejam iniciadas no mês de abril pela empresa Novatec - Construções e Empreendimentos Ltda. A obra está orçada em R\$ 6 milhões e o prazo previsto de execução é 360 dias.

Ocupação incômoda

Além da duplicação do trecho da PE-27, outra preocupação dos moradores é a ordenação do trânsito no local. A sinalização da via ainda é precária e a maior parte não dispõe de acostamento. Já nos trechos onde há acostamento é comum a ocupação para exposição de produtos, além de estacionamentos irregulares. "O fórum socioambiental e o Rotary estão propondo a criação de regras que devem ser respeitadas pelos moradores para melhoria da coletividade. Há uma necessidade desse ordenamento", afirmou o secretário de Transportes, Luciano Andrade.

Segundo o secretário, a Estrada de Aldeia foi uma via aberta pelo Exército na década de 1950, que dava acesso ao centro de treinamento militar. "O Exército repassou a estrada para o estado que acabou se transformando na PE -27, mas a via não tem as dimensões padrões de uma rodovia", ressaltou o secretário. Segundo ele, o acostamento, por

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

exemplo, deveria ter uma dimensão de pelo menos 15 metros de largura. "A maior parte da pista não dispõe de acostamento", afirmou.

As deficiências da rodovia, associadas à imprudência dos motoristas acabam resultando em constantes acidentes. "Quase toda semana tem um acidente aqui. Principalmente nas curvas", afirmou a dona de casa Aparecida Caldas. Segundo ela, no último fim de semana, um carro bateu em uma moto numa curva próxima à casa dela e uma pessoa ficou ferida. "É um perigo caminhar pelo acostamento nas proximidades das curvas. Nunca se sabe o que pode acontecer", ressaltou.



artigos

Área de preservação a perigo
Publicado em 07.08.2010

Juracy Andrade

Nas últimas semanas, o ainda ameno espaço suburbano-rural de Aldeia, que se espalha por vários municípios, foi objeto de reportagens de Verônica Almeida e Carly Falcão, neste jornal, o que também me leva ao assunto, que me interessa por amar a natureza e morar ali. O que era um refúgio para quem quer fugir das selvas de pedra, como se tornou o Espinheiro, por exemplo, vai se tornando objeto de especulação imobiliária, o que significa derrubada de matas, poluição de mananciais, congestionamentos, precarização da infraestrutura. Não vai demorar muito para surgirem condomínios verticais, e a área se tornará então mais uma cidade sem planejamento nem limites, como é tão comum no Brasil. Sabemos como é fácil mudar planos diretores para satisfazer interesses imobiliários.

A PE-27, conhecida como Estrada de Aldeia, construída durante a 2ª Guerra Mundial como ligação para instalações militares ainda hoje existentes nas imediações de Chã de Cruz (km 20), não foi alargada para atender à crescente demanda e sua manutenção é muito ruim. O DER a ignora e, mesmo tendo se tornado uma via urbana, as prefeituras de Camaragibe e outros municípios por ela cortados ou tangenciados pouco fazem para torná-la mais segura, com maior largura, acostamentos e sinalização. Sobretudo a partir do km 14, onde ela passa de Camaragibe para Paudalho, a iluminação pública termina e árvores pendem, ou caem mesmo, sobre seu leito, mais um perigo, sobretudo à noite, para carros, motos e bicicletas. Nessa altura, a estrada divide os municípios de Paudalho e Abreu e Lima.

O espaço conhecido como Aldeia forma a Área de Preservação Ambiental Aldeia-Beberibe, o que deveria proteger a Bacia do Beberibe, as nascentes que a alimentam e a vegetação, em boa parte remanescente da Mata Atlântica. Mas, como a fiscalização é quase nula, as queimadas por ali são constantes, inclusive a obsoleta queima de palha de cana em propriedades rurais remanescentes. E o ruído de motosserras lembra a tragédia amazônica. Não faz muito tempo, foram derrubadas dezenas de jaqueiras à altura do km 10,5. O Ibama não protege jaqueiras por ser espécie exótica (veio da Ásia), mas ali há

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

nascentes d'água (elemento não exótico). E a jaqueira ainda não teria ganho "nacionalidade" brasileira, depois de tanto tempo?

Daqui a pouco vão começar a derrubar os baobás, que são africanos e também daquele planeta mirim do Pequeno Príncipe, de Saint-Exupéry. A Cidade da Copa e o estádio projetado para São Lourenço da Mata também ameaçam as matas, quando poderiam ser construídos em área já desmatada (o ruim é que as matas também têm donos, desde o tempo das capitanias e sesmarias, e seus donos querem lucrar, desapropriá-las seria coisa de comunista).

Outro ponto importante: nem todo mundo em Aldeia é classe média motorizada, a população, digamos, nativa, menos abonada é grande e se movimenta em bicicletas. Mas não há ciclovia. E o transporte público, pra variar, é péssimo. A linha que vai do Metrô, em Camaragibe, até Chã de Cruz e Araçoiaba tem ônibus caindo aos pedaços que passam com cerca de uma hora de intervalo, quando não se quebram pelo caminho. Os alternativos só vão até a divisa de Camaragibe.

Outro problema é que muitas das pessoas que estão optando por morar em Aldeia ou ter ali uma casa de campo deveriam continuar na selva de pedra, pois nada têm a ver com uma opção naturista de vida, odeiam animais, incluindo o Homo sapiens sapiens, e plantas. Teriam optado por modismo? Serão por certo as primeiras a querer implantar em seus lotes rentáveis supertorres imobiliárias.

(Mensagens para cartas@jc.com.br - At. J. Andrade.)

» *Juracy Andrade é jornalista*



Cartas da Redação do dia 07 de AGOSTO de 2010
Publicado em 07.08.2010

» Estrutura

Nos últimos 20 anos, a ideia de que Aldeia poderia se transformar num paraíso próximo ao Recife provocou na classe média uma desenfreada corrida por espaços nessa região. O mercado imobiliário, com as lentes voltadas para a especulação, os transformou em condomínios, muitos deles concebidos e aprovados sem os mínimos cuidados com aspectos ecológicos e o uso do solo, entre outras exigências. O que se observa é que, tanto quanto no Recife, a permissividade e consequente descaso dos gestores municipais contribuíram para proliferação e permanência das mesmas mazelas que afligem a capital: precariedade da estrutura viária e desobediência às leis de trânsito - em especial pelo chamado transporte alternativo (Kombis, mototáxis) e por condutores de carroças, ciclistas e pedestres desorientados -, entre tantas outras. Essas carências se somam à ausência de equipamentos urbanos. Não existe sequer uma praça, por exemplo. A falta de ordenamento dos espaços faz o comércio informal invadir a estreita PE-27, sem falar na poluição visual de placas e cartazes que ocupam os precários acostamentos. E mais: a outrora bucólica Aldeia ainda enfrenta um drama: está sob a jurisdição dos municípios do Recife, Camaragibe, Paudalho, Araçoiaba, Abreu e Lima, Paulista e São Lourenço, prefeituras que se ocultam das responsabilidades sob a capa da omissão. No trecho entre os quilômetros 14 e 19, na área da mata, árvores de grande porte, remanescentes da Mata Atlântica, se debruçam sobre a estrada, um perigo permanente à vida e patrimônio das pessoas que, indefesas, não têm a quem recorrer, enquanto prefeituras, CPRH, Cipoma, DER e Corpo de Bombeiros fingem desconhecer o problema.

» Paulo Caldas - Camaragibe - PE.



artigos

Faroeste

sem

xerife

Publicado em 14.08.2010

Juracy Andrade

Dentro do tema tratado sábado passado, recebi do escritor Paulo Caldas, que tem casa em Aldeia, estas observações:

"Nos últimos 20 anos, a ideia de que Aldeia poderia se transformar num paraíso próximo ao Recife provocou na classe média uma desenfreada corrida por espaços nessa região. O mercado imobiliário, com as lentes voltadas para a especulação, transformou-os em condomínios, muitos deles concebidos e aprovados sem os mínimos cuidados com aspectos ecológicos, uso do solo, entre outras exigências. O que se observa é que, tanto quanto no Recife, a permissividade e conseqüente descaso dos gestores municipais contribuíram para a proliferação e permanência das mesmas mazelas que afligem a capital: precariedade da estrutura viária, desobediência às leis de trânsito em especial pelo chamado transporte alternativo - kombis, moto-táxis, condutores de carroças e ciclistas - e pedestres desorientados, entre tantas outras.

Essas carências se somam à ausência de equipamentos urbanos. Não existe sequer uma praça, por exemplo. A falta de ordenamento dos espaços faz o comércio informal invadir a estreita PE 27, sem falar na poluição visual com placas e cartazes que ocupam os precários acostamentos. E mais: a outrora bucólica Aldeia ainda enfrenta o drama de estar sob a jurisdição dos municípios do Recife, Camaragibe, Paudalho, Araçoiaba, Abreu e Lima, Paulista e São Lourenço, prefeituras que se ocultam das responsabilidades sob a capa da omissão.

No trecho entre os quilômetros 14 e 19, na área da mata, árvores de grande porte, remanescentes da mata atlântica, se debruçam sobre a estrada, um perigo permanente à vida e patrimônio das pessoas que, indefesas, não têm a quem recorrer, enquanto prefeituras, CPRH, Cipoma, DER, Corpo de Bombeiros fingem desconhecer o problema".

Paulo Caldas tem razão, sobretudo quando chama a atenção para o incontornável desprezo brasileiro ao planejamento. Impera aqui aquele famoso princípio delfiniano (Delfim Netto): Primeiro se instala o faroeste para depois chamar o xerife. Espaços comerciais e imóveis residenciais foram se implantando por décadas à beira da estrada, sem recuo razoável para a eventualidade de futuras intervenções que se fizessem necessárias.

Assim, qualquer alargamento ou a construção de uma linha de metrô, de um espaço comunitário exigiriam pesadas somas em desapropriações. Estamos repetindo o que ocorreu em todo o Grande Recife, principalmente na capital, que poderia ter crescido numa medida humana se se houvesse aplicado, ao menos em parte, seu primeiro e pioneiro Plano Diretor, dos anos 50 (administração Pelópidas Silveira). Os múltiplos poderes públicos que deveriam cuidar desse grande e belo espaço, com suas nascentes, aquíferos e restos preservados das antigas matas, não estão nem aí nem vão chegando.

Mas a responsabilidade não cabe somente aos poderes públicos. Como já escrevi, uma grande parte daqueles que optaram por morar em Aldeia o fizeram certamente por puro modismo, esses delírios de classe média, que quer ser capitalista sem capital. Não

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

respeitam a flora nem a fauna, nem mesmo limites de convivência social razoável. E certamente estão abertos a qualquer ganho com a verticalização dos condomínios.

Não é difícil prever, assim, o destino desse e de outros espaços de preservação, sob o império da cobiça e da especulação imobiliária. Do mesmo modo como foram engolidos todos os espaços possíveis (e impossíveis) apagando-se as áreas verdes entre o Recife e cidades vizinhas, será feito por aqui. A não ser que haja um milagre conjuminado de Padre Cíço e Frei Galvão, com o apoio de Irmã Dulce. (Mensagens para cartas@jc.com.br - At. J. Andrade.)

» Juracy Andrade é jornalista



Recife, 18 de Julho de 2010

Caderno Cidades, página 4

URBANIZAÇÃO EM ALDEIA

NA LUTA PELO EQUILÍBRIO
Cobiçado pedaço de mata atlântica na RMR vira local de moradia permanente e enfrenta problemas de saneamento, trânsito e degradação ambiental

Veronica Almeida

valmeida@jc.com.br

O crescimento de Aldeia, agora procurada pela classe média como moradia permanente, traz mais que condomínios, empreendimentos comerciais e de lazer. A ocupação do valorizado espaço – remanescente de Mata Atlântica a 30 minutos do centro da capital – e as novas oportunidades econômicas da região geram problemas comuns a bairros movimentados, como engarrafamento, acidentes, sujeira e riscos à preservação ambiental. “Queremos desenvolvimento sem degradação da natureza. Temos que proteger a biodiversidade, já ameaçada com a derrubada de árvores”, alerta o engenheiro civil Manoel Ferreira, morador da região e presidente do Fórum Socioambiental de Aldeia.

A instalação da cidade da Copa 2014 em São Lourenço da Mata, um dos sete municípios onde Aldeia se situa, reforça a necessidade de discussão urgente. “Sabemos que a intenção do governo é implantar projeto sustentável. O fórum quer ajudar com propostas para reduzir impactos social e ambiental”, diz Ferreira, lembrando que a área de 891,30 quilômetros quadrados é patrimônio de todo o Estado. A proximidade com o local da Copa, acessos projetados para o desenvolvimento do Oeste do Grande Recife, como o Arco Metropolitano, via que ligará os trechos Sul e Norte da BR-101 sem passar pela capital, podem induzir novos usos na Aldeia que se estende por Camaragibe, Recife, São Lourenço, Paulista, Abreu e Lima, Araçoiaba e Paudalho.

Hoje, a ocupação do solo é visível. No quilômetro 12 da PE-27, muros agora são contínuos. As placas das imobiliárias se sucedem às margens do principal acesso. No Km 8, um lote de 600 metros quadrados num condomínio fechado é vendido por R\$ 120 mil. A casa pronta fica por R\$ 300 mil no mínimo e, por cada metro quadrado construído,

cobra-se R\$ 1 mil. Até nas áreas populares houve valorização. Em Chã de Cruz, Paudalho, no quilômetro 20, casinha simples de dois quartos ainda é comprada por R\$ 35 mil. Em Vera Cruz, Camaragibe, ultrapassa R\$ 100 mil. Para atender às novas demandas, principalmente entre os Km 10 e 12, o comércio floresce. Supermercados, academia de ginástica, clínica de fisioterapia e outros serviços apoiam o morador permanente.

“Tenho imóvel num condomínio fechado e há 16 anos abri um armazém de construção no Km 12 da PE-27. Agora são oito na redondeza e a concorrência mantém o cliente na área. Mas para morar Aldeia está pior”, avalia Rubem Ramos. A razão apontada por ele é consenso: “O trânsito está insuportável.” Há fila nas PE-27 e 5, para entrar e sair não só nos fins de semana. Outro problema é a conflituosa convivência entre bicicletas, motos, carros e pedestres, que dividem estrada estreita e com acostamento esburacado.

“Pedimos ciclovia e calçada, além da duplicação anunciada”, diz Manoel Ferreira. A última reunião do Fórum Socioambiental foi dedicada ao trânsito. No próximo dia 14 haverá seminário sobre o ambiente. Saneamento também está em pauta. “É preciso evitar a poluição dos rios e melhorar a limpeza”, diz o presidente do grupo. Na região de Araçá, placa da Prefeitura de Camaragibe proibindo colocação de lixo é ignorada. Nas proximidades, buracos na pista desafiam os motoristas. O esgoto é domiciliar e a água, em muitas habitações, vem de poço artesiano.

Valderez Oliveira, presidente da Associação dos Moradores de Vera Cruz, onde estão 30% dos 4.971 imóveis cadastrados na Aldeia de Camaragibe, acredita que o desenvolvimento traz emprego. Mas teme pela desordem. “Estão desmatando, dependemos de água de carro-pipa e deixamos de caminhar na estrada, com medo de atropelamento.” A associação promove dias 24 e 25 a 1ª Feira de Artesanato de Aldeia, no Km 10, para estimular alternativas econômicas sustentáveis.

Camaragibe quer incentivar lazer e turismo

Estimular o potencial turístico, preservando o ambiente e buscando ações integradas com outros municípios. Essa é a proposta da Prefeitura de Camaragibe para Aldeia, que ocupa 56,75% do território da cidade. O prefeito João Lemos, morador da região, reconhece “a explosão de crescimento econômico entre os quilômetros 6 e 12, principalmente o comércio”. Ele quer incentivar a gastronomia e o lazer. Por isso, estrutura um jipódromo em Vera Cruz. Aldeia tem quatro opções de hospedagem. “Com isso geramos emprego para a população local”, argumenta.

Mas o crescimento, segundo Lemos, não pode ferir a legislação ambiental nem o plano diretor. “Fiscalizamos ocupações e removeremos populações ribeirinhas.” Para melhorar a infraestrutura, vai pavimentar parte de estrada de barro que liga a PE-27 ao Sítio dos Macacos, no Recife. Para os moradores, há sete escolas públicas e equipes de saúde em cinco comunidades. A arrecadação de IPTU em Aldeia é melhor do que na década de 1990. “Representava 10% do município, agora chega a 40%”, afirma o prefeito de Camaragibe.

Quase totalidade da zona rural de Abreu e Lima é área de Aldeia. A prefeitura diz que há posto de saúde para 693 famílias, escola, vacinação de animais, distribuição de sementes e melhoria nas estradas. A Secretaria de Transportes do Estado garante que a duplicação do início da PE-27 será concluída em meados de 2011. A pavimentação da Estrada da Mumbeca, entre a BR-101 (Guabiraba) e o km 12 da PE-27, fica pronta ainda em setembro. Diretora de Articulação Metropolitana da Agência Condepe Fidem, Cláudia Paes Barreto explica que está em andamento diagnóstico do Oeste Metropolitano, onde se insere Aldeia, e que ações integradas entre os municípios serão estimuladas com a formação do Comitê Gestor da Área de Preservação Ambiental Aldeia Beberibe, recém-

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

criada para proteger a bacia do Rio Beberibe e as matas. A última experiência intermunicipal foi na formulação da Agenda 21, nesta década, que definiu prioridades para o desenvolvimento sustentável da região.

Jornal do Comercio
Cartas

da

Redação

» **Defesa**

Publicado em 29.07.2010

Como moradora de Aldeia e cidadã, fico feliz em termos como aliados um jornal como o JC. Aldeia grita por socorro. A mãe terra tem se esforçado para nos manter felizes e com um bom clima que sempre nos proporcionou por aqui, mas, a realidade é que há dois anos o frio vem desaparecendo, os saguins não nos visitam mais e o verde vai se esvaindo. Peço aos gestores que tomem a verdadeira consciência e façam o que tem que ser feito, e que as bênçãos da natureza continuem a nos fortalecer.

» *Lisley Conolly - Camaragibe - lisleyconolly@hotmail.com*

» **Ladeira**

Publicado em 24.07.2010

Finalmente, os moradores de Aldeia tiveram oportunidade de ler uma excelente matéria nesse jornal a respeito da ladeira do KM-1 da PE-27. Foi muito feliz o professor Manoel Ferreira, do Fórum Socioambiental de Aldeia quando falou das nossas preocupações, como desenvolvimento sem degradação da natureza. Ele falou também da biodiversidade e da derrubada das árvores. Tudo isso nos preocupa e faz com que fiquemos mais vigilantes, para que não aconteça aqui o que já aconteceu em outras cidades do País.

» *Carlam B. Salles - Camaragibe - PE - carlam.salles@cbstelecom.com.br*



Recife, 01 de Agosto de 2010 - Domingo



economia

»

DESENVOLVIMENTO

Aldeia cresce, mas exige cuidados

Conhecida pela área verde, região vem atraindo cada vez mais empreendimentos. Tanta comodidade agrada aos moradores, mas também traz preocupações. Poder público precisa estar presente

Carly Falcão

cfalcao@jc.com.br

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

Supermercado, armazéns de construção, chocolateria, mini-shoppings, salões de beleza, farmácias, academias de ginástica... Tem tudo isso e mais um pouco em Aldeia. Com cada vez mais moradores, a bucólica região remanescente de Mata Atlântica apresentou uma evolução nos últimos três anos no número de comércios nas margens de sua principal via de acesso, a rodovia PE-27, conhecida como Estrada de Aldeia. O avanço enche os olhos dos vendedores, mas deixa os habitantes com medo das consequências de um crescimento desordenado. Caberá ao poder público – governo e Prefeitura de Camaragibe – acompanhar esta expansão e evitar que o desenvolvimento se transforme em transtorno.

O Aldeia Shopping, que fica no km 4, é um exemplo do interesse de investidores na área. Construído em 2005, o centro comercial passou a ser mais procurado pelos lojistas há dois anos. Hoje, está com quase todas as 35 salas alugadas, com exceção de duas delas, que estão à espera de segmentos específicos do mercado. “Todo dia, chega gente querendo locar lojas para vender roupas. Mas queremos oferecer vários serviços. Para o mix que planejamos, só falta termos um sushi e uma delicatessen”, explicou a administradora do mini-shopping, Marcelle Andrade. Segundo ela, os clientes podem encontrar praticamente tudo no local Shopping - de perfumarias a restaurante com comida francesa, de serviços clínicos aos de auditoria.

Em 1990, a arrecadação do IPTU em Aldeia representava apenas 10% do total recolhido em Camaragibe. Hoje esse número chega a 40%.

Para a advogada Marília Andrade Lima, de 24 anos, que mora na área verde desde que nasceu, houve uma “explosão” de habitantes. “Aqui não tinha nada. Precisávamos buscar tudo no Recife. Agora temos até engarrafamento nos horários de pico”, disse a moradora, enquanto desfrutava de mais uma regalia que chegou à região: musculação e aulas de ginástica.

A academia Coliseum se instalou há seis anos no km 9,5 e já atende a mais de 250 alunos. Não foi à toa que o ponto teve um salto de 30% no seu faturamento no decorrer de 2009. O dono do empreendimento, Wellington Nunes, comemora o grande movimento, mas lamenta que a localidade ainda não disponibilize mão de obra qualificada suficiente. “Das seis pessoas que trabalham aqui, apenas uma, a recepcionista, é nativa. Tive que buscar um técnico para a manutenção das máquinas e os educadores físicos em outras regiões”, lamentou Nunes.

Se o mercado vai bem para quem tem concorrência, imagine como estão as vendas daqueles que ainda estão sozinhos no mercado. Nos últimos quatro anos, a loja de bicicletas Aldeia Bike, no km 12, deu uma guinada que culminou num aumento de 70% no faturamento do negócio, entre junho deste ano e o mesmo mês de 2009. “O movimento cresceu tanto que até os preços já aumentaram”, ressaltou o dono do lugar, Alex Pereira, que também tem uma oficina mecânica. O comerciante aposta na instalação da Cidade da Copa, em São Lourenço da Mata, e nos acessos projetados para o desenvolvimento do Oeste do Grande Recife – como o Arco Metropolitano, que ligará os trechos Norte e Sul da BR-101 sem passar pela capital – para ter um salto ainda mais promissor no empreendimento.

“Com o aumento no fluxo de carros e de pessoas, a região promete. Só falta o governo resolver os problemas de infra-estrutura para manter a qualidade”, desabafou ele, ao apontar para os buracos nos acostamentos da via e reclamar da ausência de ciclovias e calçadas para a travessia de pedestres.

De fato, enquanto apurava esta matéria, a reportagem do JC viu vários grupos de alunos de uma escola local voltando para casa pelas margens da pista. Em alguns momentos eles invadiam a estrada para desviar da lama acumulada no caminho. Quem vive na área

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

também reclama de outros problemas típicos de estruturas urbanas desordenadas, como deficiência de saneamento e má coleta de resíduos. “Não há estrutura para receber tanta movimentação. Vez ou outra, vejo lixo exposto na rua”, protestou a nutricionista Teresa Caldas, moradora do local há 30 anos. Ela também se preocupa com a possível degradação dos 891 quilômetros quadrados que ainda restam da Mata Atlântica.

O maior de todos os transtornos para os moradores aparece na hora de contatar algum órgão do poder público para resolver os entraves, já que é necessário recorrer aos sete municípios que partilham pedaços da área de Aldeia: Camaragibe, Recife, São Lourenço, Paulista, Abreu e Lima, Araçoiaba e Paudalho. Eis um problema difícil de se resolver.

Expansão gera boas oportunidades

A grande demanda por material de construção também se destaca no desenvolvimento de Aldeia: existem cerca de dez armazéns do ramo nas margens da PE-27.

Com apenas um ano e meio de atuação nesse mercado, o armazém Constru Center já reembolsou 100% da quantia de R\$ 1 milhão investida inicialmente no negócio.

O que era um módulo de 200 m² multiplicou cinco vezes de tamanho, se transformando em uma loja de 1.100 m², que, por sinal, se diz oferecer todo tipo de produto - areia, tijolo, madeira, tinta, roupa de cama, mesa e banho etc.

Para enfrentar a concorrência, o comércio apostou na criação de um ambiente mais agradável, com climatização, pisos de cerâmica e tapetes vermelhos. Outro diferencial implantado na época foi o atendimento aos domingos (das 8h às 12h) e a facilidade de pagamento com cartão de crédito. “Iniciamos com apenas um caminhão e hoje temos três e já precisamos comprar mais um”, pontuou orgulhoso o supervisor de vendas Williams Antonino, que espera finalizar 2010 com um salto de 20% no incremento.

Essa grande procura mostra que as construções por ali correm em ritmo acelerado. Nos últimos cinco anos, a imobiliária AC Imóveis Aldeia - que atua na Região Metropolitana do Recife e em outras áreas do Estado, mas tem como foco a área de Aldeia - registrou um aumento entre 20% e 30% no número de vendas de terrenos e imóveis.

Um terreno de 1 mil metros quadrados, localizado entre os quilômetros 9 e 16, custa entre R\$ 150 mil e R\$ 170 mil. Já o preço médio do metro quadrado construído fica é de R\$ 2 mil. “Percebemos que a região deixou de ser um local de férias e finais de semana, como acontece com Gravatá, para se tornar uma área residencial. As pessoas vêm em busca de maior qualidade de vida e segurança”, disse o corretor da AC Imóveis Pierre de Lima Filho. Segundo ele, há maior procura por residências em condomínios, que têm menor custo com manutenção. Atualmente, há trinta opções de condomínios em Aldeia.

Com 31 anos no mercado, a Arrecifes Imobiliária, que trabalha com compra e venda de negócios de terceiros, sentiu um aquecimento no mercado nos últimos três anos, o que implicou na valorização do espaço. Uma casa com 600 metros quadrados custava cerca de R\$ 220 mil na época e hoje sair na faixa de R\$ 300 mil. O dono da empresa, Frederico Mendonça, avalia que houve uma valorização de 30% entre 2007 e 2010.

“As pessoas estão fugindo da verticalização do Recife. Vejo Aldeia como um dos locais mais privilegiados atualmente e até mesmo num futuro próximo”, observou Mendonça.

» *Serviço*

AC Imóveis - (81) 3456.1862

Arrecifes - (81) 4009.0909

Diário de Pernambuco (www.dpnet.com.br)

05 de setembro de 2010

Cartas

Aldeia

Não consigo entender o ranço dos esquerdistas com a classe média. Talvez tenham sido rejeitados na infância e na adolescência por esse estrato social, deixando sequelas que afetaram psicologicamente suas mentes até a idade adulta. Digo isso quando vejo comentários desconexos sobre a localidade de Aldeia, uma das poucas regiões ainda aprazíveis no Grande Recife, com resíduos significativos de mata atlântica. As chácaras e condomínios existentes foram concebidos visando à preservação e restauração do verde, por existir desde as décadas de 1960/1970 uma consciência ecológica de seus proprietários. Essas pessoas, muitas das quais optaram por residir neste paraíso, já denunciavam desde essa época, através da Associação dos Moradores de Aldeia, a retirada irregular de madeira para comercialização. A mesma madeira que hoje é comida pelas beiradas com a invasão das favelas, principalmente na parte pertencente a Camaragibe. Os críticos desse reduto de classe média deveriam conhecer alguns condomínios dessa região, como o Sete Casuarinas e o Alvorada, antes de se lançarem a ilações. Deveriam também denunciar a omissão dos poderes públicos, para tentar deter o desmatamento predatório que avança em seu entorno. Sérgio Villaça – Recife

http://www.diariodepernambuco.com.br/2010/10/31/economia4_0.asp

Aldeia, opção de moradia

Local vem despertando interesse de famílias. Estima-se que a população cresceu cerca de 40%, mas falta infraestrutura para atender aos novos moradores
Thatiana Pimentel

thatianapimentel.pe@dabr.com.br

Com uma área de quase 900 quilômetros quadrados distribuídos por sete municípios, Aldeia vem despontando como primeira opção de famílias pernambucanas de classe média alta que procuram paz e segurança, mas não estão dispostas a morar no Interior do estado. A atração exercida pela região de clima ameno é tanta que, nos últimos cinco anos, a população local cresceu mais de 40%. Aumento que pode ser facilmente comprovado pela arrecadação do IPTU da região, que pulou de R\$ 1.253.486,91 em 2005 para R\$ 1.759.115,13 em 2010. Apesar deste crescimento populacional, a região não oferece todos os serviços encontrados nas grandes cidades como bancos, supermercados, loterias, cinemas ou mesmo agências dos correios e esta escassez de opções acabou provocando um outro fenômeno na área: o boom dos condomínios de luxo, onde a unidade habitacional custa entre R\$ 250 mil e R\$ 800 mil.

No local, existem mais de 17 empreendimentos construídos e quatro em finalização. Juntos, eles reúnem um total de 1,5 mil imóveis, o que representa 60% do total de residências existentes na região. "Nunca fizemos um censo específico em Aldeia, até porque existem partes pertencentes a outros municípios mas é notório o aumento tanto de população, quanto de serviços disponíveis na área. Porém, ainda falta muito para que Aldeia ofereça a mesma estrutura encontrada em cidades como o Recife, por exemplo", afirmou a diretora de fomento da prefeitura de Camaragibe, Juliana Novais. Segundo ela, algumas pendências, como falta de agências bancárias ou grandes redes de varejo fogem

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

à esfera da administração pública. "Creio que falta a empresas responsáveis por estes serviços a percepção de como Aldeia está se desenvolvendo rápido. Contudo, estamos planejando eventos periódicos para estimular a chegada de novas empresas".

Uma boa notícia para o empresário Héricles Paes Barreto, dono do restaurante Universidade do Guaiamum, que fica na Estrada de Aldeia. "Quem vem morar aqui faz uma opção de vida, mas Aldeia ainda não oferece autonomia suficiente para sua população. Pelo menos uma vez por semana, temos que "descer" para o Recife. O transporte também é outra dor de cabeça. Só temos ônibus até as 23h, por isso, mesmo nos fins de semana, tenho que fechar a cozinha do restaurante cedo ou alugar alguma van, o que aumenta muito os nossos custos", afirmou. De acordo com ele, que além de trabalhar há 15 anos na região, é morador de Aldeia há 28 anos, a chegada de novas famílias não está sendo acompanhada por investimentos em infraestrutura e isto afeta principalmente o comércio local. "Nós temos um público em potencial que não sai de casa porque não existem atrativos na região como parques ou praças públicas. O restaurante fica praticamente vazio durante a semana e, mesmo aos sábados e domingos, só ocupamos 70% das mesas", reclamou.

E o isolamento dos moradores é ampliado pelos condomínios, que são verdadeiras ilhas de serviços oferecendo salão de festas, quadra de esportes, campo de futebol, playground, açude privativo, piscina, portão eletrônico vigiado 24 horas, recolhimento de lixo próprio e equipe de vigias dia e noite. Alguns, como o Privê Country de Aldeia, possuem até restaurantes nos fins de semana. "É um ciclo vicioso. As pessoas não encontram os serviços que precisam nas áreas públicas e optam por instalá-los nos condomínios. Por sua vez, as empresas que poderiam oferecer estes serviços não se instalam aqui porque não sentem uma demanda expressiva".

Sem preocupações

Apesar das críticas ao isolamento oferecido pelos condomínios de Aldeia, o casal de empresários Paulo e Andréa Vieira, que mora há seis anos no Privê Country e tem três filhos, defende a praticidade e a segurança da opção de morar em condomínio. "Assim que nos mudamos, escolhemos uma casa para morar mas, com o tempo, notamos que os condomínios oferecem opções mais viáveis para quem tem filhos. Aqui, não precisamos nos preocupar com transporte e a segurança porque tem muitos jovens e eles acabaram formando um grupo de amizade que anda sempre junto. As farras são ora lá em casa, ora na casa de outro amigo. Não ficamos tensos nos fins de semana, como a maioria dos pais de adolescentes", afirmou Andréa.

Outro ponto considerado importante pelo casal é o conforto encontrado no empreendimento. "Se você for comprar um apartamento no Recife, só encontra imóveis apertados. Nossa casa tem 600 metros quadrados. Não temos muros, o que também facilita uma aproximação maior com os vizinhos. O próprio condomínio realiza seis ou sete grandes festas todos os anos. Quase todos os fins de semana têm um churrasco em alguma casa do privê. Até se não quisermos comer fora, podemos contar com o restaurante do condomínio, que abre de sexta a domingo", reforçou Paulo.

Para Paulo, o que preocupa mesmo é o aumento da população flutuante na região. "Muita gente "sobe" nos fins de semana e, mesmo com o fluxo crescente, ainda não duplicaram nossa estrada principal, que era uma promessa antiga. Nos domingos à tarde, os engarrafamentos na descida para o Recife chegam a durar mais de três horas".

Mudança de vida

Para o casal Jarina e Rinaldo Oliveira - ela professora, ele gestor de pessoas -, a escolha de Aldeia como novo endereço, há pouco mais de um ano, significou uma verdadeira mudança de vida. Apesar de não terem aderido à febre de condomínios, o casal, os filhos Ruddy e Joyce Marques, de 28 e 26 anos, e o neto de três anos, não têm grandes reclamações quanto à estrutura encontrada no local. "Não temos poluição, nem

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

insegurança, nem o trânsito que nos incomodava quando estávamos em Camaragibe. Parece que moramos no meio do campo e, ao mesmo tempo, basta 15 minutos de carro para chegarmos ao centro", relatou Rinaldo. E, ao optar por construir fora dos condomínios locais, a família ainda economizou cerca de R\$ 150 mil. "Gastamos R\$ 20 mil com o terreno e R\$ 80 mil na construção da casa. Não precisamos de privês. Temos bons mercados, lojas de conveniência, depósitos de bebidas, caixas eletrônicas, farmácia, sorveteria, livraria, lojas de roupas, restaurantes, tudo aqui em Aldeia mesmo", explicou Jarina. Contudo, ela se preocupa com a rotina da filha, que estuda no Recife e se desloca através do transporte público "Se eu perder o último ônibus, que é o de Araçoiaba e saí às 22h30, não tenho mais opção, ou peço carona, ou preciso ligar para casa e pedir para alguém vir me buscar. Nos fins de semana também não temos opções locais de lazer, nem mesmo um shopping ou um cinema", reclamou a jovem. Ainda assim, Joyce aprova a mudança realizada pela família. "Penso no meu filho e sei que poucas pessoas podem propiciar uma criação integrada com a natureza, com muito espaço e pouca sujeira e, aqui em Aldeia, eu posso oferecer isto para ele", completou.

MODELO DE QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

1. Sexo

1. Masculino
2. Feminino

2. Idade

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

1. Até 18 anos
2. 19 a 30 anos
3. 31 a 40 anos
4. Acima de 41 anos

3. Grau de escolaridade

1. Ensino fundamental incompleto
2. Ensino fundamental completo
3. Ensino Médio incompleto
4. Ensino Médio Completo
5. Superior incompleto
6. Superior completo

4. Em qual localidade mora? (identificar o nome popular da localidade em que mora)

5. Há quanto tempo?

1. Até 10 anos
2. 11-15 anos
3. 16-20 anos
4. 21-30 anos
5. Mais de 31 anos
6. Não sabe

6. Sua casa é:

1. Própria
2. Alugada
3. Familiar
4. Empréstada/cedida
5. Outras. Qual?

SOBRE SEUS PAIS

7. Sempre moraram em Aldeia?
1. Sim
 2. Não
 3. Não sabe

8. Se sim, sempre moraram no mesmo local?

1. Sim, pule para questão
2. Não, pule para questão
3. Não sabe

9. Se seus pais moravam em Aldeia, sabe se houve alguma mudança relacionada ao local de moradia nos últimos 30 anos? Se sim, descreva onde se localizava o antigo e destino da moradia de seus pais

10. Se não, onde moravam antes da mudança para Aldeia?

11. Qual motivo levou-os a vir morar aqui?

1. Empregabilidade
2. Contato com a natureza
3. Segurança
4. Possibilidade de moradia
5. Outra
6. NS/NR

12. Qual setor da atividade profissional principal do chefe de sua família (pai, ou mãe quando for o caso)?

1. Agricultura
2. Prestação de serviços
3. Indústria
4. Não sabe

SOBRE SUA SITUAÇÃO PROFISSIONAL

13. Qual tipo de serviço realiza no condomínio?

1. Jardinagem
2. Serviços domésticos
3. Segurança
4. Administrativo
5. Outros. Qual?

14. É um trabalhador regular, com Direitos Trabalhistas assegurados?

1. Sim
2. Não
3. Não respondeu

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social

15. Qual a sua média salarial?

1. Até 510,00
2. De 511 a 1.020
3. Mais de 1.020

16. A renda total de sua família é de:

1. Menos de 510,00
2. 510,00
3. De 511.00 a 1.020
4. De 1021 a 1.530
5. Mais de 1.531

17. Qual a carga horária de trabalho semanal?

1. Menos de 40 horas
2. 40 horas
3. Mais de 40

18. Realiza alguma atividade profissional ligada a agricultura?

1. Sim
2. Não

19. Seu trabalho no condomínio é a principal fonte de renda da família?

1. Sim
2. Não
3. Não respondeu

20. Possui parentes trabalhando em atividade agrícola?

1. Sim
2. Não
3. NS/NR

21. Trabalha na mesma atividade profissional que seus pais?

1. Sim
2. Não
3. NS/NR

22. A opção por trabalhar nesta atividade foi por:

1. Falta de outras oportunidades de trabalho em Aldeia
2. Benefícios oferecidos pelos condomínios
3. Outras. Qual?

23. Relacione os itens a seguir como ótimo/bom/regular/ruim, sobre os serviços, equipamentos e infra-estrutura disponíveis em Aldeia:

1. Transportes
2. Equipamentos de saúde
3. Escolas públicas
4. Coleta de lixo
5. Abastecimento de água
6. Vias locais (calçamento, acessibilidade)
7. Segurança pública
8. Iluminação
9. Comunicação (telefonía, internet, sinais e rádio e TV)
10. Diversidade de comércio e serviços
11. Oportunidades de emprego

24. Em sua opinião, qual o principal fator de atrativo em Aldeia:

1. Contato com a natureza
2. Segurança e o baixo índice de violência
3. Possibilidade de empregos
4. Outro qual? _____

Dinâmica de periurbanização na franja urbana-rural de Camaragibe: transformações espaciais e condição ocupacional dos moradores pobres num quadro de desigualdade social